



LIVRARIA
BRANDÃO "SEBO"
F. 24171-R. do Hospi-
cio, 314 - Recife

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

Obras de Marques de Carvalho

VIII

A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA

(1ª PARTE)

DO MESMO AUCTOR

O SONHO DO MONARCHA, versos. Opusculo	
LAVAS, versos.....	”
PAULINO DE BRITO, critica.....	”
HORTENCIA, romance.....	1 volume
O LIVRO DE JUDITH, contos.....	”
CONTOS PARAENSES.....	”
ENTRE AS NYMPHÉAS, contos..	”
A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA..	”

No prélo:

CONTOS DO NORTE, formosa edição da Papellaria Silva, do Pará.

Em preparação:

A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA (2ª parte).
CHIMERA DE AMOR, novella brazileira.

J. MARQUES DE CARVALHO

A CARTEIRA

D'UM

DIPLOMATTA

COMMENTARIOS — CURIOSIDADES
INDISCREÇÕES

1ª PARTE

RIO DE JANEIRO — PARÁ

1899

Stack
Annex

5012831

A

João Lucio de Azevedo

1108715

Dans les grandes lignes de la pensée, et non dans les fausses fenêtres des chapitres, réside l'unité d'un ouvrage.

HENRY BÉRENGER. — *La France intellectuelle.*

Rien d'ennuyeux comme les relations de voyage, rien de charmant comme les impressions. Le précis, le flottant.

A. DAUDET. — *Notes sur la vie.*

Esborço de um estudo



Escorço de um estudo

No Brazil e especialmente aqui pelo norte, os paizes do Prata são pouco conhecidos e mal comprehendidos. Estamos ainda encerrados no mesmo engano que já nos cobria os olhos ha 30 annos. Pouco estudiosos, julgamos não existir acolá esse adeantamento complexo da vida objectiva, que é a admiração dos nossos compatriotas, quando aportam a Montevideo, a risonha, ou a Buenos-Aires, a vertiginosa.

Ha um simile que dá exacta idéa do nosso engano.

Quando o auctor d'estas linhas sentiu desabrochar-se-lhe a intelligencia, ali por 1871, — a mais não ascende a sua memoria, — ouvia frequentes vezes falar na possibilidade de uma guerra com a Republica Argentina. Regressavam do Paraguay os corpos de civis, que uma ironia popular, talvez inconsciente, christimara de voluntarios da Patria. Terminara a longa lucta bem facilmente evitavel, se ao poder pessoal do imperador não aprouvesse aproveitar o optimo ensejo de impôr ao paiz, por um brilhante feito d'armas, o joven principe consorte da herdeira do throno. Acabavam de suscitar-se as divergencias entre as chancellarias brazileira e argentina, a proposito da reorganização administrativa do Paraguay e das pretensões descabidas do Governo de Buenos-Aires sobre o territorio dos vencidos. Era natural, então, que os animos, n'este paiz, andassem pouco tranquillos e receiassem, mesmo pelas altas espheras de São Christovão e do paço da cidade, na Côrte, um rompimento subito com

a nação aliada da vespera. E ás minhas inexgottaveis perguntas — que só eram comparaveis á minha insaciavel curiosidade, determinante d'aquellas,—respondia uma adoravel parenta proxima, ao embalar-me á hora do Angelus, com tal prolixidade de termos assustadiços, que até muitos annos depois da primeira infancia, havia-se formado em meu espirito a seguinte convicção : — os argentinos eram temiveis selvagens, pelles-vermelhas da Patagonia, cavalgando velozes corcéis pelos Pampas a fóra, sedentos de sangue, o arco sempre retesado, a flexa constantemente em riste ! Eu tremia de susto e velava ; a narrativa não era para induzir-me ao somno ;—a minha informante também estava pallida e apavorada !

Mais tarde, a instrucção lubrificou a dureza das engrenagens que davam movimento a este phantastico e mendaz kaleidoscopio. Lá ao fundo, porém, guardado n'um recesso cerebral, quiçá provocando antigos panicos, eu via sempre o indio antigo,

uma nesga imaginaria do Pampa — como poderia pensar que mais tarde havia de vel-o realmente? — e o relinchante ginete a galopar, a galopar sobre montões de soldados brasileiros moribundos.

Veiu d'ahi o equivoco. Todos nós, filhos da mesma camada e amamentados pela mesma rhetorica da politica internacional do imperio, admitimos equal engano e formamos identica opinião : — os povos do Prata são inferiores a nós e, por isso, nossos inimigos.

Menos de 30 annos foram bastantes para modificar absolutamente a face das coisas. Emquanto, no Brazil, só se tratava de guindar e apear ministerios, os vizinhos do sul cuidavam seriamente do seu desenvolvimento agricola e financeiro ; e quando, fatigados de luctas, elles suffocavam o caudilhismo, nós o perfilhavamos com uma solitudine tão grande, que nem pareciamos demasiado compungidos ante a propria dissolução de uma esquadra na menos intelligente das revoluções.

A quem está reservada a futura hegemonia na America do Sul, senão ao povo que fôr mais assiduo no trabalho, mais apologista da ordem, mais inclinado á adaptação dos grandes elementos hodiernos de progresso, no seio da paz ?

Belém do Pará, 1896.



Em frente a Assumpção



Em frente a Assumpção

O *Rapido* que, por uma coincidência muito commum no Brazil, é, em velocidade, a antithese do seu nome, chegou ao porto de Assumpção ao amanhecer de nublada manhã de agosto. Arrastara-se longamente rio acima, durante oito largos dias, com successivos encalhes. O nevoeiro impedia-nos de ver a cidade, o que redobrava o frenetico desejo que, desde Buenos-Aires, vinha espicaçando o meu espirito:

Fazia frio e, do porto invisivel, chegavam até nós os mil arruidos do

tráfego marítimo, vozes indistinctas, um ou outro silvo de embarcação a vapor.

Ver Assumpção, o quartel-general do dictador Solano López, cujas façanhas, avultadas pela timidez do povo do norte, haviam sido o obsidiante pavor da minha meninice; ver Assumpção, era realisar uma aspiração, cuja demora chegava a tornar-se em dolorosa anciedade.

Depois de passarmos a escavada escarpa de Humaytá, ainda coroadada das ruínas da antiga egreja, augmentara a indefinivel sensação de contentamento e reverente admiração que em mim produziam o nome e as perspectivas do Paraguay. Mas esse *estado d'alma*, que ia até exercer directa influencia sobre o meu physico, accentuara-se depois que transpuzemos o passo de Angostura e a foz do Pilcomayo, á beira do Chaco.

Effectivamente, não era sem orgulho e respeito que eu encarava as duas margens do grande rio, por onde outróra as naves brazileiras, conduzindo heróes, tinham singrado ovan-

tes. Todo um passado historico, evocado pela visão da natureza, resurgia-me no cerebro, trazendo consigo as tristes, erroneas lendas com que, nas terras nortistas, o chauvinismo e a ignorancia haviam embaçado a minha puericia.

Quando o *Rapido* fundeou, não esperei senão a ordem de livre pratica. Minutos depois, eu pisava terras paraguayas. Todo o enthusiasmo de minha alma sequiosa de exotismo pulsava-me no peito, jubilosamente. Eu estava em Assumpção, arenosa e ardente capital, que um desejo de Francia, o hypocondriaco dictador, fazia deserta e silenciosa, para a sua passagem de Hamlet do Grão-Chaco. Ineffavel jubilo, indescriptivel emoção !

Buenos-Aires, 1895.



Um typo



Um typo

Bem raros leitores brasileiros conhecerão o nome do conselheiro João de Souza Lobo, fallecido em Buenos Aires, nos primeiros dias de dezembro de 1896.

Era ministro plenipotenciario de Portugal, em disponibilidade. Passava de 55 annos. Cabellos e bigodes grisalhos. Typo de coronel reformado. As palpebras inflammadas, um *tic* nervoso na emissão das palavras. Era cardiaco.

Tivera posições brilhantes, quando na activa. Antes de ir para a formosa

capital portenha, representara o seu paiz em Washington, onde contrahiu matrimonio com uma senhora norte-americana. Parece que foi mediocrementemente feliz.

Ha annos, o conselheiro Souza Lobo fôra transferido para a Republica Argentina. Mas perdeu o apoio com que contava no governo do seu paiz. E, sem que elle o esperasse, um dia, Portugal resolveu rebaixar a categoria da sua Legação em Buenos-Aires; e Souza Lobo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, foi substituido pelo visconde de Faria, encarregado de negocios. O antecessor d'este passou para a inactividade, com exiguos vencimentos.

O desditoso Souza Lobo não pôde, até á morte, consolar-se da surpresa com que o brindara o seu governo. E, por erronea mas indiscutivel comprehensão de sua situação, lançou á patria a responsabilidade da offensa recebida: resolveu não voltar a Portugal senão reintegrado no cargo de que dizia-se esbulhado.

Muito ligado á Legação do Brazil, ouvi-lhe, varias vezes, ferinas alluções ao visconde da Ribeira Brava, parente e protector do visconde de Faria. A's intrigas d'aquelle attribuia, talvez com sobejas razões, a sua disponibilidade. Entre nós, não tinha peias na lingua. Falando francez habitualmente, mesmo com portuguezes ou brazileiros — Souza Lobo estivera longos annos em França — zurzia com os espinhos da critica, em mordacidade quasi feroz, o nome do seu successor. Devo-lhe um favor, além da amabilidade com que sempre distinguui-me : — conhecendo a fundo a sociedade platina, forneceu-me, sem o saber, preciosas informações sobre os homens e os factos da Republica Argentina. Mais tarde verifiquei serem justas as suas observações.

Mas Souza Lobo errara em conservar-se n'aquelle paiz, após a sua exoneração. Com os meios pecuniarios reduzidos, não pôde manter a primitiva posição. No entanto, as suas relações continuavam a ser as

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

Obras de Marquês de Carvalho

VIII

A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA

(1ª PARTE)

DO MESMO AUCTOR

O SONHO DO MONARCHA, versos. Opusculo	
LAVAS, versos.....	„
PAULINO DE BRITO, critica.....	„
HORTENCIA, romance.....	1 volume
O LIVRO DE JUDITH, contos.....	„
CONTOS PARAENSES.....	„
ENTRE AS NYMPHÉAS, contos..	„
A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA..	„

No prélo:

CONTOS DO NORTE, formosa edição da Papellaria Silva, do Pará.

Em preparação:

A CARTEIRA D'UM DIPLOMATA (2ª parte).
CHIMERA DE AMOR, novella brazileira.

J. MARQUES DE CARVALHO

A CARTEIRA

D'UM

DIPLOMATA

COMMENTARIOS — CURIOSIDADES
INDISCREÇÕES

1ª PARTE

RIO DE JANEIRO—PARÁ

1899

Stagk
Annex

5012831

A

João Lucio de Azevedo

~~1460715~~

Dans les grandes lignes de la pensée, et non dans les fausses fenêtres des chapitres, réside l'unité d'un ouvrage.

HENRY BÉRENGER. — *La France intellectuelle.*

Rien d'ennuyeux comme les relations de voyage, rien de charmant comme les impressions. Le précis, le flottant.

A. DAUDET. — *Notes sur la vie.*

Escoço de um estudo



Escorço de um estudo

No Brazil e especialmente aqui pelo norte, os paizes do Prata são pouco conhecidos e mal comprehendidos. Estamos ainda encerrados no mesmo engano que já nos cobria os olhos ha 30 annos. Pouco estudiosos, julgamos não existir acolá esse adeantamento complexo da vida objectiva, que é a admiração dos nossos compatriotas, quando aportam a Montevideo, a risonha, ou a Buenos-Aires, a vertiginosa.

Ha um simile que dá exacta idéa do nosso engano.

Quando o auctor d'estas linhas sentiu desabrochar-se-lhe a intelligencia, ali por 1871, — a mais não ascende a sua memoria, — ouvia frequentes vezes falar na possibilidade de uma guerra com a Republica Argentina. Regressavam do Paraguay os corpos de civis, que uma ironia popular, talvez inconsciente, chris-mara de voluntarios da Patria. Terminara a longa lucta bem facilmente evitavel, se ao poder pessoal do imperador não aprouvesse aproveitar o optimo ensejo de impôr ao paiz, por um brilhante feito d'armas, o joven principe consorte da herdeira do throno. Acabavam de suscitar-se as divergencias entre as chancellarias brazileira e argentina, a proposito da reorganização administrativa do Paraguay e das pretensões descabidas do Governo de Buenos-Aires sobre o territorio dos vencidos. Era natural, então, que os animos, n'este paiz, andassem pouco tranquillos e receiassem, mesmo pelas altas espheras de São Christovão e do paço da cidade, na Côrte, um rompimento subito com

a nação aliada da vespera. E ás minhas inexgottaveis perguntas — que só eram comparaveis á minha insaciavel curiosidade, determinante d'aquellas,—respondia uma adoravel parenta proxima, ao embalar-me á hora do Angelus, com tal prolixidade de termos assustadiços, que até muitos annos depois da primeira infancia, havia-se formado em meu espirito a seguinte convicção : — os argentinos eram temiveis selvagens, pelles-vermelhas da Patagonia, cavalgando velozes corcéis pelos Pampas a fóra, sedentos de sangue, o arco sempre retesado, a flexa constantemente em riste ! Eu tremia de susto e velava ; a narrativa não era para induzir-me ao somno ;—a minha informante também estava pallida e apavorada !

Mais tarde, a instrucção lubrificou a dureza das engrenagens que davam movimento a este phantastico e mendaz kaleidoscopio. Lá ao fundo, porém, guardado n'um recesso cerebral, quiçá provocando antigos pánicos, eu via sempre o indio antigo,

uma nesga imaginaria do Pampa — como poderia pensar que mais tarde havia de vel-o realmente? — e o relinchante ginete a galopar, a galopar sobre montões de soldados brasileiros moribundos.

Veu d'ahi o equivoco. Todos nós, filhos da mesma camada e amamentados pela mesma rhetorica da politica internacional do imperio, admitimos egual engano e formamos identica opinião: — os povos do Prata são inferiores a nós e, por isso, nossos inimigos.

Menos de 30 annos foram bastantes para modificar absolutamente a face das coisas. Emquanto, no Brazil, só se tratava de guindar e apear ministerios, os vizinhos do sul cuidavam seriamente do seu desenvolvimento agricola e financeiro; e quando, fatigados de luctas, elles suffocavam o caudilhismo, nós o perfilhavamos com uma solicitude tão grande, que nem pareciamos demasiado compungidos ante a propria dissolução de uma esquadra na menos intelligente das revoluções.

A quem está reservada a futura hegemonia na America do Sul, senão ao povo que fôr mais assiduo no trabalho, mais apologista da ordem, mais inclinado á adaptação dos grandes elementos hodiernos de progresso, no seio da paz ?

Belém do Pará, 1896.



Em frente a Assumpção



Em frente a Assumpção

O *Rapido* que, por uma coincidência muito commum no Brazil, é, em velocidade, a antithese do seu nome, chegou ao porto de Assumpção ao amanhecer de nublada manhã de agosto. Arrastara-se longamente rio acima, durante oito largos dias, com successivos encalhes. O nevoeiro impedia-nos de ver a cidade, o que redobrava o frenetico desejo que, desde Buenos-Aires, vinha espicaçando o meu espirito:

Fazia frio e, do porto invisivel, chegavam até nós os mil arruidos do

tráfego marítimo, vozes indistinctas, um ou outro silvo de embarcação a vapor.

Ver Assumpção, o quartel-general do dictador Solano López, cujas façanhas, avultadas pela timidez do povo do norte, haviam sido o obsidiante pavor da minha meninice; ver Assumpção, era realisar uma aspiração, cuja demora chegava a tornar-se em dolorosa anciedade.

Depois de passarmos a escavada escarpa de Humaytá, ainda coroada das ruínas da antiga igreja, augmentara a indefinível sensação de contentamento e reverente admiração que em mim produziam o nome e as perspectivas do Paraguay. Mas esse *estado d'alma*, que ia até exercer directa influencia sobre o meu physico, accentuara-se depois que transpuzemos o passo de Angostura e a foz do Pilcomayo, á beira do Chaco.

Effectivamente, não era sem orgulho e respeito que eu encarava as duas margens do grande rio, por onde outróra as naves brazileiras, conduzindo heróes, tinham singrado ovan-

tes. Todo um passado historico, evocado pela visãõ da natureza, resurgia-me no cerebro, trazendo com-sigo as tristes, erroneas lendas com que, nas terras nortistas, o chauvinismo e a ignorancia haviam emba-lado a minha puericia.

Quando o *Rapido* fundeou, não esperei senão a ordem de livre pratica. Minutos depois, eu pisava terras paraguayas. Todo o enthusiasmo de minha alma sequiosa de exotismo pulsava-me no peito, jubilosamente. Eu estava em Assumpção, arenosa e ardente capital, que um desejo de Francia, o hypocondriaco dictador, fazia deserta e silenciosa, para a sua passagem de Hamlet do Grão-Chaco. Ineffavel jubilo, indescriptivel emoção !

Buenos-Aires, 1895.



Um typo



Um typo

Bem raros leitores brasileiros conhecerão o nome do conselheiro João de Souza Lobo, fallecido em Buenos-Aires, nos primeiros dias de dezembro de 1896.

Era ministro plenipotenciario de Portugal, em disponibilidade. Passava de 55 annos. Cabellos e bigodes grisalhos. Typo de coronel reformado. As palpebras inflammadas, um *tic* nervoso na emissão das palavras. Era cardiaco.

Tivera posições brilhantes, quando na activa. Antes de ir para a formosa

capital portenha, representara o seu paiz em Washington, onde contrahiu matrimonio com uma senhora norte-americana. Parece que foi mediocremente feliz.

Ha annos, o conselheiro Souza Lobo fôra transferido para a Republica Argentina. Mas perdeu o apoio com que contava no governo do seu paiz. E, sem que elle o esperasse, um dia, Portugal resolveu rebaixar a categoria da sua Legação em Buenos-Aires; e Souza Lobo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, foi substituido pelo visconde de Faria, encarregado de negocios. O antecessor d'este passou para a inactividade, com exiguos vencimentos.

O desditoso Souza Lobo não pôde, até á morte, consolar-se da surpresa com que o brindara o seu governo. E, por erronea mas indiscutivel comprehensão de sua situação, lançou á patria a responsabilidade da offensa recebida: resolveu não voltar a Portugal senão reintegrado no cargo de que dizia-se esbulhado.

Muito ligado á Legação do Brazil, ouvi-lhe, varias vezes, ferinas alluções ao visconde da Ribeira Brava, parente e protector do visconde de Faria. A's intrigas d'aquelle attribuia, talvez com sobejas razões, a sua disponibilidade. Entre nós, não tinha peias na lingua. Falando francez habitualmente, mesmo com portuguezes ou brazileiros — Souza Lobo estivera longos annos em França — zurzia com os espinhos da critica, em mordacidade quasi feroz, o nome do seu successor. Devo-lhe um favor, além da amabilidade com que sempre distinguiu-me : — conhecendo a fundo a sociedade platina, forneceu-me, sem o saber, preciosas informações sobre os homens e os factos da Republica Argentina. Mais tarde verifiquei serem justas as suas observações.

Mas Souza Lobo errara em conservar-se n'aquelle paiz, após a sua exoneração. Com os meios pecuniarios reduzidos, não pôde manter a primitiva posição. No entanto, as suas relações continuavam a ser as

mesmas. O infeliz tornou-se, em pouco tempo, um dos typos mais originaes nas rodas diplomaticas. Quando cheguei a Buenos-Aires, já elle conquistara galhardamente o epitheto de emerito papa-jantares. Mas toda a gente o recebia com prazer. E' que, além da sympathia inspirada pela sua posição decadente, era Souza Lobo um fino espirito educado e um conversador muito agradavel.

Andava enfronhado em todas as intrigas da politica local e sabia da vida de cada um dos diplomatas melhor talvez do que da sua propria. Gastronomo delicado, tinha particular predilecção pela cosinha do sr. Marchand, ministro da França, dirigida por um *cordón bleu* parisiense. Levava o espirito de inquerito a saber de cór os salarios que todos nós pagavamos aos nossos creados, mas, especialmente, aos nossos cosinheiros...

De todos murmurava, com um ar adoravel de recriminação. Estas criticas, entretanto, eram attenuadas

por alguns elogios lubrificantes, complacentemente. Bom amigo !

Um dia, falavamos sobre o conde Pedro Antonelli, ministro da Italia, de quem o velho era assiduo commensal.

— Bom cosinheiro, informou elle, com os olhinhos ophthalmicos humedecidos de goso; bom cosinheiro. E o Antonelli, tambem, bôa pessoa, muito bôa pessoa. Mas tem um modo de falar aos creados, que é deveras insolente. *Eh ! coquin, apporte du vin de Champagne !* A' parte isto, uma excellente pessôa.

E assim revistava elle os trinta ou quarenta diplomatas residentes em Buenos-Aires. E até as respectivas esposas.

Era grande amigo de um forte commerciante italiano, o Sr. Penano, ligado a certo grupo diplomatico. Este cavalheiro soccorria pecuniariamente a Souza Lobo, e aturava-lhe as palestras, sempre interessantes, mas ás vezes demasiado longas.

Quando tínhamos muito serviço na Legação e alguém, chegando casualmente á janella, exclamava : « Ahi vem o Souza Lobo ! », todos, em voz unisona, bradavamos :

— Livra !

O porteiro fechava-nos á chave e recebia a incumbencia de responder ao pobre conselheiro que havíamos saído.

Compensava-se ao dia seguinte essa mentira necessaria, porque recebiamol-o então com redobrada affabilidade. Eu estimava-o deveras.

Havia que vel-o a dizer :

— Mas que tenho eu a pagar a Deus, para aturar o Salzberg (o barão de Salzberg, ministro de Austria-Hungria), uma noite inteira, a beber cerveja no *bar* do Luzio ?

A verdade é que o pobre diplomata era quem adheria ao collega, que não se julgava obrigado a contrafazer antigos habitos, depois de havel-o opiparamente regalado com o jantar.

Dizia também, ás vezes :

— O Antonelli, que tem mais de 120 ceroulas e mais de 60 trajos de

casemira, bem podia comprar outro chapéu alto...

E rematava, com dolorosa philosophia :

— *Il faut laisser les vieux gibus aux diplomates portugais...*

De facto, o mallogrado conselheiro andava pobremente vestido : o seu fraque tinha manchas insidiosas, resistentes á benzina. Só a casaca, apesar de veterana, conservava ainda o brilho da casaca diplomatica.

Uma feita, Raul de Amaral, o meu querido e inolvidavel collega, actualmente Secretario na Legação em Londres, contou-me a seguinte passagem, pintura viva do genio d'esse velhinho.

Assis Brazil, quando chefiava a nossa Legação em Buenos-Aires, ia passar o verão no campo. Um dia, em San Fernando, appareceu-lhe Souza Lobo, de quem era muito amigo. Amaral também ahi estava. Como se prolongasse a conversa, Assis Brazil pediu-lhes que ficassem para jantar, o que, aliás, succedia varias vezes ao mez. Accedendo o

conselheiro, que não era de ceremonias, nenhum extraordinario foi ordenado para a refeição. A' saída, caminho da estação, Raul de Amaral foi detido pelo companheiro :

— Mas este nosso Assis não sabe ter melhor Bordeaux ? E porque não varia de sopa ? Sempre cevadinha, sempre macarrão, sempre tapioca, sempre legumes, sempre *consommé* ! Que diabo ! Bem poderia ter melhor cozinheiro o nosso amigo...

O certo é que, poucos dias depois, voltava Souza Lobo á casa de Assis Brazil, sem convite prévio. Jantava com o ministro, porém á saída fazia sempre identicas observações. E Amaral bem depressa convenceu-se de que tal maledicencia era inofensiva caturrice de velho.

Souza Lobo vivia com um filho, já púbere. Não me consta que outros tivesse. Occupava um commodo modesto. Pela manhã e á tarde, era certo encontral-o na rua Florida, cigarro á bocca, as mãos abanando.

Ha, n'essa rua, uma florista parisiense, a Francine, cujas orchídeas,

em açafates de rosas, ennastrados de fitas, são o encanto geral nos banquetes e bailes. Para mim, as admiráveis cestas da Francine traziam-me ao espirito a nostalgica recordação da Amazonia, onde as orchídeas ostentam incomparavel belleza.

Pois o velho diplomata enamorara-se da florista. E ali, entre as avencas, as lactanias, os tinhorões, os lilazes e as violetas, n'aquella humida temperatura de jardim abrigado, o conselheiro esquecia os reumatismos e passava largas horas quotidianamente. Pobre amor singelo de quinquagenario enfermo, cuja maior expansão era a conversa, sobre Paris e a vida parisiense,—com o marido da florista!

*

O telegramma communicando o fallecimento de Souza Lobo accrescentava que o ministro de Espanha, encarregado da Legação de Portugal, recusara-se a fazer-lhe o enterro. A patria pagara-o mal e, além d'isso pretendia talvez deixal-o insepulto.

N'este ponto, assimilham-se as nações decadentes: os funcionarios que melhor servem são os menos comprehendidos. Com um pouco de sarcasmo, poder-se-ia dizer que ha o appello para a justiça posthuma. O Governo argentino, porém, que sempre entretivera cordiaes relações com o conselheiro João de Souza Lobo—e, afinal de contas, não podia ver tão extranha hesitação perante o cadaver de um ministro plenipotenciario, tomou a si o piedoso encargo de dar-lhe sepultura.

Com a inhuação d'esse homem desapareceu dos circulos diplomaticos de Buenos-Aires um dos typos mais caracteristicos do fidalgo arruinado.

Belém do Pará. 1897.



Em defeza propria



Em defeza propria

Seja-me permittido tratar mais directamente de mim mesmo, durante algumas paginas : tenho necessidade de refutar certas lendas que a inveja intrigante e a descaroadada infamia crearam em torno do meu nome e da minha honra.

Tres annos passei silencioso, sob a saraivada de insultos que a malignidade dos desaffectedos pessoaes e politicos despejava contra mim. E' que a consciencia, abroquelando-se na calma do dever cumprido, nada receiava ; é, mais tarde, iniciado o

processo, aguardava que os tribunales judicarios falassem na ultima instancia, para só então ceder a vez á defeza plena, perante a opinião nacional. Estas linhas, repletas de curiosas revelações sobre a politica e a diplomacia do Brazil, nos ultimos annos, destinam-se não sómente aos meus compatriotas, mas também, e com especialidade, aos meus prezados conterraneos. Pugnando pela minha honra, tenho a consciencia de ferir o bom combate pelo nome paraense.

*

Quando, a 6 de setembro de 1893, estalou a revolta de uma parte da esquadra brasileira, exercia eu, com toda a convicção de um funcionario estimulado pelo proprio pundonor, o cargo de 2º Secretario na Legação junto ao Governo do Paraguay. Por tres vezes o sr. dr. Lins de Almeida, meu chefe em Assumpção, tivera en-sejo de enviar aos srs. ministros do exterior officios confidenciaes, fazendo honrosissimas referencias aos meus serviços, zelo e dedicação. A

pedido do sr. dr. Victorino Monteiro, que estava descontente com o 2º Secretario Gomes Pereira, o Governo Federal fez-me a honra de me remover em igual character para Montevideo. Durante 14 mezes, fui acolá decidido auxiliar do illustre riograndense, que em mais de um documento official elogiou e exaltou incondicionalmente a coadjuvação que, a seus olhos, representavam os meus serviços. N'aquelle periodo,—em que o trabalho foi insano, das 6 horas da manhã ás 11 da noite e durante o qual accumulei sosinho as funcções de 2º e 1º Secretario,—duas vezes me coube a distincção de assumir o posto de Encarregado de Negocios. Creio havel-o honrado com a maxima dignidade, pois o Governo brasileiro, preterindo nada menos de *dezeseis* collegas meus — e apezar de instante recusa de minha parte, — dignou-se de promover-me a 1º Secretario.

As duas Legações do Brazil no Rio da Prata eram então as mais evidentes, as mais melindrosas que o paiz possuia. Mesmo após a vergonhosa

capitulação tácita do contra-almirante Custodio de Mello, a posição da diplomacia brasileira em Montevideo continuava a ser notabilíssima, por effeito da lucta civil que no Rio Grande do Sul mantinha ainda em armas dois fortes grupos bellicosos. O nosso verdadeiro quartel-general, para as operações de guerra, ali estava, no palacete do sr. dr. Victorino Monteiro. De lá partiam para a fronteira as ordens que o intemerato marechal Floriano Peixoto enviava directamente do palacio Itamaraty ao seu illustre delegado. E era a Legação na Republica Oriental do Uruguay quem pedia a internação dos corypheus da revolução federalista e a apprehensão das armas e munições que elles, por mil artimanhas, tentavam expedir com destino ao theatro da lucta. Imagine-se por estas poucas linhas que férvidas invejas, que azedas competencias não provocavam, a contra-gosto proprio, os diplomatas que lá desempenhavam seus arduos deveres por amor á pacificação da patria.

Parte da gloria que, a mui justo titulo, cercou o nome benemerito do dr. Victorino Monteiro, havia de reverter em honra de quem, como eu, foi o seu braço direito e substituto legal. Depois de honrosamente removido para Buenos-Aires, continuei a ser junto ao. sr. dr. Fernando Abbott o que fôra ao lado do seu collega : um espirito dedicado ao trabalho, um auxiliar que não media esforços para o melhor exito da acção diplomatica de seu chefe. Mas assim como foi commigo para a outra margem platina a confiança da chancellaria da Gloria, assim também seguiram-me até á Republica Argentina os olhares dos adversarios da ordem legal e as machinações de quantos, com diversos intuitos, sentiam o mesmo odio invejoso contra o joven diplomata de venturosa carreira. Não houve então infamia que a calumnia não engendrasse contra mim. De algumas d'essas indignas hostilidades direi n'outro ponto. Vejamos agora varias faces de meus actos como Encarregado de Negocios. Falarei apenas do

tempo em que estive em Buenos-Aires; de Montevideo é ainda cedo para tratar, attentas as condições especiaes da conflagração riograndense, as quaes exigiram gestões que devem por emquanto permanecer em reserva.

*

Ao ser eu removido para a Republica Argentina, — poucos dias após a entrega das credenciaes que acreditavam o sr. dr. Fernando Abbott no character de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, — pude verificar a exactidão de minhas previsões originadas no Paraguay e em Montevideo: a opinião publica estava ali fortemente inclinada a favor dos revolucionarios riograndenses e dos revoltosos da esquadra custodista. O governo do marechal Floriano era encarado como potencia que se devia receiar, por não offerecer bases solidas a uma séria confiança internacional. De Washington chegavam, com os salgados cheques do sr. dr. Estanislau Zeballos, annuncios de terriveis machinações dos

illustres patronos das pretensões brazileiras sobre o territorio de Missões. A imprensa andava atravancada de *interviews* com os chefes revolucionarios do Rio Grande. E o eminente sr. dr. Ruy Barbosa, ex-ministro do Governo Provisorio, levando para o jornalismo platino a retumbante fama do seu prestigio intellectual, provocara contra o nosso paiz um forte movimento de antipathia, de que fôra injustiça responsabilisar os argentinos. A lucta nas cochilhas riograndenses chegara ao apogêo: Rio Negro, Passo Fundo e tantas outras jornadas memoraveis— e nem por isso menos dignas de lastima, — eram nomes que a opinião publica em Buenos-Aires dizia e repetia com um movimento de commiserção em pról dos federalistas, que lá possuiam optimos agentes de propaganda, d'entre os quaes é de justiça destacar o activo e habil sr. dr. Gaspar da Silveira Martins.

Tudo concorria, portanto, para que os representantes do Governo legal, tão malsinados por seus proprios

compatriotas, achassem na grande capital argentina uma pesada atmosphera, se não de hostilidades, ao menos de enormes prevenções. Em tal emergencia, a missão do plenipotenciario brasileiro erguia-se rodeada de difficuldades; mil embaraços havia a vencer,—os preconceitos da ignorancia da verdade, ao principio e, depois, a muralha de receios já alevantada pela incessante campanha opportunamente feita nas columnas dos jornaes e ás mesas dos cafés, em toda a parte onde havia uma sympathica estrangeira a captar.

A um espirito mediocrementemente sagaz a primeira tarefa que devêra affigurar-se, no circulo diplomatico, seria a da concentração de forças intelligentes que, mostrando a falsa orientação dada á sociedade argentina a nosso respeito, a pouco e pouco a predispuzessem para melhor attitude ante os representantes officiaes do Brazil. Seria um lento trabalho de approximação discreta, sem excessivo açodamento, — antes dissimulação do que ousadia. Paulatinamente

ficariamos em posição util ao melhor serviço da causa em vista. Uma vez insinuados na confiança dos estadistas locais, buscaríamos desvendar a seus olhos a verdadeira situação da nossa patria, cujo Governo estava longe de affagar as intenções de hostilidade internacional que a especulação partidaria lhe attribuia.

Ao sr. dr. Abbott, que succedêra ao geitoso dr. Fernando Osorio, não pareceu ser esse o melhor caminho. E comquanto, na expressa declaração do sr. dr. Carlos de Carvalho, aqui no Rio, aos srs. drs. Victorino Monteiro e senador J. G. Pinheiro Machado, eu tivesse sido removido afim de exercer de preferencia junto ao novél diplomata as funcções de consultor especial,—*de guia*, disse-o o illustrado ministro do exterior, — s. exc. jamais se dignou expôr-me claramente os seus intuitos ou sequer pedir-me uma opinião, mesmo a titulo de simples conversa, nos primeiros tempos de sua gestão na plenipotencia. S. exc., que antes fizera todos os esforços para prolongar a

minha permanencia em Montevideo e *nunca* me entregou a portaria de minha remoção,—s. exc. era de uma reserva tão fria, que levou-me a limitar a minha acção ás discretas e simples tarefas burocraticas do cargo de 1º Secretario. Mas, dentro de mim, attenta sempre, achava-se em vigilia uma alma de patriota ; e era com os olhos de antigo jornalista e homem de letras que eu acompanhava a original attitude, os desencontrados movimentos do meu chefe.

Seria, não obstante, pouco difficil ao sr. dr. Abbott a obtenção de um bom resultado, se elle quizesse continuar, desenvolvendo-a, a acção, um tanto hesitante, iniciada pelo seu antecessor. A sua nomeação fôra acolhida com extraordinarias restricções, é certo. Personagem que tomara saliente parte na lucta riograndense, olhava-c o Gabinete buonaerense com prevenção e desconfiança. Posso garantir que, se tivesse havido a consulta prévia do estylo, a proposta do seu nome seria repellida pelo dr. José Evaristo Uribúru, presidente

da Republica. Mas o sr. dr. Abbott é homem intelligente e sabe, quando assim o quer, tornar-se insinuante e sympathico. Bastar-lhe-ia então, após o gyro de visitas officiaes da praxe, entreter latente a cordialidade resultante d'esse primeiro encontro. Por infelicidade, assim não o julgou necessario o sr. ministro: feita a primeira approximação, deixou-se quedar em casa, repartindo o tempo entre os cuidados que sua respeitavel familia reclamava e uma correspondencia demasiado complicada com os correligionarios de seu Estado natal. As summidades do Governo e da politica argentina desfilaram pelos salões da Legação— e á maior parte não foi dado o gosto de receber mais noticia directa do sr. ministro.

Em outro estudo analysarei mais detidamente, com abundancia de pormenores interessantissimos, os actos do sr. dr. Fernando Abbott. Hoje, repito, quero apenas tratar de mim proprio. E' justo que se defenda e demonstre os serviços por si prestados

á patria, quem foi tão ignobilmente vilipendiado e perseguido, ao ponto de chegar até á barra do mais elevado tribunal judiciario da nação, envolvido n'um processo monstruoso.

*

Dias depois de minha chegada, como atraz ficou dito, notei que o meu chefe tratava-me com uma desconsideração que eu estava longe de merecer, pois timbrava sempre em manter-me sem desaire na subalterna attitude do meu posto. Bem depressa reparei que s. exc. guardava em seus aposentos particulares todos os telegrammas e officios dirgidos á Legação, documentos que, pelo regimento interno, competiam á guarda e exclusiva responsabilidade do 1º Secretario. Combinando este procedimento com a natural prevenção do sr. dr. Abbott contra mim, em virtude da já citada significação que, na sua propria presença, ao sr. dr. Carlos de Carvalho aprouvera conferir á minha transferencia para Buenos-Aires,—deliberei logo deixar

o diplomata estreiante entregue á sua propria inspiração. Telegraphei, pois, ao sr. ministro do exterior, pedindo demissão e d'esta iniciativa dei conhecimento ao mesmo sr. dr. Abbott, em attenciosa carta. Não foi acceto o meu pedido e, por intermedio do operoso dr. Victorino Monteiro, o sr. dr. Carlos de Carvalho fez-me constar que eu continuava a merecer-lhe toda a confiança. A' vista de taes provas de consideração — ou antes reconhecendo que fôra demasiado temporão o expediente ensaiado para libertar-se de minha vizinhança, — o sr. dr. Fernando Abbott acudiu á minha residencia, acompanhado do 2º Secretario Raul de Amaral e, pedindo-me que « permanecesse no posto de honra a seu lado », explicou que os actos por mim attribuidos ao desejo de molestar-me os melindres eram apenas « effeitos da sua completa ignorancia em assumptos diplomaticos e de secretaria ». Aceitei, quasi emocionado, taes desculpas, selladas por

um abraço pharisaico da parte do sr. dr. Abbott.

Adeante ver-se-á que essas excusas fôram apenas verbaes e que o sr. ministro, preparando mais tarde uma cilada á minha confiante lealdade, encontraria azada occasião para vingar-se d'aquelle independente assomo do meu pundonor. A cordialidade que se estabeleceu entre nós, a partir d'esse dia, se foi inteiramente franca e sincera de minha parte, revestiu, pela de meu chefe, a fôrma de insidiosa e infame dissimulação.

*

Já demonstrei o quadro em que a Legação brasileira exercia os seus movimentos junto ao Governo da Argentina; já expliquei a pesada atmosphaera em que tinha de respirar, por virtude de ponderaveis causas.

Assumindo o posto de Encarregado de Negocios, no 1º semestre de 1895, quando o sr. dr. Abbott emprehen-deu viagem ao Rio de Janeiro, tratei

logo de agir de accordo com os ditames de minha consciencia, no melhor interesse da patria. Não foi a vaidade de uma posição eminente que me suffocou então : eu não era já um caloiro da diplomacia, pois por duas vezes havia estado em identico posto em Montevideo ; mas alegrei-me por me sentir investido de um poder que me habilitava a corresponder aos mais vehementes votos do meu patriotismo. Tratei, portanto, de emprehender a citada politica de approximação discreta, que eu tinha a certeza de ser a unica proveitosa e efficaz. Não enganei-me : dentro de pouco tempo, o corpo diplomatico estrangeiro de Buenos-Aires, o Governo argentino, os mais notaveis estadistas d'esse paiz,—estavam de vistas voltadas para a Legação dos E. U. do Brazil. Mais ainda : a principal sociedade portenha, que é a mais correcta e elegante da America do Sul, e também uma das mais reconcentradas, deferia aos representantes brasileiros notabilissima attenção. Era um

movimento de sympathia unisona que se iniciava de todos os pontos da grande e faustosa capital. Até então, ao que fui informado, raras vezes a Legação era representada em qualquer cerimonia que não tivesse cunho iuteiramente official,— excepto no tempo do sr. dr. Assis Brazil, que ali começou a affazer-se á etiqueta diplomatica. Eu tive a bôa idéa, a habilidade, diria, se não fosse modesto, de provocar esta vira-volta necessaria. Com abundancia de precauções, um tino de que me orgulho, uma prudencia incessante, consegui desannuviar o horizonte da nossa diplomacia e collocar a representação brazileira no ponto justo que lhe estava assignado.

O laudo de Cleveland a favor do Brazil, na questão de Missões, trouxera, apesar da apparente indifferença, um refluxo de despeito ao fundo da alma argentina. Elle revelou-se nas acerbas investidas que o jornalismo extravazou sobre o sr. Zeballos. Senti a necessidade de neutralisar esse effeito, que poderia ser nos

causa de futuros prejuizos e embaraços na fronteira sul-riograndense: busquei, pelos modos que melhores me pareceram, obsequiar, na pessoa de seus governantes, de seus vultos eminentes, de seus honrados chefes de repartições superiores, a propria nacionalidade que, perdendo um pleito de honra, poderia julgar-se com direito a malevolos despiques. Bem depressa desapareceu a mo-fina impressão e eu percebi que, sob os pés, estava firme o terreno por onde tinha de conduzir a acção diplomatica a mim incumbida. O Governo do sr. dr. Uribúru entrou a distinguir-me com altas deferencias. Encontrei-o sempre disposto a acceitar as gestões que lhe offerecia e inclinado a soluções que nos não deixassem em posição inferior.

Durante esse tempo, fiz despesas de certa importancia, por estricta conveniencia de occasião, algumas, por auctorisação do sr. dr. Abbott, a maior parte. Mas os resultados das primeiras fôram altamente compensadores para a nação brasileira.

Voltando do Rio de Janeiro, aquelle senhor mostrou-se maravilhado pelos effeitos por mim obtidos. E em officio reservado ao sr. dr. Carlos de Carvalho e em cartas particulares, lavrou grandes elogios á minha « capacidade e clarividencia ». Em outubro de 1895, fôram saldadas com o Banco Italiano del Uruguay todas as contas da Legação, excepto algumas cujos documentos—explicou-me o sr. ministro,—não lhe tinham sido enviados da fronteira e ficavam, por isso, para o futuro saque.

Em janeiro de 1896, recebi instantes telegrammas do Pará, afim de ir, como deputado, tomar assento no Congresso Legislativo. Pedindo e obtendo a correspondente licença do Governo Federal, achava-me prestes a partir, quando o sr. dr. Abbott, uma tarde, os olhos rasos d'agua, chamou-me á parte e confessou-me o seguinte. Sua esposa, gravemente enferma, estava sem appellação condemnada á morte. E elle então, por um impulso muito comprehensivel de carinho conjugal, desejava

conduzil a ao Rio Grande, para que fosse exhalar o alento derradeiro nos braços de seus parentes. Não podia, comtudo, realisar este voto, se eu partisse para o norte. Incontinenti attendi ás suas supplicas e desisti da licença,—com risco de comprometter o meu futuro politico. Certo que não foi isto uma delgada prova de consideração; comtudo, outra maior dei-lhe ainda. O sr. dr. Abbott,—que bebe bastante e, quando bebe, joga,—não tinha dinheiro para a viagem. Emprestei-lhe ainda alguns contos de réis,—que tomei por adeantamento, de minha conta particular, ao Banco Italiano, de Montevideo.

Dias depois, s. exc. embarcava de novo para o Brazil, ficando eu, mais uma vez, Encarregado de Negocios. A' sua partida, o sr. dr. Abbott recommendou-me verbalmente que mantivesse as pensões por elle estabelecidas aos srs. dr. Eduardo Calado, ministro plenipotenciario aposentado; Climaco dos Reis e Sández, jornalistas e a um grande grupo de

individuos da fronteira correntina, chefiados por Etchegaray, Molina, Areco, etc., — todos elles espiões de s. exc. Também fui incumbido de pagar as traducções e publicação de varias obras dadas a lume, como exclusivo preconicio ao Rio Grande, por João Damé, brasileiro residente em Buenos-Aires e por Gustavo de Castro, pseudonymo do proprio ministro. Duas vezes paguei ainda a impressão de uma volumosa obra de educação, vertida, ou revista. pelo sr. dr. Gomes Pereira, Secretario da Legação. E á fé que todos aquelles assalariados e plumitivos possuiam amplas, insaciaveis guélas!

Ainda a meu cargo ficaram as despezas da avultada correspondencia telegraphica com as auctoridades estaduaes do Rio Grande, aluguel do edificio da Legação e outros gastos de expediente.

Ao partir, s. exc. interpretou um telegramma do sr. dr. Carlos de Carvalho sobre o sr. Miguel de Giers, ministro da Russia, como discreta recommendação para fazermos as

mais honrosas manifestações áquelle diplomata, pois constava que ao tsar ia ser affecta a solução da divergencia com a França, quanto ao territorio contestado no Amapá. E assim tiveram origem, de todo o ponto justificada, as festas com que a Legação do Brazil, sob a minha gestão, rendeu homenagem ao digno filho do grande chanceller extincto do imperio russo.

Devo mencionar ainda outros actos meus, durante a ausencia do sr. dr. Abbott.

Um dos mais importantes factos da minha interferencia nas relações com a Republica Argentina foi a resolução da celebre questão das quarentenas, ponto de eternas queixas de meus antecessores. Apesar de medico, o sr. dr. Abbott nada fizera além da organização de uma disparatada proposta de accôrdo sanitario, que se me affigura ter tido o dom de provocar identicos sorrisos de mofa nas chancellarias dos dois paizes. Recebi do meu Governo diversas bases para novas gestões e

tive a fortuna de obter que fossem acceitas pelo sr. dr. Amancio Alcorta, ministro do exterior. Só não ultimei a negociação do accôrdo, porque, após a viagem do sr. dr. Epiphanio Portela ao Rio, o sr. dr. Carlos de Carvalho entendeu mais glorioso ao seu laureado nome avocar as transacções sobre todos os assumptos confiados ás nossas diferentes Legações. Mas resta-me a satisfacção de proclamar que, no accôrdo posteriormente celebrado, fôram materia vencedora as preliminares por mim suscitadas em as primitivas discussões. E passo em silencio umas quantas reduções de periodos de quarentenas e observações sanitarias impostas a diversas embarcações de procedencia brazileira, —conquista relevante, já pela reluctancia que existe no Prata para estes favores, já pelos amplos lucros que de tal obtenção resultaram aos interessados.

No capitulo adeante inserto com o titulo « O nosso papel-moeda falsificado na Argentina » expuz á evidencia

que a mim cabe a honra de haver demovido o Gabinete de Buenos-Aires a aceitar gestões para o convenio que depois se realisou sobre a repressão d'aquelle crime. Foi uma grande victoria, da qual tomo a liberdade de reclamar a parte de desvanecimento que julgo caber-me.

Homem de imprensa, colligi que o jornalismo argentino poderia ser optimo auxiliar á divulgaçãõ do nome brasileiro no Prata; porém não deixei de comprehender que, sobretudo n'essas relações, era preciso duplicar de cautelas e agir com extrema cordura. O diplomata pécca menos pela reserva do que pela esphafatosa publicidade de seus actos. Este principio impunha-se-me sobretudo na Republica Argentina, onde a imprensa é um curioso amalgama da reportagem ultra-movimentada dos americanos e do rastaquouérismo indiscreto de certas folhas parisienses. Tive a bõa sorte de achar intermediarios sensatos—pessõas de alta competencia intellectual e social, diametralmente oppostas ao

decantado Climaco dos Reis. Ainda sobre este assumpto não encontro senão motivos para vangloriar-me, desde as referencias pessoaes que os grandes e sérios orgãos matutinos houveram por bem dispensar-me, até ao acolhimento sympathico benevolamente concedido a certas communicações escriptas que lhes fiz em favor do Brazil e das quaes a mais notavel foi todo o Retrospecto brasileiro correspondente a 1895, estampado em um dos melhores diarios da culta cidade portenha.

Vem a proposito, agora a menção do falado processo do *Petit Journal*, de Buenos Aires, nova demonstração do meu zelo diplomatico. Era nos dias subsequentes ao do grave conflicto franco-brazileiro, á mão armada, no territorio do Amapá. O nome de Veiga Cabral,—quem diria que lhe estava destinada tão lata celebridade após os tristes acontecimentos de 11 de junho de 1891, no Pará? — o nome de Veiga Cabral andava estampado pela imprensa dos dois mundos, servindo de centro em

torno ao qual gravitavam as mais disparatadas versões sobre aquelle successo. E' claro que, em Buenos-Aires, houve a correspondente repercussão do facto. E um papelucho francez que ali se publicava, deu-se pressa em vingar-se da Legação brazileira, que uma feita repellira suas propostas para a propaganda brazilophila, desandando sobre a nossa nacionalidade uma serie de verrinas tão violentas quanto immundas. A reincidencia, nos dias subsequentes, aggravou a infamia dos follicularios. Por momentos, pensei na possibilidade de uma repressão policial e n'este sentido, e em character officioso, solicitei os bons desejos do sr. dr. Amancio Alcorta. Mas a legislação argentina—a meu ver deficiente n'este ponto, — não permite a ingerencia da auctoridade em similhante situação. Só um processo judicialo poderia surtir o almejado effeito, punindo o vilipendiador da honra de minha patria. Obtida a venia do Governo Federal, pude incumbir o illustre dr. Antonio Tarnassi,

um dos mais eminentes personagens do fôro argentino, de chamar á responsabilidade o *Petit Journal*. Desencadeou-se contra mim e contra o Brazil, n'esse papel, uma campanha feroz, em exuberante productividade de adjectivação emporcalhada. Emquanto assim bramia, em quotidianas ejaculações, o orgão francez, chegava ao meu conhecimento o boato de que o trêfego redactor, delegando em destemidos sicarios a tarefa da desforra, havia deliberado a minha suppressão por meios violentos. Não receei a covarde vindicta; nem por isso incommodei a policia; mas fiz constar ao *Petit Journal* que os diplomatas brazileiros também sabem repellir as surpresas dos bandidos. Nada me aconteceu de anormal. N'esse entremettes, corria o processo os tramites legaes, chegando, logo de principio, a dar azo a uma decisão juridica, que estabelecia doutrina nova no direito argentino: a competencia (*personeria*) do representante brasileiro para instaurar aquella acção. Depois

de algumas semanas, desaparecendo o *Petit Journal*, cessou a campanha contra o Brazil. Não sei se o processo continuou após a minha partida de Buenos-Aires; mas devo salientar que, durante os ataques do jornaléco francez, tudo quanto na Republica Argentina possúe um nome timbrou em significar-me os altos testemunhos de sua sympathia pessoal e ardentes votos pela fraternisação de nossos paizes. Que differença d'aquella apathia que ainda se notava á minha chegada ali!

Com este processo, houve dispendios pecuniarios, implicitamente autorisados pelo referido telegramma do sr. dr. Carlos de Carvalho. Pois taes dispendios, excepção feita da *primeira* retirada, liquidada em outubro de 1895, fôram lançados á minha conta e figuram no acervo de gastos pelos quaes me vi responsabilizado e processado! Seja isto frisanste exemplo ao patriotismo dos futuros representantes do Brazil no exterior. De que vale sair a campo em defeza da patria, se o vilipendio

é o premio de tão nobre attitude? Preferivel e commodo é, certo, ser burocrata nullo, adstricto á banalidade chata dos officios incolores, de quinzena em quinzena!

Graças á minha intervenção *officiosa*, porque officialmente nada se poderia conseguir, foi posto em livre pratica, em 1896, o paquete *Rapido*, do Lloyd Brasileiro, apprehendido sob a inculpação de contrabando, por irregularidades em seus papeis aduaneiros. Com este acto, livrou-se o meu Governo da grande vergonha de ser indigitado como contrabandista,—porque a maior parte da carga pertencia aos ministerios da guerra e da marinha,—e o Lloyd escapou de pagar multa correspondente a cerca de 350 contos de réis. O decreto por este motivo expedido é altamente honroso para mim.

Todas as pequenas questões de chancellaria fôram resolvidas amigavelmente entre mim e o sr. dr. Amancio Alcorta, com reaes proveitos para os nossos paizes.

Em virtude d'esta cordialidade e de minhas instantes solicitações, foi que o Governo argentino resolveu mandar ás aguas de Guanabara alguns vasos de sua optima esquadra, —visita inolvidavel, que foi o sello novo a confirmar o tacito pacto de intelligente comprehensão e laboriosa estima em que devem viver os dois povos. Em linhas geraes, posso dizer que fui sempre um servidor consciencioso da patria. Nunca hesitei, quando devia deixar á margem fórmulas encanecidas, para seguir direito e rapido pelo caminho pratico, uma vez que de tal recurso adviesse real proveito aos interesses brasileiros, sem quebra da respeitavel dignidade argentina.

*

Quando voltou do Rio Grande, o sr. dr. Abbott apresentou-se outro homem,—o dos primeiros tempos. Não pudera conformar-se com o prestigio que, cercando o meu nome e a minha pessôa, echoara até em Porto Alegre, e irritava-se ao ver que os

jornaes concediam-me o titulo de *ministro*, por menor conhecimento da technica diplomatica. Esforçava-se por um rompimento, mas faltava-lhe o motivo. Este motivo, deparou-lh'o o acaso.

Dando cumprimento a uma ordem do Governo Federal, a Legação estava mudando-se para outro predio. Andava tudo em reboição, uma tarde, ás 2 horas, quando o sr. ministro pediu-me que fosse a toda a pressa ao Banco de Italia, buscar 6.000 pesos papel, destinados á garantia do aluguel da nova casa e outras despezas. Só então lembrei-me de que, em virtude da azafama da mudança, escapara-me á memoria a necessaria communicação ao Banco, sobre a reinvestidura do sr. ministro na plenipotencia. E como era tarde, não havendo tempo bastante para lavrar o correspondente officio de participação, — resolvi guardar o cheque firmado por s. exc. e extrahir novo, por mim assignado, tanto mais quanto legalmente, perante aquella casa de credito, era eu ainda o responsavel

pelos actos da Legação. Guardei, porém, o outro documento, afim de o devolver ao sr. dr. Abbott em tempo opportuno.

N'essa mesma tarde, s. exc. pagou-me, *com o dinheiro vindo do Banco*, a somma que me devia e declarou dispensados os Secretarios do comparecimento aos trabalhos, emquanto não terminassem a mudança e arrumação da nova casa.

Não expirara o praso d'essas pequenas férias, quando, em visita matinal ao sr. ministro, devolvendo-lhe o cheque, contei-lhe a necessidade que tivera de o substituir. Isto foi o salvaterio de s. exc., que logo prorompeu em duras increpações, telegraphando depois ao sr. dr. Carlos de Carvalho, para obter a minha demissão. Em vão fiz-lhe ver que a substituição do cheque nenhum crime envolvia, porque o dinheiro fôra por elle mesmo integralmente embolsado. Meu acto, pois, seria, quando muito, uma leviandade, devida a lamentavel esquecimento. No debate que então tivemos, bem

compreendi a satisfação de s. exc., por ter achado o recurso para desembaraçar-se da superioridade da minha competencia diplomatica e da preferencia que a culta sociedade argentina se dignara outorgar-me.

O sr. ministro apoderou-se das chaves de minha secretária e armarios da chancellaria e, declarando dispensados os meus serviços, procedeu clandestinamente — sem que eu a elle assistisse, — a arrolamento dos recibos, contas e notas ali depositados e que eram as comprovações de pagamentos e despezas por mim effectuados, já por iniciativa propria, já de sua ordem. Demittido n'esse interim, sem ser ouvido, vim para o Rio de Janeiro, convencido de que s. exc. teria a dignidade de remetter ao Governo aquelles documentos, que em parte me justificavam, quanto ás despezas regulares, de que existiam os recibos, pois da outra parte, quer dizer, das pensões pagas a Eduardo Calado, Etchegaray, Sánde, Molina, etc., como espiões estipendiados, não era licito obter provas.

Recibos de infamias ninguém os passa. Ingenua pretensão! Tudo quanto em minhas gavetas havia— e era a propria perda do sr. dr. Abbott,—ficou em poder de s. exc.

Apresentei-me ao sr. dr. Carlos de Carvalho, ministro do exterior, a quem expuz todos os factos, declarando-lhe então que eu só deveria pagar ao Banco Italiano a divida de minha conta particular, a qual ficara por saldar em virtude da inesperada cessação de meus vencimentos. Em memorial entregue ao mesmo estadista, consignei importantes revelações, que o leitor encontrará mais adeante, no capitulo intitulado— « Abbott diplomata ». Depois d'isso, e com consentimento do proprio sr. dr. Carlos de Carvalho, de quem me despedi, conforme noticiou a imprensa carioca, embarquei para o meu querido Estado, o Pará. Deu-se isto em agosto de 1896.

Semanas depois, o sr. dr. Abbott enviou á Capital Federal o addido Rinaldo de Lima e Silva,—investido de funções reservadas, para contar

os factos de accordo com o bel-prazer do chefe temido ; mas o provector ministro, já orientado sobre os recursos do mesmo diplomata, despediu vivamente aquelle joven, que por pouco deixou de ser demittido (*). Como eloquente argumento a meu favor, allego que, durante a permanencia do sr. dr. Carlos de Carvalho no ministerio, não foi iniciado processo contra mim, sem que de minha parte houvesse o menor movimento para esse resultado.

*

Dois annos estive no Pará, em silencio, laborando no jornalismo, como trabalhara na diplomacia, para honra da Patria e engrandecimento de minha terra natal. Durante esse tempo, cem vezes a sanha de meus inimigos urdiu os mais pungitivos

.....

(*) Vide o *Jornal do Commercio*, d'aquella epocha. Vem a proposito notar que fuão Feliciano Gonzaga, que por aquelle tempo tão torpemente aggredu-me, foi ha poucos mezes demittido da repartição central dos correios. por *expertezas* várias. A justiça de Deus não falha.

insultos para macular-me o nome,— herança unica de meus innocentes filhinhos. Cem vezes calei-me, superior a tanta infamia.

Confirmavam-me n'esta tranquillidade as successivas cartas do sr. dr. Domingos Olympio, concunhado do novo ministro do exterior, que succedera ao dr. Carlos de Carvalho, garantindo-me que o Governo Federal, sufficientemente elucidado, chamara a contas o sr. dr. Abbott, o qual, entretanto, conservava-se impassivel e mudo. As missivas do fiscal das loterias faziam-me em reserva importantes revelações sobre a questão dos italianos de S. Paulo, ao principio e sobre as negociações com a Republica Franceza, depois; terminavam sempre com officiosas solicitações para que eu, no primeiro jornal do norte, continuasse a fazer obra de patriotismo aconselhando a calma ao povo e apoiando o chefe da chancellaria brazileira.

Um dia, porém, as transacções d'esta chancellaria com a Legação franceza produziram esse maldito

acordo com que o vertiginoso frenesi da pretensão balôfa criminosamente humilhou os brios do meu Estado, aviltando o pundonor da nação. E *A Provincia do Pará*, de que eu era Redactor-Secretario, fez obra çomezinha de patriotismo, como echo genuino do unanime sentimento dos paraenses, verberando o misero protocollo Cerqueira-Pichon. Pouco depois, era o proprio ministro do exterior, general Dionysio Cerqueira, quem, por telegramma, perguntava ao juiz seccional do Pará em que pé estava *o meu processo*. Ora, nenhuma acção fôra ali intentada contra mim. Dias passaram-se ainda e logo chegou communicação do sr. conselheiro Aquino e Castro, venerando presidente do Supremo Tribunal Federal, para annunciar ao referido juiz a minha pronuncia « pelos crimes de estellionato e peculato ». Avisado por um amigo do Rio, dei-me pressa em apresentar-me espontaneamente ao illustre commandante do 1º districto militar, general Frederico Solon de Sampaio Ribeiro,

para fazer-me acompanhar até ao Rio de Janeiro.

Só aqui chegou ao meu conhecimento todo o conjuncto de infamias que o sr. dr. Abbott accumulára afim de perder-me. Os documentos que em Buenos-Aires estavam na minha secretária, na Legação, deixaram de ser exhibidos. O talão de cheques, em cujo *canhoto*, por minha propria lettra, fôra lançada dia a dia a discriminação das despezas e o destino dos pagamentos, — também não appareceu! *Com o testemunho* do addido militar, coronel Guatimosim, *seu cunhado* e do consul, sr. Silva Pontes, *meu inimigo*, por motivos que narrarei n'outro capitulo, accusava-me de estellionato o ministro em Buenos-Aires, por ter eu sacado o já citado cheque de 6.000 pesos papel (*Vide pagina 70*), importancia que aliás fôra-lhe inteiramente entregue. Accusava-me tambem de peculato, — e fazia-o com tanto maior firmeza quanto era certo que os mesmos documentos haviam sido por elle sonegados.

Em bôa hora confiei a minha defeza ao generoso, imperterrito e illustradissimo conselheiro Joaquim da Costa Barradas, antigo magistrado, gloria da tribuna forense da Capital da Republica. Sua cerrada argumentação foi logica e evidente, já para demonstrar a inconstitucionalidade do meu julgamento pelo Supremo Tribunal, visto não serem os Encarregados de Negocios—*ministros diplomaticos*, já para rebater todos os pontos da inconsistente accusação. Sua oração, na memoravel sessão de 14 de dezembro de 1898, foi uma das mais brilhantes que têm resoado em tribunaes brasileiros. Sobre a preliminar da incompetencia, que mereceu o voto importante do sr. conselheiro Macedo Soares, nada serviu para desviar a corrente de opinião estabelecida pelos adversarios em derredor dos meus juizes. Com a consciencia tranquilla, por não ser criminoso, deixara eu que a verdade resaltasse das argumentações documentadas de meu illustre patrono. Ah! Como lamento não

dispôr de adamantino estylo e da mais feliz memoria, para reproduzir as inspiradas palavras, os fortes, irrefutaveis argumentos do preclaro jurisconsulto ! De Ruy Barbosa devêra ser a penna magica que tentasse reproduzir a sùmmula d'aquella arrebatadora eloquencia, de tão crystalinas vibrações ! Eu sinto-me pequenino para tão excelso commettimento: só é grande a minha pauper-rima gratidão.

Apezar das revoltantes falsidades contidas nos autos, os meus egregios julgadores desprezaram o quesito relativo ao estellionato. Foi a victoria de bom senso. « Classificar assim a substituição de um cheque, de cuja importancia não se appropriara o accusado, antes a entregara ao proprio ministro, era monstruosidade tamanha, que só loucos poderiam formulal-a », — exclamou o meu eminentemente advogado. E n'aquella hora de dolorosa agonia e crebras revoltas na minha consciencia de patriota, foi-me dado o indizível prazer de ouvir esta mesma opinião dos labios

do sr. dr. Ribeiro de Almeida, pro-
vecto procurador geral da Republica.

Comtudo, mau grado os documen-
tos que pude exhibir, por terem sido
casualmente salvos, em minha casa
em Buenos-Aires, á inquisitorial
sonegação do sr. dr. Abbott, fui
condemnado por peculato, no grau
medio do respectivo artigo, contra
os votos do digno sr. dr. João Bar-
balho, que «absolvia por julgar
insuficiente a prova » e dos illustres
srs. drs. Americo Lobo e Bernardino
Ferreira, que impunham a pena no
grau minimo.

*

Aguardando a solução dos embar-
gos oppostos ao accordo condem-
natorio, escrevo estas linhas no
estado-maior da Brigada Policial—e
preváleo-me do ensejo para beijar
as mãos aos illustres coroneis Thomé
Cordeiro e Bellarmino de Mendonça
e dignos officiaes de seu comman-
do, pelas infinitas gentilezas com
que me têm accumulado.—A esses

embargos acompanham novos e importantes documentos, que só deixo de publicar n'este volume, por não dispôr da liberdade de locomoção afim de ir desentranhá-los, em copia, dos autos. Elles, porém, hão de vir a lume na 2ª parte da presente obra e, certo, não serão acepipes de insipido sabôr para os paladares atreitos a maiusculos escandalos. Ali, n'esse 2º tomo prestes a apparecer, ver-se-á, por exemplo, uma conta corrente, authenticada, do Banco Italiano del Uruguay, na qual figuram :

— Os 6.000 pesos recebidos pelo sr. dr. Fernando Abbott e com uma parte dos quaes pagou elle a divida pecuniaria que tinha commigo.

— A somma por elle satisfeita á fundição que cunhou essas medalhas, tão conhecidas, com a effigie do immortal Floriano e, no reverso, o lemma : « A' bala !... », vendidas de sociedade com um filho de Firmino Santos, que propositalmente veiu ao Rio, em junho de 1896.

— As 200 libras sterlinas ou 1.000 pesos oiro, retirados, por meio de um

cheque do Banco de Italia, para emprestar ao dr. Raul de Amaral e que este honestissimo joven escrupulosamente lhe restituiu poucos dias depois, por intermedio de um banco inglez,—cuidado que não teve o sr. dr. Abbott para com o Banco de Italia, deixando a verba aberta... á minha conta.

—700 e poucos pesos papel, com que s. exc., em janeiro de 1896, completou uma entrada do seu seguro de vida na New-York Life Insurance Company.

— Emuitas outras verbas, de equal interesse escandaloso.

A citada conta-corrente discrimina todos os cheques assignados por s. exc.,—seus numeros, datas e quantias.

D'este modo, fui processado por despezas comprovadas do sr. ministro e por ter tido a ingenuidade de cumprir suas ordens verbaes, hesitando em fazer-lhe a offensa de exigir que as escrevesse. Que severa lição á bôa fé dos futuros diplomatas, em épocas anormaes!

Também publicarei no 2º volume d'esta obra varios outros documentos dignos da admiração do paiz inteiro : provas de que o Governo Federal jamais depositara sommas no Banco Italiano a favor do sr. dr. Abbott, o que annulla a hypothese do peculato; provas de que o credito de que s. exc. gosava n'esse estabelecimento fôra aberto por mim; uma carta do Banco Italiano, datada de dezembro de 1898, quando eu já fôra julgado, reclamando-me reembolso da divida particular do sr. dr. Abbott, não satisfeita por s. exc. ao partir, o que «só fôra concedido em virtude do meu credito ».- Publicarei também os mais honrosos attestados de minha conducta particular e official, passados por eminentes compatriotas, — mesmo por personagens que se tornaram evidentes na revolta da armada, nos dois campos, — todos de reputação consolidada nas mais altas camadas sociaes.

Ignoro que solução será dada aos embargos; mas deposito equal fé na competencia do meu projecto

patrono e no equilibrio do senso justiceiro dos integros magistrados. Aguardo-a impassivel, reavigorado na adversidade, porque estou firme na minha honesta consciencia e na convicção de haver sido um diplomata correcto, que teve a ventura de erguer o nome de sua patria idolatrada até ao respeito da poderosa nação amiga, onde servi por ultimo.

Qual o meu valor, quaes os meus serviços, digam-n'o os documentos firmados por meus tres chefes,—drs. Lins de Almeida, Victorino Monteiro e o proprio dr. Abbott,—que forneceram á secretaria do exterior as mais honrosas iuformações quanto ao meu zelo, honestidade, dedicação e competencia no cumprimento dos deveres.

A minha manutenção em Legações de 1^a ordem, durante periodos de extraordinarias responsabilidades e a rapida carreira que fiz, são provas de que o Governo federal sempre esteve satisfeito commigo e approvou os meus actos, pois successivamente, por quatro vezes, ordenou que eu

assumissem no Rio da Prata o posto de Encarregado de Negocios. O patriotismo foi o aculeo dos meus actos, assim como o engrandecimento do Brazil aos olhos das nações platinas o escôpo que tiveram em vista as minhas mais férvidas aspirações. Orgulho-me de haver conseguido crear no seio da Republica Argentina a feliz espontaneidade de sympathia a que atraz alludi e que não me canço de proclamar. Desbravei um terreno onde havia agruras híspidas — preparei o alfôbre para a confraternisação pacifica que póde dar azo ao nosso engrandecimento no interior, afim de nos prepararmos para a almejada supremacia no exterior.

Regressando do Rio da Prata, vim tão pobre, que ao Lloyd Brasileiro devo o meu transporte e o de minha mulher e seis filhinhos menores para a capital do Pará. No entanto, se eu não fôsse, como sempre me vanglorio de ter sido, severamente honesto e honestamente correcto, occasiões não me faltariam para enriquecer por meios

seguros. Bastar-me-ia suffocar o patriotismo, nas longas, dolorosas horas de angustia nacional e acceitar as pingues remunerações dos fornecedores de fuzis inserviveis e munições estragadas, — quando as hostes fratricidas terçavam armas sobre as ondas dos mares e nas cochilhas do Rio Grande. Mas tudo isso rejeitei, repellindo e perseguindo os ousados subornadores. Que digam quantos viram-me em acção, até que extremos de delicada severidade chegava o meu intangível zelo, sempre mantido em ponto superior á minima suspeição.

Em plena maturidade dos 30 annos, fui victimado na carreira publica pela immerecida inveja de um inutil, que o alcool, a vertigem do jogo e a sanha partidaria invalidaram para os sentimentos nobres. Não importa ! Entre o sarcophago de meus paes e os berços de meus filhinhos, hei de pelear pela rehabilitação da minha honra. E assim como aqui, n'estas paginas palpitantes de sinceridade, — como se fôram folhas de memoria posthuma, — perpetúo, para legado

unico a meus filhos, o protesto da minha innocencia, da minha honradez e da pureza do meu nome, — também hei de n'ellas immortalizar o infame, que é positivamente um exemplar completo de relapso, de desbriado e de ladrão do suor alheio.

Elle ficará, d'hoje em deante, vegetando na sua estancia de São Gabriel. Se lhe restarem resquícios de consciencia, — o que é mais do que hypothetico, — os remorsos hão de induzil-o a afogar em cognac os assomos do desassocego moral. Por meu lado, ainda cheio de vida, fortemente retemperado n'esta dura licção da experiencia sobre a versatilidade humana, irei empregar o resto da existencia — e com que compensações de excelso carinho! — á educação d'essas creanças adoradas, sangue do meu sangue, futuros servidores da Patria estremecida, que não é responsavel pelos odios, indignidades e perseguições dos homens cobardes.

*

E tu, Pará, generoso Estado, fúlgida estrella do norte da Patria!

acceita o sacrificio dos meus soffrimentos moraes, como nova immolação do meu entranhado amor, em pról da tua immarcessivel gloria ! Bem sabes que a tua grandeza, a tua futura soberania, são o fito dos meus esforços de hontem, das minhas aspirações de sempre, pois as posições, busquei-as apenas para melhor situar-me, no interesse do teu serviço.

Uma feita, no extremo sul, em meio ao borborinho levantado pelo odio gaulez, em consequencia aos successos do Amapá, chegou-me como inestimavel recompensa o echo de teus applausos, pela nobreza da minha attitude defendendo a honra da nação — que digo ? — a honra paraense. Não vi então o adversario da vespera, pois convinha apenas lavar a affronta recebida em plena face do Brazil. Perfeitamente comprehendeste então, ó minha terra, a delicadeza d'esse sentimento e sobre alcantis e serranias, esmeraldinas devezas, ferventes catadupas e ondas procellosas, tu me enviaste, na sympathia d'uma adhesão, no calor d'um

bravo, o beijo maternal que tudo compensa !

E' a essa mesma solidariedade, tão íntima e tão meiga, que hoje confio a minha sincera defeza. As paginas precedentes fôram traçadas com o proprio sangue, no seio da verdade. Escrevi-as para offerecer-t'as, ó Pará, porque devia provar-te que continúo a ser digno de dizer-me teu filho !

Rio de Janeiro, 1899.



Resposta inesperada



Resposta inesperada

Era pelo carnaval de 1894.

Montevideo folgava e ria, nas ruas centraes, regorgitantes de povo.

Na tarde de sabbado gordo, chegou alguém á Legação, a denunciar a Victorino Monteiro que, para o dia seguinte, estava projectada uma picardia aos officiaes embarcados no *Tiradentes*.

Um grupo de individuos (certamente de classe baixissima, porque os povos platinos são cavalheirosos e respeitadores), tencionava ir, em lanchas especiaes, circular o nosso

navio, cantando umas quadrinhas escriptas em portuguez... da Galliza e que começavam assim :

Tiradentes, saca-muelas.

Victorino Monteiro vestiu-se incontinenti e convidou-me a acompanhá-lo ao ministerio do exterior.

*

Annunciada a nossa visita, não se fez esperar o Sr. Oscar Hordeñana, official-maior, que exercia as funcções de chefe da chancellaria uruguayana desde a renuncia do sr. Herrero y Espinosa.

Depois de trocados os cumprimentos, Monteiro communicou ao ministro interino a noticia recém-recebida.

— Uma brincadeira, obtemperou, com sorriso sarcastico, o sr. Hordeñana.

Teve o meu chefe um dos rapidos affluxos de sangue que purpuream-lhe o rosto pallido, por segundos apenas, quando alguma contradicta o incommoda. Tal assomo, todavia, durou menos quo o lampejo de um relampago. Hordeñana não pareceu mesmo

tel-o notado. E já Monteiro, senhor de si, tranquillamente pedia-lhe que ordenasse as providencias precisas para ser evitada similhante *brincadeira*.

Apezar de representante do Governo do dr. Herrera y Obes, que mostrava grandes attensões á Legação brazileira, Oscar Hordeñana era influenciado por seu futuro genro, o sr. Henrique Lemos, favoravel aos revolucionarios, apezar de filho do 1º tenente reformado sr. Miguel C. de Lemos, empregado do ministerio da marinha e irmão do chefe do apostolado positivista do Brazil, que apoiava o marechal Floriano. Teve, pois, o desastre de dizer :

— Mas também, sr. ministro, como querer impedir uma pilheria de carnaval, quando se tem a idéa de dar o nome de *saca-muelas* (barbeiro que tira dentes) a um navio de guerra ?

O que então ali houve—scena a que assisti com a tacita imperturbabilidade que compete a um secretario de Legação—foi tudo quanto se pôde imaginar de mais anti-diplomatico, mas também de mais patriotico.

Ruborisado pela colera que a provocação aguilhoara, o ministro do Brazil voltou-se para o representante do Governo uruguayo e disse-lhe, rapidamente, energicamente :

— E' certo ! Tiradentes, em traducção litteral, quer dizer o que v. exc. acaba de affirmar. Porém tal avança v. exc., porque a isso o induz a sua ignorancia da historia de um povo limitrophe. Se, quando moço, houvesse v. exc. estudado, teria sabido que Tiradentes é nome respeitado na minha patria como o de um dos próceres da sua independencia. Adoptando-o para designar um de seus navios de guerra, fez o Brazil o mesmo que o paiz de v. exc. quando deu os nomes de *General Rivera*, *General Artigas* e *Suárez* a esses calhambeques que ahi estão reunidos sob o pomposo nome de esquadra. E fique sabendo que, se o seu Governo não tomar as providencias que, já agora, exijo, o *Tiradentes*, que é, aliás, um dos ultimos navios da armada

brazileira, saberá correr os provocadores á metralha !

*

A annunciada manifestação hostil aos nossos officiaes não realisou-se nunca e a torturante scena,—torturante para o sr. Hordeñana,—ficou abafada entre as colgaduras e alfombras, de um luxo sobrio e severo, da grande sala de recepções do ministerio do exterior.

Buenos-Aires, 1895



Diplomacia vêsga



Diplomacia vêsga

E' dos mais instructivos o exame dos archivos de nossas Legações no Prata e, principalmente, no Paraguay: revela que a diplomacia dos estadistas brasileiros tem andado a soffrer de um lamentavel estrabismo chronico.

Sempre tive muita predilecção pelos estudos retrospectivos e, ao ser-me franqueado, como 2º Secretario em Assumpção, o velho archivo, que o sr. dr. Lins de Almeida zelosamente desentranhara do pó de desmantelados caixões, — dediquei-lhe

as melhores atenções de minhas horas de lazer.

Em pouco tempo, a impressão recebida de tão instructiva leitura caracterisava-se por um profundo desanimo, uma surpresa dolorosa, que posso concretisar n'esta fórmula : Imperio e Republica, atacados da mesma enfermidade, têm commettido até hoje os mais graves desacertos politicos no Paraguay.

Se houvesse, da parte de nossos homens de Estado, um proposito de lesar os interesses nacionaes, no exterior, certo que não encontrariam melhores meios do que os recursos de que se têm servido em suas relações com os gabinetes de Assumpção. Differentes e dissimilhantes hão sido, nos ultimos trinta annos, as phases que os successos politicos apresentaram n'um e n'outro paiz ; os governos succederam-se uns aos outros, estes divergentes d'aquelles, ora inclinados a transacções conciliadoras, ora aguilhoados por tendencias radicaes, leviaamente precipitadas ; — mas sempre sobrenadou á tona dos

factos o mesmo espirito ferrenho que o Brazil tem tido a impolitica de sentir e manifestar contra a modesta e nobre patria de Solano López.

O Imperio, depois da grande guerra, que tão improficuamente desbaratou consideraveis recursos brasileiros, entendeu que a mais proveitosa maneira de impôr-se no Paraguay seria empunhando o látigo que a Argentina capciosamente lhe transmittira á sorrelfa. Os mais energeticos estadistas, investidos de caracter diplomatico, fôram enviados á capital paraguaya, com attribuições discrecionarias. Se a taes cidadãos sobejava a altivez um tanto caricata dos senhores de engenho, falleciam-lhes miserandamente qualidades diplomaticas essenciaes, que só podem ser adquiridas em longo tirocinio profissional.

D'ahi a serie de contra-sensos commettidos, de impertinentes exigencias, humilhantes arremettidas, imposições desarrazoadas, que muitas vezes fôram pelos modestos plenipotenciarios paraguayos dirimidas com

uma notavel logica innata e irresistivel. O Imperio não teve o criterio de sondar o futuro e tratou aquillo como paiz conquistado. A um presidente paraguayo, que se recusava a assignar o leonino projecto de Constituição elaborado na Embaixada brazileira, e patrioticamente declarava preferir renunciar, retorquiu o delegado imperial : « Pois rénuencie ! Nas ruas de Assumpção não ha de faltar um cachorro que queira ser Presidente do Paraguay ! » Esta phrase do sr. barão de Cotegipe dá bem a nota da intuição que os nossos estadistas possuíam dos grandes interesses nacionaes em aquella região. Bem sei que a perspectiva mudou-se uma ou outra vez ; porém que raras fôram ellas ! Os diplomatas verdadeiramente correctos que ali tivemos acreditados fôram tão poucos e suas visualidades tão negativamente correspondidas pelo Governo de São Christovão, que os effeitos de sua passagem pelo Paraguay quasi que tornaram-se insensíveis.

Tão lamentavel *statu-quo* foi conscienciosamente mantido pela Republica. Illudidos com sentimentos erroneos, os novos governantes continuaram a ver nos paraguayos inimigos que convinha manter subjogados; e, á falta de estadistas de pulso, ao menos no sentido *partidario*,—porque as competencias de corrilho retinham no Brazil os poucos que restaram da debandada de 1889,—a Republica imitava o processo dos ultimos annos da monarchia: enviar para Assumpção os mais fracos diplomatas, ruinarias como o pre-historico sr. Werneck de Aguilar, hostilidades como o sr. dr. Lins de Almeida, que, nostalgico de Vienna, voluntariamente perpetrava complicações, afim de provocar uma reclamação do Gabinete assunceno e conquistar a sua remoção para a Europa.

Facilmente se ha de imaginar que atmospheria podia ser por este meio creada para o desenvolvimento dos nossos interesses no Paraguay. De tão má diplomacia, que terriveis

efeitos têm decorrido! Somos encarados em Assumpção como os inimigos natos do nome paraguayo. De quem a culpa? Onde o responsável por este erro? Diga-o a consciencia nacional.

Emquanto assim temos descurado momentosas e importantes conveniencias, erguendo ameaçador chicote sobre o Paraguay, a Republica Argentina intelligentemente prepara os elementos para uma proveitosa preponderancia. Seus melhores diplomatas vão, por via de regra, prestar serviços n'aquelle paiz. Desprezando o tagante,—calçam finas luvas de pelica. E, quando a bisonha diplomacia brazileira, batendo o pé-sinho impaciente, grita em falsete e impõe exigencias, os representantes do Gabinete buonaerense, sorrindo meigamente, acariciam amaveis a juba ao velho leão do Chaco—e tudo conseguem. Como contrapeso, obtêm ainda a gratidão paraguaya...

Identificam-se esses dois povos, sobretudo, pelos duplos laços de uma historia quasi commum e do

mesmo idioma. São fortes élos ponderaveis, a que a nossa fatuidade não tem querido prestar a devida importancia. Exigir que o paraguay, escarmentado após a guerra, vote ao Brazil uma sympathia, se não superior, ao menos equiparada á que consagra á Republica Argentina, é querer contrafazer tendencias naturaes nos povos, como nos individuos. Accresce que a actual geração paraguaya faz os seus estudos superiores na Republica Argentina, cujo Governo, intelligentemente orientado, faculta benevolamente aos officiaes do seu exercito o servirem como instructores das forças militares da nação irmã. A legislação civil e militar paraguaya é, em sua quasi totalidade, a propria que a Argentina promulgou para si mesma. O funcionalismo publico, em Assumpção e outros pontos, também conta numerosos individuos de nacionalidade argentina. O commercio paraguayo gyra com fortes capitaes importados do Prata. Tudo isto constitue outros tantos

elementos propicios ao mais perfeito accôrdo moral e politico, de que, a meu ver, hão de surgir, em breve praso, os primeiros brotos de uma tentativa annexionista.

Está evidente que, perante tão graves circumstancias, muitissimo outra devêra ser a attitude do Brazil. E' claro que não nos podem preoccupar aspirações de maior expansão territorial ; mas também é certo que faz parte integrante da nacionalidade brasileira um Estado sito na região além do Paraguay, e tal raciocinio é bastante para pôr em relevo toda a importancia de nossos interesses perante o Gabinete de Assumpção. Redobrada solicitude deveria ser a nossa, pois não temos por nós as favoraveis contingencias do mesmo sangue e da mesma lingua, como succede á Republica Argentina. Pense-se um instante n'estas razões— e calcule-se que profundos erros temos perpetrado no Paraguay.

Quando apparecerá um Moura Brazil do patriotismo, que submetta a

**energico tratamento a nossa vêsga
diplomacia indigena ?**

Buenos-Aires, 1896.



Perfis montevidEOS



Perfis montevidéanos

I

IDIARTE BORDA

O sr. Idiarte Borda, que o capricho e a perspicacia do dr. Julio Herrera y Obes acabam de arvorar em presidente da Republica Oriental do Uruguay, após 21 dias de improficuos escrutinios no Congresso Legislativo, é homem de medianas habilitações intellectuaes. Seu governo será banal como a sua figura, na politica platina. Todo o interesse d'esta mediocre personagem vae concentrar-se no proprio bem-estar,

para auferir a maior somma de proventos de uma posição a que decerto jamais ousou aspirar, nem mesmo nas horas dos mais arrojados devaneios. A matreirice tão pittoresca do dr. Julio Herrera foi buscar nos arraiaes do *collectivismo* este bom typo de passividade, para manejal-o a seu bel-prazer, *pro domo sua*.

Arremettidas de independencia poderá tel-as Don Juan, como lhe chamam os intimos, quando as ferroadas dos remoques da imprensa opposicionista lhe aguilhoarem a sensivel epiderme do amor-proprio; mas serão movimentos fugazes, que a habilidade do transacto presidente saberá conter e neutralisar.

Filho de humilde *pelotari* basco, —facto de que não lhe advém aliás desdoiro algum,—jamais pensou na gloria de uma elevação á primeira magistratura do seu paiz. Outros ficariam deslumbrados com este capricho venturoso da sorte; Idiarte Borda, ao contrario, quedará calmo, pelo menos nos primeiros tempos; e, ou se equivocam amplamente os meus

presentimentos, ou o novo Chefe da nação uruguaia servir-se-á da sua culminante posição apenas para acautelar a sua digna familia das surpresas de uma reacção imprevista na politica nacional. Não será isto exemplo virgem, na formosa terra de Maximo Santos...

1894.

II

EUGENIO GARZON

Velho janota, figura de Neptuno molhado, espadachim e chronista de estylo vigoroso e cheio de imprevisto, — é senador, tendo antes passado pela Camara baixa. Amigo de Julio Herrera, foi com elle um dos fundadores do brilhante diario vespertino *El Heraldo*, hoje extincto. Distribue o seu tempo entre machinações da politica do collectivismo e ardorosos assédios aos corações de bellas senhe-ritas montevideanas. Muito festejado no Circulo d'Armas, de Buenos-Aires, quando atravessa o estuario, periodicamente, para repoisar de exaggerados sacrificios venusinos.

Trajando pelos mais rigorosos figurinos inglezes, é um *velho verdoengo*, blandicioso com as damas. Sua ultima paixão, aliás cerceada incontinenti, foi pela joven filha de um diplomata sul-americano acreditado em Montevideo, o qual estivera antes no Brazil e eneontra-se actualmente em serviço do seu paiz junto ao Quirinal.

1897.

III

MIGUEL HERRERA

Ex-ministro do exterior e da justiça nos governos dos presidentes Julio Herrera, seu mano e João Idiarte Borda, o dr. Miguel Herrera y Obes tem o physico do *officio* : encarando-o com attenção, nenhum observador deixará de notar indicios de funda ambição n'aquella rebarbativa physionomia, nos seus olhinhos redondos e reluzentes, nos longos bigodes pouco espessos e nas faces amplas e coradas.

Foi candidato mallogrado á presidencia da Republica, posto a que

aspira vehementemente, mesmo com sacrificio de suas mais intimas relações de familia.

Alimenta grande antipathia para com o Brazil e não a encobre. N'este particular, é menos dissimulado do que seu irmão, que chegou quasi a convencer-se de que era nosso leal amigo... ao tempo da revolução do Rio Grande.

1896.

IV

ANGELO BRIAN

Medico, ex-secretario dos presidentes Julio Herrera e Idiarte Borda, dos quaes foi também o confidente intimo. Mais tarde, no segundo periodo da administração Borda, presidiu a municipalidade de Montevideo. Em seu paiz, consideram-n'o o Cornelius Herz das situações perdularias. Não lhe faltam, com effeito, nem o attractivo insinuante do physico agradável,—uma bella figura de mosqueteiro, á fé!—nem os mais apri-morados recursos de machiavelica

artimanha, ao serviço de um talento de escol.

1897.

V

O « PRINCIPEZINHO »

Joven, trajando com riqueza e elegancia, o filho de Idiarte Borda conquistou este apôdo pelos laivos nobiliarchicos com que pretendeu zeburar a propria estirpe, enraizada entre as cêstas, pelotas e rêdes de arame dos frontões. Offuscou-se pelo brilho da paterna situação e ostenta agora as demasias do seu luxo de *parvenu* em superabundancias, quasi sempre desageitadas, com os amigos faccis da prosperidade e as voluveis inquilinas das casas de prazer. A voz publica em Montevideo conferiu-lhe o titulo de primeiro advogado administrativo no palacete presidencial. Assim galardoado, não sei se merecidamente, anda o « Príncipezinho » desfructando os benesses d'uma vida enflorada de jubilos, sem preocupações sobre o dia seguinte, requestado com egual solicitude pelos fura-vidas

e pelos honestos papás de mocinhas casadoiras... E o « Príncipezinho », com o espirito ôco d' idéas e os bolsos repletos d'ouro, vae sorrindo indolentemente á direita e á esquerda, qual um snob, na sua custosa victoria parisiense,—emquanto Braz é thesoireiro.

1895.

VI

FLORO COSTA

Advogado-chicanista perigoso e cheio de ardis. E' enorme,—na proeminencia do ventre, na rotundidade posterior, nos recursos do seu admiravel talento. Lembra Renan, physica e intellectualmente. Conversista primoroso, com uma adoravel ironia na phrase incisiva, offerece particular encanto aos brasileiros, pois, sem nunca ter estado no Brazil, sabe de cór e recita-os com irreprehensivel prosodia, os melhores versos dos nossos poetas romanticos. Candidato falho em diversas eleições presidenciaes, é opposicionista a todos os

governos. Sabe polemizar como poucos; mas esta superioridade, que lhe tem valido assignalados triumphos jornalisticos, também angariou-lhe centenas de ferozes antipathias. Possue valiosa collecção artistica,—o que é commum no Rio da Prata; sabe, entretanto, saboreal-a como fino estheta—e n'isto se distancia da maior parte de seus compatriotas, que apenas as conservam para a galeria.

Doestos não têm faltado, em varias épochas, sobre as cans de Floro Costa, já habituado aos baldões dos patricios. Estes falam horrores a seu respeito, abundando em picantes narrações sobre a sua matreira rabulice em busca de pecunia. Ao certo, nada sei. Do que posso dar fé, sim, é da respeitabilidade da familia d'elle, da distincção da veneranda esposa e da graça e belleza de suas captivantes filhas.

1896.

VII

THEOPHILO DIAZ

E' do velho Theophilo Díaz que desejo falar. Não confundir com o

magistrado e diplomata fim-de-seculo, seu filho, de quem trato em outras paginas d'esta Carteira.

Theophilo Díaz, pae, ou simplesmente dom Theophilo, na carinhosa expressão dos amigos, é uma d'essas figuras sympathicas de anciãos, que em todas as sociedades proeminentes se impõem pela bondade nativa da alma conservada ingenua apesar da idade e mau grado as vicissitudes da vida. Deputado, moireja dia a dia, desde a ante-manhã, para rodear de conforto as filhas estremecidas e os netinhos adorados. Leva a dedicação a ir em pessoa aos mercados, escolher os melhores generos destinados ás cosinhas das filhas casadas, que elle abastece do começo ao fim do anno.

Com este procedimento unico, parece querer resgatar as diabruras do filho, o espectacularo latagão que tão facilmente salpica de inesperadas e esfusiantes humoradas as chronicas dos jornaes, como dispara tiros de revólver nos gabinetes chics dos restaurantes da moda... Bom velhinho,

sempre risonho e amavel, apesar das difficuldades da existencia, aggravadas pelos desgostos familiares, tem na sua bondosissima filha Carmen o espelho da grandeza de sua propria alma e, certo, a continuadora dos affagos com que a sua trémula mão bemfeitora acaricia a cabelleira dos pequeninos netos descuidosos. Sejam estas palavras a expressão do terno agradecimento que me é dado manifestar-lhe, pelo muito que lhe devo em acolhida sinceramente meiga e em exemplo de resistente resignação perante os embates da sorte e a malevolencia dos homens.

1895.



Um Ideal



Um Ideal

Quem lança a vista para o periodo decorrido no Brazil, de 1848 a 1889, sob o displicente influxo do throno, encontra uma calmãria completa da nacionalidade transviada por falsas intuições de seus deveres civicos. O imperio unitario, no entanto, foi, por felicidade, um grande passo para o advento da Republica. Na centralisação absorvente engendraram-se as aspirações da evolução democratica á federação. Se Pedro I tivesse sido um homem illustrado e clarividente, e seu filho, aliás sympathico e

bondoso, não soffresse, por atavismo, de um mal que o inhabilitava para discernir phenomenos sociologicos, — certo que não nos seria dado gosar hoje da liberdade republicana. Estaríamos ainda na região dos sonhos, que um facto consequente e fatal, julgado um accidente pelos espiritos irreflectidos, realisou a 15 de novembro. Desde que surgiu, o throno, cahindo de erro em erro, sem comprehender os interesses nacionaes, abandonava-os á impericia dos ministros, porque toda a sua attenção se concentrava em fazer desacertos diplomaticos no Prata e agradar com requintado rastaquouèrismo á pacholice dos viajantes europeus, nem sempre merecedores de estima. N'esse interim, os principaes povos que nos cercam operavam, com alto criterio, muito bom senso e funda sciencia positiva, a tarefa ingente da constituição de sua nacionalidade sobre as mais solidas bases. Não fôra o Chile a patria de Lastarria e de todos os notaveis talentos praticos que o antecederam e succederam ! Não fôra a

Argentina o berço de admiraveis e illustres patriotas, próceres dos bellos idéaes democraticos, ateadores da scentelha de bom senso que n'aquelle predestinado paiz pôde em breve triumphar sobre o espirito aventureiro do caudilhismo já hoje ali inviavel!

Loucura foi, e grande, o arrojado do imperialismo, atirando-se com injustificavel soberba á desassisada politica internacional em que determinou o nosso proprio desprestigio. Tagante e guasca, era o que a dynastia desejava transplantar das cochilhas do Rio-Grande do Sul para o Pampa sem fim. É desataviada linguagem dos primitivos diplomatas platinos, a dissimulada matreirice de São Christovão retorquia com arrebicados amphiguris. Não podia deixar de levantar-se a reacção. Nossos vizinhos comprehendem o que pretendia o Brazil, ou melhor, o seu Governo, e, desde esse dia, ante o receio de uma absorpção imminente, pensaram nos meios de resistencia. A propria campanha do Paraguay não conseguiu estreitar

laços de uma frouxa cortezia internacional; serviu apenas para levar ao Prata as ricas taleigas do nosso thesoiro e lá esvasial-as em transacções vantajosissimas para os alliados do Imperador. Quando demos por nós, havíamos perdido o antigo poderío, e as primitivas provincias pobretonas do Prata, alfin unidas n'uma intelligente confederação, iniciavam o bello movimento progressista que em menos de um quarto de seculo attingiu o apogêo. Nós, estacionamos a preceito. Como se a crise financeira, então incipiente, não bastasse para assoberbar as forças vitaes da nação, — victima dos erros imperialistas, — inauguramos *sur le tard* o regimen dos pronunciamentos e á fé que não saímos maus estreiantes. Pelos effeitos conhecidos póde-se affirmar que temos sido mestres em revoltas.

Esta situação dolorosa, na qual não nos fica bem alludir á lendaria malquerença dos paizes do Prata, é, presentemente, unica na America do Sul. A Argentina e o Chile, talvez em vespera de uma grande guerra, vêm,

contudo, melhoradas dia a dia as suas finanças. O Uruguay, nos braços de uma quasi dictadura, prospéra. O proprio Perú, a propria Boliwia, ambos calmos, operosos ambos, reparam ajuizadamente anteriores destroços. No entanto, isolado e angustioso, o Brazil, n'um regimen federativo já em parte sophismado, levanta os braços com desvairamento e delira, delira! E' esta angustia que penalisa o coração de todos os patriotas, esse isolamento é que devemos terminar, por meio do desenvolvimento das relações interestaduaes, apertando os laços da federação.

Idéal nobilante, aspiração elevada, que chega a dar-nos enthusiasmo e fé no futuro de uma patria engrandecida e justa, senhora equitativa de uma serena supremacia na America do Sul.

Belém do Pará, 1898.



Notas fúgazes



Notas fúgazes

Digna de estudo, a physionomia do general Julio Roca, esta manhã, na cathedral, durante o *Te-Deum* solenne, pelo anniversario da independencia argentina.

O arcebispo de Santiago, que veiu a esta capital menos em visita de cortezia ao seu novo collega de Buenos-Aires, do que em missão officiosa do Gabinete do Chile, discursava do alto da escadaria da capella-mór, descrevendo os horrores da guerra e preconizando os amenos effeitos da paz. Todo o brilhante auditorio—

á frente, os altos personagens do Governo e o corpo diplomatico estrangeiro,—escutava attento as palavras do encanecido primaz da egreja chilena. Cada rosto reflectia sentimentos proprios, ou absoluta concordancia com as opiniões que o velhinho emittia na sua tremula voz de violino d'outras éras, ou certa duvida decorrente da tensão dos espiritos em todo o paiz, n'aquelle momento. Só o general Roca, prövavel futuro presidente da Republica Argentina, conservava a asu inexpressiva physionomia das occasiões importantes: — recostado na excellente poltrona, com a cabeça pendida para o peito, nenhum pensamento era capaz de revelar nos grandes e claros olhos esbugalhados. — olhos inertes, vitreos, sem expressão, como olhos de peixe morto...

Qanto vale esse talento de saber ser discreto, e como quadra bem ao notavel estadista a sua alcunha de Raposo!

*

Em diplomacia, a franqueza é, muitas vezes, mais do que uma virtude:

é uma necessidade para vencer obstáculos. Tudo depende de argúcia na escolha da oportunidade.

*

Muito pandega, a occorrença de hoje á tarde, em casa de dom João González, presidente do Paraguay. Estou quasi arrependido de ter ido apresentar o W. ao supremo cidadão da Republica.

De chegada, pedira eu ao coronel de serviço na portaria que recomendasse a qualquer creado o cavallo do meu tilbury, visto que, por ter vindo com aquelle amigo, não pudera fazer-me acompanhar pelo trintanario.

Mas o coronel entendeu prescindível o cuidado. O cavallo, então, assustando-se com os estampidos da trovoadá que estalara depois de penetrarmos no salão presidencial, breve abalou rua adeante, em disparada para casa.

Quando nos levantamos, o amavel presidente fez questão para vir despedir-nos até á porta da rua. Notando

a nossa surpresa pelo desaparecimento da carruagem e uma vez inteirado do desmazelo do seu ajudante de ordens, entrou a recriminal-o azedamente, em castelhano. Arrisquei indulgentes palavras a favor do coronel. Dom João González, que estava fulo de zanga, não deixou de aperceber-se do ridiculo de seu excesso de linguagem ; mas a colera tinha n'elle mais poder do que a razão. E o chefe do Estado, para não ser entendido, passou a vociferar em genuino guarany, que eu mal conhecia pela rama.

Em espanhol já elle disséra o diabo. Imagine-se o que não proferiu então !

*

Ordinariamente, nas pequenas rodas intimas, sou de bom grado expansivo e verboso. Mas, por pouco que augmente e se alargue o auditorio, torno-me reservado, quasi taciturno.

Resurgirá do fundo do meu *eu*, por effeito atavico, a selvagem e timida

desconfiança do cabôclo amazonico, do qual ainda tenho o sangue pela linha materna ?

E é curioso como, escrevendo para o publico, desde annos, até hoje não consegui perder o acanhamento perante esse mesmo publico, quando tenho de falar-lhe directamente.

*

Dizem que o habito não faz o monge. Nego a applicação incondicional do proverbio. Aqui estou eu, que n'este mesmo instante acabo de obter a prova do contrario.

Encarregado de Negocios, assisti esta manhã, envergando o competente uniforme bordado a oiro, ás ceremonias officiaes das festas maias. Por toda a parte por onde passava a minha carruagem, abriam-se alas, policiaes faziam continencias, as tropas apresentavam armas e os bedéis, respeitosos e sollicitos, indicavam-me o caminho ou precediam-me até aos logares de honra previamente reservados á minha pessoa.

Mais tarde, suspensas as solennidades até á noite, quando apparecei de novo com o *habito do monge*, quiz ver a face popular da patriotica commemoração argentina e, vestido á paizana, com um traço de verão que a alta temperatura exige, atravessei, *na mesma* carruagem, os *mesmos* sitios por onde estivera pouco antes: nem os bedéis se moveram, nem as armas fôram apresentadas, nem os policiaes se dignaram distinguir-me com um olhar demorado... Entretanto, nem por tudo isto deixo de ser o que sou, officialmente.

Mas então, para as massas pelo menos, o habito não fará o monge?

*

Casa-se hoje com a bella senhorita Aceval o dr. Venancio V. López, ministro das relações exteriores do Paraguay. Attendendo ao cunho do convite official para a cerimonia (*), perguntei ha pouco ao sr. dr. Lins de Almeida se lhe não parecia proprio comparecermos uniformizados. S.

(*) O pae da noiva tinha sido presidente d'aquella Republica.

exc., porém, que está de teiró com o chefe da chancellaria paraguaya, respondeu-me com visível mau humor:

— Irei de caçaca, pois não quero honrar esse sujeito com a minha farda!

E' singular esta susceptibilidade, como singular é, de certo, o veso de collocar o valor do uniforme acima do valor de sua propria pessoa!

*

O sr. dr. Augusto Cockrane de Alencar, 1º Secretario de Legação, removido o outro dia de Montevideo para Berlim, forjou curiosas phantasias, que á sua passagem pelo Rio de Janeiro depositou sorridente nos ouvidos do sr. ministro do exterior.

Teria elle também dito a razão pela qual recebêra como presente do Banco Italiano del Uruguay um magnifico anel de brilhante?

*

Denuncia a verificar: — « Fuão Barcellos, amanuense no consulado geral em Buenos-Aires, exige dos consignatarios de vapores destinados

a portos brazileiros duas libras sterlingas de luvas, para despachal-os activamente aos domingos ».

*

N'estes amenos paizes sul-americanos, a politica offerece estupefacientes surpresas ao observador.

Os revolucionarios que depuzeram dom João J. González da presidencia do Paraguay apresentaram como causa do movimento o apoio dado por aquelle á candidatura do dr. José Segundo Decoud ao mesmo cargo.

Aconteceu, porém, que, pouco tempo depois de subir ao poder, o general João B. Egusquiza chamou para a pasta das relações exteriores esse mesmo sr. Decoud, que os revolucionarios tão arduosamente combatiam antes.

Que circumvoluções especiaes deve ter o cerebro dos politicos ?...

*

Meia-noite passada. De regresso da Opera, encontro em casa um telegramma do Rio-Grande do Sul, noticiando a morte de Saldanha da Gama, no combate de Campo Osorio.

Era facto previsto a derrota do brilhantissimo official, — attenta a sua absoluta ignorancia dos ardis da guerra de *montoneras* e da região para onde levou-o o proprio pandonor de militar brioso; apezar d'isso, porém, é profunda a impressão que me faz esse quasi-suicidio. N'esta fria madrugada de junho, sinto as faces incendidas pelo rubor da emoção, — o que é a mais honrosa homenagem prestada á sua memoria pela sinceridade do meu respeito de adversario leal.

Saldanha da Gama! Tal nome repercute na minha alcôva como fanfarra gloriosa, aprégoando as pristinas victorias, a tradição heroica da marinha de minha patria.

E, por associação de idéas, acodem-me ao espirito a lembrança d'ess'outro almirante seu collega, o iniciador do movimento de setembro de 1893. Justamente, vi-o ha pouco, ali n'aquella mesma fulgurante sala da Opera. Correcto na bem talhada casa, — por certo sem recordar-se do companheiro infeliz, — escutava

complacente os garganteios do tenor De Marchi, na *Gioconda*, ou assestava o binoculo, um todo-nada tremulo, para as roseas evoluções choreographicas do Bailado das Horas...

*

No Paraguay, os ajudantes d'ordens do presidente da Republica são tirados d'entre os coroneis do exercito. Estes funcionarios, todavia, nunca devem collocar-se-lhe ao lado, e seguem sempre a alguns passos de distancia, quando o Chefe do Estado caminha a pé.

Nas visitas particulares ou officiaes do presidente, ficam invariavelmente á porta da rua; não raro é, então, verem-se ajudantes d'ordens e cocheiros da carruagem presidencial conversando democraticamente, como famulos d'um mesmo patrão.

*

Um bello exemplo a ser imitado pelos meus compatriotas. A mocidade argentina, toda ella, desde os 20 annos de idade alistada na Guarda Nacional, cujas escholas nocturnas

frequenta com regularidade, não faz questão da regalia honorifica dos galões, para ser apenas servidora dos brios nacionaes. Assim é que numerosos rapazes do meu conhecimento, occupando postos diversos n'aquella guarda, somente quando estão em fórma se recordam das respectivas patentes, e isso mesmo por principio de disciplina e para observancia da precedencia hierarchica. Não obstante, conhecem por completo as leis militares e são praticos em todos os exercicios e manobras de sua arma.

Nenhum d'esses ardorosos guardas nacionaes — nenhum! — adorna os seus cartões de visita com a designação de sua patente, o que é tão commum no Brazil.

Na Argentina, ser guarda nacional é, deveras, servir á Patria (*).

*

Vibrante coincidência! Por varias faces, os costumes paraguayos offercem notaveis pontos de contacto

(*) Veja-se o excellento opusculo *O Poder Militar da Republica Argentina*, pelo coronel Guatimosim.

com os habitos cearenses : — a mesma cessação quasi completa no movimento urbano, ás horas dos fortes calores, o mesmo traje demasiado *leve*, pouco menos que primitivo, da gente do povo. E talvez d'ahi decorre o meu equivoco em dizer sempre : « No Paraguay... », quando quero falar do referido Estado Brasileiro, ou : « No Ceará... », quando tenho de alludir áquelle paiz.



Um erro economico



Um erro economico

O protocollo para um futuro tratado de commercio, ha dias assignado no Rio de Janeiro, entre o ministro das relações exteriores e o plenipotenciario chileno, veiu provocar de novo em Buenos-Aires a discussão da conveniencia de um convenio identico para a Republica Argentina.

Acodem-me a proposito algumas considerações opportunas.

Não vejo razão séria para a guerra que todos os annos se renova no Congresso Federal do Brazil, ao serem

discutidos os orçamentos da receita geral. Vou além, porque chego a classificar-a de illogica.

O intercambio das duas Republicas, apesar dos fortes direitos restrictivos com que é no Brazil gravada a importação, vae de anno para anno ganhando maior incremento. E' certo que a Argentina envia ao seu grande vizinho productos em valor superior ao que d'elle importa; mas esta differença, esta desigualdade, digamos, não explica a desassizada colligação de certas bancadas do Congresso brasileiro, porque a importação de nossos artigos aqui augmenta cada anno. Não vem talvez sem interesse a revelação de que, não obstante a completa falta de propaganda, já introduzimos annualmente n'esta Republica mercadorias no valor official de mais de cinco milhões de pesos oiro.

Não serão certamente as hostilidades aduaneiras que hão de determinar a expansão do commercio nas praças argentinas. Sou testemunha

da bôa disposição do Governo do dr. Uribúru para com o nosso paiz, tendo encontrado de sua parte os melhores desejos para a completa harmonia entre os dois povos: não seria justo quem lhe attribuisse predisposições hostis com relação ao Brazil. Ainda ha pouco, o sr. dr. F. Abbott, se não conseguiu do ministro da fazenda e da commissão de orçamento do Senado quantas reduções lhe aprouve pedir para os nossos productos, muito obteve, entretanto e tal facto não é, quiçá, uma das menores vantagens abertas á nossa patria.

Comprehende-se, pois, o pessimo effeito que causam aqui as propostas periodicamente apresentadas ao Congresso federal para o lançamento de novos impostos ao gado em pé, ao xarque, á salmoira, aos cereaes e aos legumes importados no Brazil. Nem a circumstancia de possuirmos Estados agricolas justifica a tendencia repressora. Devastado pela guerra civil recente, necessitando

mesmo receber do Prata as boiadas imprescindiveis ao repovoamento de suas estancias,—que pôde exportar o Rio-Grande do Sul? E admittida até a hypothese de um levantamento rapido, graças ás suas forças vitaes, á corajosa resistencia de seus filhos e á superioridade e competencia de seu Governo, poderá elle, dotado de uma barra difficilima, abastecer tão cedo e em melhores condições do que a Republica Argentina os demais Estados da federação brasileira?

Eis duas interrogações de summa gravidade que, dispensando mesmo o concurso de outros argumentos ponderaveis,—como a perfeição notavel a que chegou aqui a industria pastoril e a sua enorme producção(*), —bastantes são para condemnar as incompreensiveis e injustificaveis hostilidades alfandegueiras do Congresso Federal. Banindo o chauvinismo, porém consultando os interesses

.....
(* Em principios de 1897, havia na Republica Argentina 21.701.626 cabeças de gado vaccum.

economicos das duas nações, creio render preito á lealdade, bradando ao meu paiz ser mais do que tempo de abraçarmos uma politica liberal para com o Prata. Existem na Republica Argentina, repito-o, incontestaveis disposições para a maxima facilidade no intercambio com o Brazil; e, uma vez que somos nós, brasileiros, que temos conveniencia em vir aqui buscar e tirar mais barato os generos que nos fazem falta, a nós compete não crear óbices nem estabelecer limites á corrente commercial já estabelecida com proveito para o Brazil. Não prejudiquemos assim tão nesciamente opportunas e optimas relações mercantis e politicas. Admittidos nos orçamentos brasileiros os exaggerados augmentos de impostos aos productos argentinos, fatal será a adopção, aqui, de medidas de reciprocidade, reclamadas pelos interesses vinculados á producção d'esta Republica. Não se poderá negar a legitimidade da arma. Em compensação, porém, não

se poderá também augurar um brilhante desenvolvimento ao commercio brasileiro no Rio da Prata (*).

Buenos-Aires, 1836.



(*) Escripto em 1896 este artigo, teve confirmação no ultimo trimestre de 1897. E a Republica Argentina, tomando precauções restrictivas, cumpriu o seu dever. — De quem a culpa ?

Um sobrinho de Lopez



Um sobrinho de Lopez

Dois dias depois de minha chegada a Assumpção, o sr. dr. Lins de Almeida, ministro do Brazil no Paraguay, teve a fineza de prevenir-me de que, n'aquella tarde, iria apresentar-me ao ministro das relações exteriores. Todo emocionado ainda com as impressões do recente desembarque no solo natal de um povo atrasado, mas heroico e, por isso, digno de admiração, esperei inquieto a hora de nos encaminharmos para a Casa do Governo. O dr. Lins de Almeida já me dissera que o chefe

da chancellaria paraguaya era sobrinho do lendario dictador caído em Aquidaban e esta noticia redobrava a minha commovida curiosidade. Falar ao ministro do exterior affigurava-se-me, a mim, como que dirigir a palavra a uma parcella do marechal Solano López, quiçá á sua propria sombra.

Ao entardecer, saímos da Legação. Temperatura tépida, delicioso ceu assoalhado. Pelo ar, andavam aromas de flôres, o cheiro adocicado dos laranjaes vergando ao peso de fructos d'ouro. Meu chefe seguia á direita, silencioso. E este mutismo como que contribuia para embaraçar-me, dando-me um frio ás pontas dos dedos, certo mal-estar de estomago. Falar a um descendente proximo de López, que inesperada occorrecia!

*

Na Casa do Governo : grande edificio quadrado, a 3/4 do centro d'uma praça quadrilonga, limitada pelo barranco sobre o qual está a imprensa official, por um quartel de

linha, pela cathedral, por outro quartel, edificio vasto e novo, occupado pela policia. Era um telheiro quadrangular, baixo, sem a minima elegancia, circulado por uma varanda externa, á moda das casas de campo, com a sua quadrupla ordem de construcções interiores ao redor do pateo moirisco, dotado do indefectivel algibe. No acanhamento em que a commoção enleava-me, nem reparei então ser o quadro bem pouco proprio para emmoldurar o vulto, que eu julgava senhoril e solenne, de um sobrinho de López. O chão, ladrilhado de tijolos chatos, apresentava depressões, aqui e acolá. Mas acudira solicito um funcionario e, measureiro, introduzia-nos na sala de honra, a um angulo do edificio. Redobrou o meu sobresalto: ia falar-me um descendente de Solano López!

*

Abriu-se, pouco depois, uma porta, apparecendo n'ella, vagaroso e sorrindo a meio, o sr. ministro do

exterior. Sem excessivo açodamento, apenas com uma solicitude cortez, veio a nós, que o esperavamos de pé. Logo em seguida, o dr. Lins de Almeida apresentou-me ao dr. Venancio López ; entrou este a fazer-me as perguntas usadas em Assumpção, para todo o estrangeiro : se me agradara a viagem, como achara o Rio da Prata. Eu respondia-lhe, em portuguez, com um leve tremor na voz. Mas o meu chefe chamou-lhe a atenção para certos documentos recebidos do Rio e foi-me então permittido examinal-o á minha vontade.

Formado em sciencias juridicas e sociaes pela universidade de Buenos-Aires, o dr. Venancio V. López era um homem joven ; pouco mais de 30 annos podia ter então. Baixo, adiposo, o ventre saía-lhe em proeminencia, sobre pernas demasiado curtas. A expressão da physionomia, comtudo, dava-lhe um ar energico. Os olhos, pequenos e vivos, tinham grande fixidez e essa intenção perscrutadora, incisiva, que tanto

conturba os homens de um natural timorato. A bôcca, de labio inferior saliente, coroava-a um fino bigode castanho claro. Porém a nota mais evidente de rosto era o nariz, farto e adunco, predominando sobre o conjunto. Imagine-se um perfil de medalhão do seculo dezoito e, combinando-o com a imagem do corpo, ter-se-á, como eu tive ao examinal-o, a lembrança do vulto de Luiz XVI. Pareceu-me n'esse dia sufficientemente nobre e digno de seu ambicioso parente o personagem que, deante de mim, sentado no sofá, n'um angulo da sala de honra, perdia a importancia do seu cargo de ministro do exterior, para só deixar prevalecer a excepcional condição de sobrinho de Solano López.

*

Mais tarde, com a convivencia, tornamo-nos sympathicos um ao outro, quasi amigos. Por causa de uma peripecia no dia de seu casamento, cheguei mesmo a ter insignificante estremecimento passageiro com o dr. Lins de Almeida.

Quando parti de Assumpção, removido para Montevideo, o dr. Venancio V. López enviou-me o seu retrato, com amavel dedicatoria. E nossas despedidas fôram quasi saudosas. Commoções politicas, em 1894, apearam-n'o do poder e fizeram-n'o emigrar para o Rio da Prata.

Uma manhã, em Buenos-Aires, onde eu servia então como Encarregado de Negocios, entrei n'um bazar da rua Perú, em busca de não sei mais que quinquilharia. Attraí-me a attenção um casal de burguezes que, singelos de trajo e bondosos de apparencia, compravam um apparelho de pratos para espargos. Pareceu-me conhecer aquella gente; fitei-os mais. Já elles tinham também reparado em mim e olhavam-me com sympathia. Não havia errar, era o ex-ministro das relações exteriores do Paraguay, com a gentil esposa. Acerquei-me, cumprimentamo'-nos quasi ceremoniosamente, com uma pontinha de acanhamento da parte d'elles. Seria por causa dos pratos para espargos ?

A' fé, que, d'esta feita,—a ultima que o vi, — não fui eu que tive emoção por falar a um sobrinho de Solano López!

Belém do Pará, 1896.



**O nosso papel-moeda falsificado
na Argentina**



O nosso papel-moeda falsificado na Argentina

A Legação teve denuncia de existir uma fabrica de notas do thesoiro brasileiro em um dos bairros mais afastados de Buenos-Aires. Após a necessaria reclamação ao Governo, houve uma busca muito séria no antro dos falsificadores; mas surprehendidos ficamos quando, solicitando a prisão d'aquelles e a apprehensão dos seus utensis, foi-nos respondido que a lei argentina não facultava o direito a similhantes diligencias.

A mencionada busca apenas effectuou-se porque poderia succeder que, conjunctamente com a falsificação das nossas notas, ali houvesse uma fabrica de cedulas nacionaes. Governo e policia agiram, por tanto, no interesse proprio e não seremos nós quem por tal solitudine os censuraremos. Poderá isso parecer uma anomalia, em paiz tão adeantado, mas é um facto real: só tem responsabilidade criminal quem, *na Republica Argentina*, falsifica o papel-moeda *argentino*; a producção de papel-moeda de outros paizes é tacitamente considerada pelo codigo como um direito intangivel do gravador e do impressor desabusados.

Assim é que, por toda a parte, em Buenos-Aires, vêm-se nas vitrines dos cambistas innumeras collecções de notas de banco de todos os paizes e entre ellas, avultando pela quantidade e crueza de côres vivas, as cedulas de alto valor do thesoiro do Brazil. Que na maioria podem sér falsas, é o que não deixamos de crer; porém como póde a Legação cumprir

com o seu dever, se nunca tratamos de pedir á Argentina um convenio para a regularisação de nossos reciprocos interesses, sob este ponto de vista? O que estava ao meu alcance fazer, logo da primeira vez que, no character de Encarregado de Negocios, foi-me patente um caso como o de que trato, fil-o com uma solicitude muito natural. Não peço elogios, mas desejo resalvar a minha responsabilidade. Officiei ao nosso ministro das relações exteriores, narrando-lhe a situação: o representante do Brazil impotente para reprimir a falsificação, em grande escala, do nosso papel-moeda. E tomava a liberdade de pedir ao sr. ministro me permitisse lembrar-lhe a conveniencia de serem iniciadas gestões afim de regularisarmos definitivamente o assumpto. Tive a classica resposta do venerando sr. visconde de Cabo Frio, que é a chronica viva, a tradição da chancellaria da Gloria: « S. exc. fica sciente. »

Mais tarde, mandaram-me do Rio-Grande do Sul uma nova prova, d'esta

vez evidente, palpavel, da falsificação de nosso dinheiro na Argentina: um italiano de Buenos-Aires escrevera a um conhecido seu da fronteira, propondo-lhe a troca de dinheiro verdadeiro por falso, com uma porcentagem minima, de tentar o homem menos ambicioso do mundo. A esta proposta acompanhava um retalho-amostra do genero, trabalho de inexcedivel perfeição. Retalho e carta fôram-me enviados de retorno, para as providencias correspondentes.

Levar o caso ao conhecimento do amavel e ironico dr. Amancio Alcor-ta, ministro de relações exteriores, era infantilidade que eu não podia commetter. Officiei de novo ao meu Governo, contei-lhe o facto e remetti-lhe a metade do primoroso retalho recebido com a carta do falsificador. Terminei, naturalmente, rogando de novo me relevasse recordar-lhe a necessidade de ser proposto á Argentina um convenio sobre a falsificação do papel-moeda nos dois paizes. S. exc. ficou sciente.

N'esse interim, foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina no Brazil, em substituição ao illustre Garcia Mérou, o dr. Epiphanio Portela, distinctissimo jornalista, saído dos escriptorios de *La Nación* para a plenipotencia no Rio de Janeiro. Com esses dois sympathicos diplomatas e estimados amigos conversei a respeito de varias necessidades de nossos respectivos paizes e aponteilhes a questão de que estou a occupar-me. Ambos opinaram ser momentosa a idéa. Dias depois, sugeri também o mesmo alvitre ao dr. Alcorta, que respondeu-me com a maior bôa vontade, dizendo estar o seu Governo animado das melhores disposições para celebrar com o Brazil todos os accôrdos que lhe propuzessemos a bem de nossos mutuos interesses. Devo frizar, como culto á verdade—e não vae n'isto um peccado mortal—que o Gabinete de Buenos-Aires foi sempre o mais attencioso commigo, incessantemente obsequioso, dizendo-se sem cessar animado do espirito

mais liberal, ante todas as propostas que lhe apresentássemos. Se temos conseguido pouco, se ainda pendem de discussões não começadas questões de varia importancia, — culpemos antes á indecisão de certos homens nossos, a esta inexplicavel, ou pelo menos injustificavel tendencia de adiamento, que é uma das características do genio brasileiro.

Mas prosigamos em nossa narração. O dr. Portela partiu para o Brazil e, mezes depois, era iniciada com elle a gestão de um accôrdo sobre o ponto de que estou tratando. Em seu relatório, o illustrado sr. dr. Carlos de Carvalho, que tanta actividade deu aos negocios da pasta do exterior, julgou inutil mencionar a precedencia da idéa, devida ao modesto e dedicado Encarregado de Negocios do Brazil. E' esta precedencia que eu hoje reclamo. O archivo da secretaria do exterior contém os meus officios, — e estes são de data anterior á nomeação do dr. Epiphanio Portela e ao relatório do eminente juriconsulto brasileiro. Por vangloria

não sou coagido a esta pequena reivindicação ; mas é natural que, aos olhos do meu paiz, eu faça questão em apparecer aquillo que fui antes de tudo: um diplomata esforçado, que soube desempenhar-se denodadamente das suas obrigações.

Belém do Pará, 1896.



A demissão
do dr. Lins de Almeida



A demissão do dr. Lins de Almeida.

Disseram-me que o sr. dr. Henrique Mamede Lins de Almeida attribuiria a informações minhas ao sr. dr. Victorino Monteiro a sua exoneração do cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao Governo do Paraguay. Não tem razão. Esse diplomata deve a si proprio o revez que o feriu. Vejamos-o.

Ao estalar a revolta de 6 de setembro, fui removido de Assumpção

para Montevideo, afim de substituir o 2º Secretario Gomes Pereira, transferido para o meu posto na capital paraguaya. Chegando ao Uruguay, facil me foi reconhecer que o meu novo chefe estava muitissimo prevenido com aquelle seu collega. Fez-me algumas perguntas, a que eu não poderia responder pela negativa sem faltar escandalosamente á verdade. Taes perguntas referiam-se á ostentação de sentimentos monarchistas que o sr. dr. Lins de Almeida tinha garbo em fazer. Entretanto, por escrupulos obvios, essas respostas de minha parte não passaram de poucos monosyllabos.

Quando, no Rio de Janeiro, foi publicado o memoravel Manifesto Saldanha da Gama, que tão decisiva influencia exerceu sobre a sorte da revolta, o marechal Floriano Peixoto mandou ao dr. Victorino Monteiro, pelo telegrapho, o respectivo texto, recommendando-lhe que o transmitisse, em despachos officiaes, ás Legações em Buenos-Aires, Assumpção e Santiago do Chile. Esta, por seu

turno, deveria dar conhecimento do dito Manifesto aos nossos representantes no Perú e na Bolivia.

Claro está que o esforçado ministro que tão nobre papel representou no Prata durante a revolução deu-se pressa em cumprir esta ordem do presidente da Republica. E como estava no conhecimento de que a mór-parte dos officiaes da flotilha brasileira de Matto-Grosso, então estacionada no porto de Assumpção, se conservavam em attitude, se não favoravel ao movimento armado, ao menos sympathica ao proceder do almirante Saldanha,—Victorino Monteiro, ao expedir o telegramma a seu collega no Paraguay, pediu-lhe que o communicasse, também officialmente, áquelles militares. Havia razões para se esperar que diversos d'esses briosos marinheiros, uma vez divulgados os intuitos restauradores do inditoso Saldanha da Gama, sufocassem sentimentos de sympathia pessoal, e acudissem pressurosos a offerecer o valor de suas nobres espadas ao severo e patriotico marechal

Floriano. Não obstante, com grande surpresa nossa, passaram-se muitos dias, — e o esperado offerecimento não se manifestava.

Muito perspicaz, Victorino Monteiro desconfiou da lealdade do sr. dr. Lins de Almeida. Ordenou-me, pois, que telegraphasse o teor do Manifesto ao então primeiro-tenente José Thomaz Lobato de Castro, meu distinctissimo e prezado conterraneo, commandante da canhoneira *Taquary*. Poucos dias depois, chegavame ás mãos um telegramma do pundonoroso militar, mais ou menos n'estes termos : « Sciente dos intuitos da revolta, peço um posto de combate na esquadra legal. »

Exultou Victorino Monteiro, porque Lobato de Castro fôra, até então, um dos mais fervorosos adeptos de Saldanha da Gama. Espirito leal, coração sem jaça, repugnara sempre ao digno moço ver no movimento um sentido adverso ao do regimen republicano.

Convinha, porém, obter a prova irrecusavel da deslealdade do sr. dr.

Lins de Almeida. Foi então que, ainda por ordem do plenipotenciario em Montevideo, telegraphiei a Lobato de Castro, afim de informar-me por que meio elle e os seus collegas da flotilha haviam tido noticia do Manifesto. O commandante da *Taquary* respondeu que, reunidos todos a bordo do seu navio, tinham uns respondido que pelo telegramma por mim endereçado ao meu digno conterraneo,—outros que pela leitura do diario *La Democracia*, de Assumpção. Esta informação foi remettida pelo sr. dr. Victorino Monteiro ao marechal Peixoto: seguiu-se a exoneração do sr. dr. Lins de Almeida.

Ninguém, de animo imparcial, poderá censurar ou sequer extranhar a minha conducta, cumprindo ordens, *inteiramente legaes*, de meu superior.

Repito:— não contribui esponneamente para a punição do ministro no Paraguay. Se o quizesse fazer, diria :

—que o sr. dr. Lins de Almeida, desde a sua chegada a Assumpção, jamais deixou escapar um ensejo de

indispôr-se com o Gabinete paraguayo, tão vehemente era o seu desejo de volver á Europa, onde a Legação em Vienna perennemente lhe aguilhoava a cobiça ;

—que os archivos das chancellarias das relações exteriores nos dois paizes devem estar prenhes de documentos comprovativos da asserção acima exarada ;

—que o sr. dr. Lins de Almeida ostensivamente estipendiava o plumitivo Molina, que n'um jornaleco de categoria infima aggredia Governo e familias de Assumpção, ao ponto de chegar a ser preso e alistado como recruta na força militar;

—que as suas relações pessoaes com os membros do Governo paraguayo tornavam-se cada dia mais tensas e melindrosas, tão avultada era a serie de desconsiderações com que o meu ex-chefe offendia áquelles personagens.

Se eu quizesse prejudicar ao sr. dr. Lins de Almeida, teria sido menos tolerante e mandaria contar ao Governo federal que s. exc., sem o

minimo rebuço, ostentava os mais reaccionarios sentimentos monarchicos, — em qualquer parte onde se achasse, quer perante compatriotas, quer deante de filhos do Paraguay. Não o fiz, por escrupulos de delicadeza e para que se não julgasse que, assim procedendo, eu gestionava practicamente a minha investidura no posto de Encarregado de Negocios, que me caberia por legitima successão.

Diria ainda que s. exc., em prelecção republicanophoba aos filhos, apontava-lhes a bandeira nacional e exclamava na sua voz de falsete, arrebitando-se nos bicos dos pés : « Ordem e Progresso, é o que ali se lê ; mas Desordem e Regresso é o que realmente existe no Brazil ». E rematava, sentencioso : « Emquanto não vier Isabel, a Santa, restituir a Cruz áquella bandeira, seremos sempre um povo desgraçado ! »

Diria mais, se meu proposito fôsse annullar esse diplomata que só á Republica deve as suas promoções na carreira. Diria, por exemplo,

que s. exc., pelo mais exaggerado espirito de economia, enviava ao Banco da Republica, annualmente, tres quartéis de seus vencimentos integraes, vivendo apenas com a importancia relativa a um quartel, o que o obrigava a terriveis provações,— collocando-o estas na triste posição de representar mui indignamente a nossa Patria.

Diria também que, pelo grande orgulho de sua esposa e má educação de seus filhos, as familias que os frequentavam,— e entre estas a minha propria, a do vice-consul Corrêa de Sá e o consul geral Jayme Dias,— a breve trêcho espaçamos nossas visitas, até supprimil-as de todo, evitando por tal modo intoleraveis vexames decorrentes de impertinencias e grosserias de toda a especie.

Mais diria :— que o sr. dr. Lins de Almeida, ao estalar a revolta, fazia declamações contra o Governo legal pelas pharmacias e vendas onde ia pessoalmente sortir-se de cosmetico e assucar a baixo preço.

Accrescentaria que s. exc., n'um banquete em minha residencia, achando-se presente o ministro Oriental e varios consules estrangeiros, levianamente se recusara a acompanhar o commissario da nossa marinha de guerra, tenente Wanderlino Ferreira da Silva, no brinde por este proposto ao « Presidente da Republica Brasileira »,—excepto se elle substituisse a phrase por esta outra :—« Ao Chefe da Nação Brasileira ». Restricção mental de monarchista catholico...

Quizesse eu fazer mal ao temerario diplomata, e mandaria dizer no Rio de Janeiro que o caso do espancamento de officiaes da flotilha, n'um baile publico, teve desenlace humilhante para a nossa nacionalidade, em virtude das imprudencias com que á arrogancia do sr. dr. Lins de Almeida affigurava-se poder conquistar, com a nomeada facil, uma remoção compensadora para qualquer côrte européa.

Contaria o caso do emprestimo de 40 pesos paraguayos, por um mez, a um pobre alfaiate, com a prévia

cobrança de *um peso* de juro e immediata encommenda de umas calças, do valor de 30 ou 35 pesos !

Contaria mais, com o testemunho dos já citados tenentes Lobato de Castro e Wanderlino, que s. exc. conservava na propria chancellaria o antigo escudo do Imperio,— « para o que pudesse acontecer... »

Mil outros interessantes informes, por egual veridicos e escandalosos, levaria eu ao conhecimento do Governo brasileiro, se quizesse fazer mal a esse desageitado diplomata, cujo unico acto acertado foi a reorganisação do archivo, com a minha cooperação. Nada d'isso noticiei a ninguém: Ainda agora, calo-os para posterior apresentação, prevendo a hypothese d'um desmentido ás articulações supra.

Basta que se saiba, por hoje, que o sr. dr. Lins de Almeida é o maior amesquinhador de seus collegas do corpo diplomatico. E, para terminar, este caso typico, que vae dar-lhe o derradeiro rebite aos cravos.

Quando vim para o Rio da Prata, entregou-me s. exc. certa importancia, a fim de ali comprar diversos objectos destinados ao seu toucador. Apresentei-me a effectuar a encomenda, que remetti n'um pacotinho. O trôco, enviei-lh'o pelo correio, em carta registrada. Annos depois, o sr. dr. Lins de Almeida escreveu-me, não sei já de onde, pedindo-me a devolução de 30\$— quantia na qual orçava aquelle trôco, que dizia não ter recebido.

E' claro que não lhe dei resposta.

Buenos-Aires, 1896.



A divida do Paraguay



A divida do Paraguay

Discutiui-se ha pouco, pela imprensa do Rio, a conveniencia de perdoarmos ao Paraguay a sua divida de guerra, devolvendo-lhe tambem os trophéos conquistados pelas armas brazileiras nos campos de batalha. A disparatada idéa encontrou echo em Assumpção, de onde veiu um telegramma entusiastico, agradecendo, por antecipação, a inesperada *gentileza do Brazil*. Assignavam esse despacho diversos nomes, que o jornalismo carioca affirmou serem de summidades da politica paraguaya.

Não me soffreu o animo de patriota o engano em que uma parte da opinião publica de meu paiz estava incorrendo, por falta de opportunos esclarecimentos. Dirigi, por isso, á *Gazeta de Noticias*, da Capital Federal, a carta, que mais adeante vae reproduzida e que a citada folha inseriu em logar preferente, com a seguinte introdução :

« PARAGUAY-BRAZIL. — Sob esta epigraphie, recebemos a seguinte curiosa nota de alguém que conhece o Paraguay e os seus homens, e que nos dá informações que não são para desdenhar quando se faz entre nós a mais extravagante das propagandas, por ser a propaganda que nós, devedores quasi insolvaveis, não temos o direito de fazer, e por ser a propaganda que nós, provocados á guerra, não temos o direito de iniciar. Publicando os trabalhos do ex-diplomata, o nosso intuito é illustrar o idealismo dos iniciadores d'esta campanha, a que falta absolutamente o senso pratico, senão o simples bom senso. »

Eis a minha carta :

« Sr. redactor da *Gazeta de Noticias*.
— Permitta-me offerecer-lhe alguns esclarecimentos sobre a surpreendente e injustificavel propaganda que um pequeno grupo de brazileiros está levantando, para a renuncia á divida de guerra contra as forças de Solano López. Não tenciono ir hoje além dos pequenos apontamentos que adeante seguem; mas, se v. s. tiver a amabilidade de os acolher convenientemente, quiçá eu me abalance a reforçar com outros argumentos a brilhante opposição o outro dia formulada pela *Imprensa*.

Quaes são os precedentes dos cidadãos paraguayos signatarios do telegramma de Assumpção, publicado a 8 do corrente? E' o que vou analysar em poucas palavras, para não furtar muito espaço ao sr. redactor.

General Bernardino Caballero.—Foi companheiro de López na guerra contra a triplice alliança. Alardeia tendencias sympathicas ao Brazil;

mas nenhum acto positivo o comprovou, apesar de ter estado varias vezes na presidencia do seu paiz.

Dr. Facundo Inesfran.—E' medico, tem sido ministro de Estado; mas os seus sentimentos são todos argentinos.

General João Baptista Egusquiza.—Ex-presidente da Republica, em virtude, segundo se fala, de animações do sr. dr. Amaro Cavalcante, quando na plenipotencia em Assumpção. Era coronel e occupava a pasta da guerra ao tempo que estalou o conflicto da Legação brazileira com o Governo do sr. João González, a proposito do espancamento de officiaes da nossa marinha, n'um baile publico, por agentes de policia. Esse militar e o dr. Venancio López, ministro do exterior, fôram os principaes insufladores da tenaz resistencia que o presidente González oppoz ás desaguidadas e quasi impertinentes reclamações do sr. dr. Lins de Almeida, ministro do Brazil.

O general Egusquiza é apolo-gista da annexação da sua patria á

Republica Argentina, sentimento este aliás partilhado pela mór-parte dos homens que se arrevezam no Governo d'aquelle pequeno e sympathico paiz. O archivo da nossa secretaria das relações exteriores possui edificantes documentos sobre este notavel assumpto.

Emeterio González.—Entidade nulla, sem significação alguma.

Benigno Ferreira.—Idem.

Benjamin Aceval.—Irmão do presidente paraguay, é argentino por educação, pelas naturaes tendencias do seu espirito illustrado, que tem sabido estudar a identidade de sangue, de crenças e de idioma, a perfeita paridade historica das duas nações fatalmente destinadas a uma aproximação no futuro.

Rufino Mazó. — Leiloeiro, fliou-se ao grupo gonzalista, que successivamente o elegeu deputado e presidente da respectiva Camara. E' francamente partidario da annexação, mas pouco vale por si.

Cecilio Báez.—Bacharel em direito, moço muito intelligente, estudioso,

mas algo original, é o mais encarniçado brazileirophobo de Assumpção. As paginas do diario *La Democracia* estão pejudadas de artigos seus, desancando-nos a valer. Em 1893, publicou uma série a favor da alliança definitiva com a Republica Argentina.

Heitor Velásquez.—Ex-ministro, não nos é sympathico.

Justo P. Duarte.—Nada vale.

Manoel Domínguez. — Velho advogado, não pesa na politica.

Manoel Maciel. — Nosso inimigo, desde o tempo da guerra.

João C. Centurión.—Todos no Brazil conhecem este nome, que recorda, por associação de idéas, terriveis acções do marechal Solano López. Vamos adiante.

Paschoal Vellilla. — Insignificancia politica.

Adolpho Soler.—Idem.

Blas Garay.—Ex-empregado subalterno do correio de Assumpção, ganhou uns quantos pesos em outubro de 1892, n'uma especulação de sellos da emissão especial do centenario

colombiano e; demittindo-se, comprou varios ternos de fazendas alvadias, fez-se janota e deu para frequentador da calle Palmas, que é assim como que a rua do Ouvidor da capital assuncena.

E com esta derradeira nota humoristica, mas exacta, fico hoje por aqui, saudando ó sr. redactor com a minha mais attenciosa consideração.

— *Um ex-diplomata.* »

*

Esta cartinha, cujo auctor era desconhecido para a propria *Gazeta de Noticias*, levantou celeuma e foi attribuida a diversos membros da diplomacia nacional. Chegou a haver protesto pela imprensa, ao tempo que a Commissão Benjamin Constant, emocionada com o inesperado ataque, expandia pelas columnas livres das gazetas o peculiar phraseado da egrejinha positivista, afim de rebater o incognito adversario. Entretanto, tres dias depois, lia-se na primeira pagina da *Gazeta* o seguinte artigo, também de minha lavra:

« Beijo as mãos ao illustre redactor da *Gazeta de Noticias* pela ampla e honrosa publicidade que se dignou dar a esta série de artigos, visando a um fim patriótico.

Tardava já que o bom senso viesse a campo desbancar as phantasiosas arremettidas de um grupo de cavalheiros cujas intenções generosas não deixam de ser não só extemporaneas, mas até perigosissimas para o bem-estar da nação brasileira. Vou proseguir desassombradamente; mas desde logo avanço, á guisa de proemio, ser puro e elevado o meu escôpo. Não conheço os iniciadores do movimento em questão, o que exclue prevenções de animosidade. E ao Paraguay estou ligado por doces recordações de amistoso acolhimento e grata permanencia,— factos que só poderão contribuir para que eu seja favoravel áquelle sympathico paiz. Ditas estas palavras, que reputei imprescindiveis, entremos em assumpto.

A minha residencia em Assumpção do Paraguay, por longo tempo, e a

posição em que me encontrava no corpo diplomatico ali acreditado, deram-me ensejo para estudar com afino e vagar o character dos estadistas paraguayos, observar-lhes as tendencias e surprehender os seus intuitos. A par d'este estudo, que denominarei official, abalancei-me a outras investigações : sondei o sentir do povo, perscrutei-lhe as reminiscencias do passado e auscultei-lhe as pulsações da alma docemente idealisadora e vagamente fatalista.

N'esta, como n'aquelles, encontrei uma aspiração latente por melhores dias, que, no pensar geral, só podem vir da annexação com a Republica Argentina. E' claro que o povo ali não póde ter outro movimento senão o que lhe imprime o pequeno grupo de cavalheiros aos quaes está confiada a administração politica nacional. São elles o cerebro pensante : o povo obedece.

Entre os proprios cidadãos brasileiros, acolá radicados ha muitos annos, pude notar a mesma

inclinação ; absorvidos pelo elemento autochtone, a ponto de chegarem quasi a esquecer a nossa lingua, são talvez os mais dissimulados e intransigentes adversarios dos representantes brasileiros.

No Paraguay andam todos prevenidos contra os nossos governos. Do tempo da monarchia data essa attitude. Os nossos diplomatas são acolhidos com affabilidade, porque o natural d'aquella gente é simples e bondoso; mas, através do mais amavel sorriso, o olhar sagaz do observador póde descortinar sempre uma pontinha de prevenção, uma sombra de desconfiança. E' que nós somos os descendentes dos vencedores de Aquidaban e a alma ignorante do povo, por não ter olvidado a rudeza da derrota, amofina-se humilde e receiosa. »

Seguia-se o capitulo que o leitor já encontrou á pagina 99 d'este volume, com o titulo « Diplomacia vêsga », — excepção feita das referencias pessoaes, que a brilhante

folha do sr. dr. Ferreira de Araujo entendeu dever eliminar.

*

As seguintes linhas constituiram o terceiro artigo com que julguei-me obrigado a contribuir para o combate a uma impertinente lembrança, tão impertinente quanto fóra de proposito :

« Porque havemos de perdoar ao Paraguay a divida de guerra ? Para mostrar-lhe amizade ?

Mas a Republica Argentina, que de ha muito emprenheu porfiadissimo *steeple-chase* com o Chile, para a supremacia no coração do continente sul-americano, jámais pensára em semelhante singularidade, agora espipada do bôjo positivista da commissão Benjamin Constant.

O bom senso demonstra que a cordialidade das relações entre o Brazil e o Paraguay póde continuar perfeita e até estreitar-se cada vez mais, sem que se torne preciso relevar áquelle paiz a divida de honra contrahida após a guerra. Para provar-lhe que não somos nós quem

deseja absorvel-o, não é necessario infligir á memoria dos brazileiros mortos nos campos de batalha a suprema affronta que esse perdão sem equivalente representaria. Fala com eloquencia a prolongada e complacente inacção do Brazil, que jamais provocou a liquidacção de contas, nem sequer exigiu a simples satisfacção dos juro. A propria divida da estrada de ferro de Assumpção a Paraguay,— quando foi que tentamos cobral-a ?

Obra de patriotismo seria mostrar aos paraguayos que a impertinencia de certos diplomatas nossos para com os governos de Assumpção nunca representou o sentir da alma brazileira ; esta sympathisa com os filhos dos vencidos e sabe apreciar a virilidade de seus honestos esforços, para o relevantamento da sua nobre patria no concerto internacional sul-americano. Obra de patriotismo é essa opportunissima creacção de um Gremio de Veteranos do Paraguay, no intuito de congregar e proteger os legionarios da guerra e

manter latente no seio do povo o culto do amor nacional pela rememoração dos heroismos que as armas brasileiras praticaram. Obra de patriotismo seria ainda aproximarmos os corações brasileiros e paraguayos por meio da acção de diplomatas criteriosos e benevolos, que dedicadamente se consagrassem a tal empresa, desvendando nossas reaes intenções de pacifica e inteira cordialidade, sem o pesadelo das velleidades annexionistas, que são o fito, mais ou menos intelligentemente dissimulado, de outras nações vizinhas.

Assim penso que deveremos agir quanto antes; conseguiremos desfazer um equivoco de interpretação no Paraguay e, perante o mundo inteiro, mostraremos não ter justificativa o tentamen de curatela que os banqueiros inglezes querem estender sobre o nosso Governo.

Não é possivel estarem com a verdade os jornaes que marcam para a semana proxima uma conferencia do presidente da Republica e seus ministros, afim de estudarem a questão.

Se não fôra ridiculo, seria extraordinario que attribuissemos ao Chefe da nação a duplice attitude de administrador obsidiado pelo terrorismo financeiro, promovendo economias á força e desvanecido na largueza incomparavel de favonear a tentativa de perdão da divida de guerra. O caso em si é tão despropositado que, certo, nem as honras de um exame ha de merecer do sr. dr. Campos Salles. Sabe s. exc. aliás que o elemento positivista, promotor do movimento em discussão, representa uma parcella minima no conjuncto intellectual brasileiro. Accresce, para honra do bom senso nacional, que o comtismo, bandido da Europa, onde só a sua parte scientifica encontrou repercussão, veiu aninhar-se no Brazil, como tentamen de reforma religiosa, mas bem depressa degenerou n'uma singular exhibição de anomalias e exquisites, que vão frisando pelas pachouchadas de *vaudeville*.

Ninguém o toma a serio, mercê do senso commum. E é já com o mais franco sorriso que ali qualquer

cidadão ouve os iniciados, alguns com 18 ou 20 annos de idade apenas, fazerem transcendentés dissertações, no estylo peculiar, todo hispido de palavrões, na proporção exacta dos attentados orthographicos (*).

Se a lembrança do perdão da dívida é, pelo menos, original, — a que se refere á restituição dos trophéos de guerra desabotôa a gargalhada franca ao mais hypocondriaco individuo. Como lubrificante do duodéno, é sem rival.

A taes investidas contra a nobreza dos mais delicados sentimentos de veneração e respeito pela memoria dos patriotas victimados nos terriveis passos e potrerros paraguayos, chama a Commissão Benjamin Constant — patriotismo. Se a proposição fosse dada em julgamento a um plebiscito brasileiro, a alma nacional teria indubitavelmente, para estygmatisal-a, palavra menos nobre, mas de certo mais acertada e significativa na especie.

.....
(*) Mestre Comte escreveu ser necessaria uma existencia inteira para lhe penetrarmos a essencia das theorias.

Com uma só idéa da referida Commissão concordo plenamente, chegando até a applaudil-a com enthusiasmo. Os amaveis cavalheiros querem dignificar o *Templo da Umanidade* com a inauguração do busto de Francia, dictador do Paraguay, junto ao busto de Clotilde de Vaux, amante de Augusto Comte.

Muitissimo bem. E' o que se chama saber attender á lei do justo meio. Que melhor logar caberia, com effeito, ao neurasthenico e sanguinario Francia, prototypo de dissimulada perversidade, do que a par da meretriz vulgar, ignorante e feia, que outro neurasthenico, o chefe do positivismo, exalçára á gloria virginal no miserando periodo da sua dissolvente loucura ? »

Rio de Janeiro, 1899.



Phantasias



Phantasias

Numerosas paginas encheria eu, se quizesse honrar os meus adversarios registrando todas as phantasias que os seus instinctos diffamatorios engendraram, para calumniar-me. Vou apontar algumas d'essas mentiras, a que não podem furtar-se os homens publicos, em quadras de latente paixão partidaria.

*

Taes calumnias, creadas nas duas margens do Prata e estrumadas pela

tagarelize dos proprios compatriotas, chegaram a encontrar miseranda repercussão no Rio de Janeiro. Um bello dia, em telegramma cifrado, o sr. ministro do exterior participava me que eu e Raul de Amaral, distinctissimo 2º Secretario da Legação, fôramos accusados de haver obtido gratificações pecuniarias do Banco Italiano del Uruguay quando serviram em Montevideo. Respondi logo, repellindo a infamia e promettendo immediata defeza pelo correio. Com effeito, dias depois, remettia eu ao ministerio das relações exteriores documentos officiaes que destruíram a covarde arguição.

N'esse mesmo anno, fiz uma viagem ao Rio de Janeiro ; e, na propria secretaria do exterior, consegui saber que o *creador* d'esta novidade fôra o sr. dr. Augusto Cockrane de Alencar, 1º Secretario, que me substituiu em Montevideo e estava já então em Berlim. Público-lhe o nome, para futuro escarmento de outros collegas seus, que, como eu, o rodeiem de

attenciosos favores. E' contarem com o indefectivel beliscão.

*

A melhor phantasia, aquella que mais ousadia revela da parte de seus auctores, foi sem duvida a seguinte.

Em vespervas de sua partida para o Rio de Janeiro, o sr. dr. Epiphanio Portela, ministro argentino no Brazil, dignou-se de retribuir ao jantar, que eu lhe offerecêra dias antes, com um magnifico almoço, no qual, por delicadissima intenção de refinada cortezia, soubera elle congregar eminentes personagens de sua patria, sympathicos á nação brazileira : Martin García Mérou, Mariano Pelliza, Alcorta Filho, Montes de Oca e muitos outros ali estavam, rodeando de inolvidaveis finezas o Encarregado de Negocios do Brazil.

Foi uma festa memoravel pela intensa cordialidade, tão expressiva, que se notava na conversação geral. A' sobremesa, Mariano Pelliza, o correcto sub-Secretario d'Estado de Relações Exteriores da Republica

Argentina e illustre historiador da *Dictadura de Rosas*, fez um brinde eloquentissimo á confraternisação de nossos dois paizes, rematando com uma feliz allusão á batalha de Monte Caseros, cujo anniversario, por uma grata coincidencia, passava n'esse mesmo dia, 3 de fevereiro. Em addendo a este brinde, o sr. dr. Epiphanio Portela, que, momentos antes, soubera estar eu esperando a cada instante o nascimento de um novo filho, brindou pela felicidade de minha familia e, com especialidade, d'aquelles descendentes meus que em sua patria nascessem.

A esta gentileza respondi eu dizendo que, para ser completo o jubilo de que minh'alma estava possuida, desejava que a creancinha viesse ao mundo n'esse dia, pois assim, annualmente, em egual data, eu reuniria á recordação de um valoroso feito d'armas, cujas glorias se repartem irmanãmente entre as duas nações; eu reuniria, disse, a sensibilisadora lembrança d'aquella festa, que ultrapassava os rigidos limites da etiqueta

diplomática, afim de tomar o meigo aspecto de uma affectuosissima confabulação familiar.

Os jornaes, naturalmente, publicaram noticias d'este almoço, com resumos dos principaes discursos. Minhas palavras saíram sem variantes sensiveis em *La Nación*, a cuja redacção pertence o dr. Portela. Tanto bastou para que a especulação encontrasse pasto contra a minha honra de brasileiro. Pouco depois, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, inseria capciosas referencias de seu correspondente, — chegando este ao arrojo de attribuir-me a imbecilidade de haver exclamado : « E' tão grande o meu entusiasmo por este paiz, que meus filhos serão todos argentinos ! »

Mais tarde, parece que similhante calumnia pesou na consciencia do alludido correspondente. O homem-zinho só descançou quando me foi apresentado ; e, desde então, ao encontrar-me, desfazia-se deante de mim em saltitantes salamaleques. Succedeu depois que, em seguida a

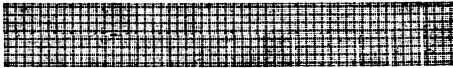
um banquete intimo por mim offerecido ao ministro do exterior, fôram suspensas quasi inteiramente as quarrentenas a que estavam sujeitas as embarcações de procedencia brasileira. O mencionado correspondente do *Jornal do Commercio* encontrou-me n'uma esquina e, abraçando-me com fogo, exclamou perante testemunhas: « Bravos ! parabens ! Ha muitos annos que o Brazil não era tão intelligente-mente representado na Republica Argentina ! »

Henrique Hasslocher é o nome d'este jornalista.

Belém do Pará, 1896.



A guerra



A guerra

São periodicas as apprehensões sobre uma guerra entre o Chile e a Republica Argentina. Cada primavera traz, com a desobstrucção dos passos da cordilheira dos Andes, novos receios, temores novos, que vêm repercutir dolorosamente na alma brasileira. Todos os annos, mal começam os gêlos a derreter-se nos alterosos cumes divisorios dos dois paizes, levantam-se nas respectivas capitaes desencontrados boatos, bellicosos rumores, que por muitas semanas trazem agitadas as secções

telegraphicas dos jornaes sul-americanos e até de algumas das mais gravebundas folhas da City.

Não me parece merecerem já maior interesse semelhantes noticias, evidentemente exaggeradas por intuitos especulativos, — de politica ou de Bolsa. O que o passado tem produzido deverá precaver-nos contra as arremettidas do presente. A realidade, só conhecida das chancellarias e de certas rodas diplomaticas d'onde a sagacidade discreta exclue a compromettedora loquêla dos bisonhos Talleyrands, — a realidade é bem diversa. Salvas as hypotheses improvaveis de graves provocações, a solução da pendencia entre o Chile e a Argentina, se não está imminente, não será também levada a effeito pelos meios violentos que a reportagem açodada se compraz em phantasiar.

O accordo de 1896 é; aliás, bem explicito em suas disposições. E, antes de um conflicto armado, haverá sempre o appello para o arbitramento posto sob o tranquillo beneplacito

de sua graciosa magestade a rainha Victoria. Não vejo motivos para emoções, porque aos estadistas dos dois paizes bem nitida se apresenta a situação, destacada sobre a perspectiva de um feroz movimento armado, que acabaria por desequilibrar-lhes de todo as vacillantes finanças. Isto mesmo tenho informado ao Governo brasileiro, como Encarregado de Negocios, com a maior lealdade, certo de que o cumprimento do dever é o principal ponto de vista do meu espirito. Que importa que outrem — o sr. dr. Abbott, por exemplo, quando no exercicio da plenipotencia, — encare os factos por diverso prisma e, entrevendo graves successos proximos, transmitta os effeitos de sua apprehensiva visibilidade aos humidos salões do caes da Gloria? O futuro, que recebe o meu appello mais convicto, será o revelador fiel da verdade. A elle confio o facil encargo de demonstrar quem tinha razão n'esta emergencia, se o Ministro, se o seu substituto temporario.

Não seria pequena a enumeração dos officios que tenho dirigido ao Governo brasileiro, sobre a questão de limites. Vão todos elles illustrados de curiosos documentos, artigos officiaes e officiosos da imprensa argentina, trabalhos de particulares, regulamentos especiaes, mappas e plantas dos territorios em litigio, emfim, tudo quanto possa praticamente contribuir para a mais util comprehensão dos acontecimentos. Se a Legação em Santiago tem tido, como creio, igual cuidado, pois confio na dedicação do sr. dr. Henrique de Barros Cavalcante de Lacerda, — o sr. ministro do exterior, dr. Carlos de Carvalho, está apto a declarar-se vasta e proficientemente informado.

Que taes notas, por mim tomadas com especialissimo carinho profissional, não tenham ido, intactas, augmentar os archivos, em muitos pontos virgens, da secretaria do exterior, são os votos que faço, não por vaidade, mas por verdadeiro interesse de diplomata brioso e patriotico.

Ser-me-á dado, a mim, obscuro representante do Governo brazileiró, enviar um parecer á opinião nacional, em minha patria ? Desejara ver banidas da imprensa e dos cenáculos politicos as preoccupações demasiado ardentes sobre a sorte da ambiciosa nação que tem a preponderancia no Pacifico. Estou a ver cem olhos arregalados pela surpresa, mil bôccas arredondadas em sonoras exclamações, protestando contra a independente ousadia do conceito ahi exarado.

— Pois quê ! dir-me-ão. Quereis acaso arrancar-nos á mais doce phantasia do nosso inoffensivo platonismo internacional ? Como poderemos extirpar da alma a emotividade sentimental da pieguice chileno-phila, que o sr. Custodio de Mello implantou com um acto commum de cortezia rudimentar ? E' de mais ! Vindes abalar-nos profundamente, intoleravelmente, a fibra displicente do nosso habito. Ide-vos para longe !

E' o que se me affigura ouvir com frequencia, em boa parte da

população brasileira; porém conservo toda a imperturbavel tranquillidade dos convictos pelo raciocinio : oiço e reajo a frio, com os argumentos seguintes.

*

Os homens que tanto carinho affectam pelo Chile poucas vezes terão perscrutado o proprio sentimento, inquirindo-o sobre as suas determinantes. Menos vezes ainda terão pensado nos effeitos que á politica externa brasileira faria uma possivel victoria das armas chilenas sobre a Republica Argentina.

Meditemos por elles e vejamos a que incongruencias a irreflexão os arrasta. Temos dois pontos principais a debater :

1^o—*A supposta sympathia chileno-brazileira.*

2^o—*Effeitos da dominação chilena no Rio da Prata.*

O duplo assumpto é dos mais vastos e enormemente interessante ; prestaria ensejo a largas divagações, se a minha penna fôsse menos revél

a demorados espraiaimentos. Serei succinto, sem prejudicar a clareza do debate.

Nego fundamentos á preferencia que uma parte dos compatriotas dá ao Chile. Não desconheço que de longa data vêm as amabilidades d'aquella nação para conosco; o que affirmo e vou provar, é que taes deferencias decorrem de simples interesses egoisticos, são filhas de suas proprias necessidades politicas e mudar-se-iam em hostilidades, se a bandeira tricolor a um tempo mirasse a sua alva estrella nas aguas do Pacifico e nas do Atlantico.

Ambiciosos em virtude da fatalidade natural e historica que, ao constituir-se-lhes a nacionalidade, os apertou na longa e estreita faixa de terra entre os alcantis das cordilheiras e os abysmos do mar, — os chilenos são os inglezes do novo mundo. Como estes, sonham aquelles com a expansão territorial, menos para collocação de excessos de população, do que para a conquista de recursos naturaes, que lhes dêm

seiva á difficil existencia financeira. E' um povo forte, não o nego, cheio de energica virilidade, que um bello clima favorece perfeitamente; mas tem egoismos ferozes, preconceitos de aristocraticas origens em pleno regimen republicano — e vem d'aqui uma das causas da impossibilidade da sua assimilação com a nossa essencial democracia, tão avêssa ás formalidades do protocollo como ás investigações de estirpe. A influencia jesuitica está bem patente no rijo character d'aquella raça, que ainda hoje allia á fidalga exaltação aventureira dos espanhoes o integro orgulho araucano. Assim teimoso e pratico, não poderia o Chile deixar de attentar nos erroneos recursos de que o imperio lançava mão, ao exercitar a sua manhosa politica internacional dos lados do sul. Facilmente pareceu-lhe que a grande monarchia do Atlantico, ambicionando talvez a absorpção do Rio da Prata, queria reproduzir as tentativas dominadoras dos próceres da colonisação braziliica. Ora, identicos sonhos affagava

o Chile, que não começara ainda a loucura do seu dispendioso armamento e via, por outro lado, que a hegemonia na America do Sul pertencia ao Brazil, duas vezes forte por contar com um exercito já aguerrido na campanha do Paraguay e com uma esquadra numerosa e valente. Que devia então fazer para coparticipar da partilha possivel, senão buscar alliança com o rival poderoso ?

Esta matreira tarefa, que a prudencia aconselhava urgente, foi tanto mais facil, quanto era certo que, pelas respectivas situações geograficas, nenhuma causa de dissenções havia entre os dois paizes. Chile e Brazil viviam em paz, simplesmente ligados pelas banaes relações da diplomacia. Tornar mais apertados estes laços foi obra de pouca monta. Meia duzia de sorrisos aos benevolos plenipotenciarios brasileiros, na chancellaria de Santiago, e festas em honra aos bravos officiaes da nossa marinha em aguas chilenas, — eis os recursos empregados pelos argutos cavalheiros. Os governos que

o Imperador organisava receberam sem grandes enthusiasmos aquellas demonstrações: acceitavam-n'as, porque uma lisonja é sempre doce. Mas a verdade é que nunca houve exaggerados açodamentos em corresponder a taes gentilezas. Prova-o a mesquinhez do Gabinete que mandou lançar á responsabilidade pessoal do sr. Custodio de Mello os gastos por elle feitos, como era de seu dever, para retribuir comesinhas a habilidades de cortezia internacional maritima. Foi preciso que os annos passassem sobre os homens e que o throno, ja abalado, experimentasse a necessidade de apoiar-se em sympathias, mesmo externas, para que um ministerio eminentemente reaccionario, — no sentido que seus interesses de partido lhe emprestam, — se lembrasse de realizar a inolvidavel apothéose da ilha Fiscal, o canto do cysne da realza no continente sul-americano. Este feito, porém, foi levado a cabo menos com o espirito de obsequiar amigos, passando a esponja da reparação sobre o cochilo de um Gabinete

anterior, do que com o duplice intuito de dar lição de mestre ao partido adversario, ao tempo que deslumbrava o *povo ignaro* com as desusadas pompas da monarchia receiosa da queda proxima. O que se póde affirmar, é que, tanto na primeira phase, como na ultima, o povo, aquelle que serve de lastro aos governantes bem orientados e é a crystallisação mais pura da alma nacional, — conservou-se indifferente aos manejos da ambição chilena. Para elle, pouca significação offereciam as aspirações dominadoras d'aquelle paiz. Distantes, sem ligações directas, as duas nacionalidades, pela sua genuina essencia, viveram sempre apathicas uma para a outra. Da cortezania dos ultimos tempos emanou o enthusiasmo chilenophilo, que os parasitas do throno elogiaram de oitiva, sem convicção nem fé. Facilitou-lhes a empresa a natural prevenção contra os povos platinos, por causa das divergencias de limites, aliás de pouca importancia, como o futuro o comprovou.

Não ha observador sensato e imparcial que não dê razão a estes raciocinios. Creio irrefutaveis os argumentos atraz exarados e que vou resumir na seguinte synthese:—E' injustificavel a preferencia pelo Chile, se a querem levar além da cordialidade que um paiz deve ás demais nações a que o prendem os laços da civilisação. Não se funda em bases de uma aspiração commum, em pról dos idéaes da humanidade, nem mesmo tem como élo a paridade de certas tradições, em determinado periodo historico, ou a simples frequencia das relações terrestres ou maritimas, que, approximando os povos, favorecem reciprocamente a prosperidade dos individuos.

Em outro estudo mostrarei com diversos argumentos ter a supposta amizade do Chile pelo Brazil diminuido muitissimo depois do advento da Republica: citarei então curiosas indiscreções dos seus proprios diplomatas, com os quaes tenho tratado.

Não serão essas as paginas menos interessantes da minha Carteira.

Analysemos agora o segundo ponto da these proposta, o que encara os efeitos da dominação chilena no Atlantico,—se esta um dia se realizasse.

*

Em virtude da prolongada expectativa bellicosa em que se encontra desde muitos annos, attingiu o Chile consideravel importancia como potencia militar na America do Sul. O seu exercito, entregue á direcção de um official superior allemão, possui optimas qualidades essenciaes para qualquer operação de guerra. Da marinha chilena toda a gente sabe que só tem equivalente na de sua rival do Atlantico. Ao lado de ambas, bem mesquinha figura faz a nossa pobre esquadra, tão desastradamente desmantelada pela revolta de 1893. Longe estão os tempos em que as naves brazilicas varriam os mares com a sombra da bandeira do losango d'oiro, attestando a nossa incontestada supremacia.

Admittida a hypothese de uma guerra entre o Chile e a Republica Argentina, seguida da absorpção d'esta por aquelle, em que situação viria encontrar-nos o poderoso vencedor? Com as finanças desequilibradas, quasi sem esquadra nem exercito, esta grande nação, que é a minha patria querida, braceja exangue entre a ameaça da bancarrota, a anemia das raças inferiores e a insania da mais bravia politicagem provinciana. E' o triangulo do horror! De longe, a fitar-nos em cobiçosa espera, o estrangeiro como que só aguarda o final da dissolvença dos brios nacionaes, para avançar intemerato até ás margens do Amazonas, ponto ambicionado para a fixação dos limites coloniaes europeus.

Bem conheço como esta linguagem extranha destôa dos canticos e lôas que o chauvinismo pachola está acostumado a levantar, para lisonja dos governantes e engodo de governados; mas é a voz da sinceridade patriotica, inspirada em longas reflexões sobre

as miserias da actualidade. Prosigamos, porém, pela analyse encetada.

Achamo'-nos desprovidos de recursos para a mais fraca resistencia. Onde, pois, iriamos haurir elementos que contivessem as arremettidas do Chile triumphante, ou mesmo as suas imposições no regimen das guerras aduaneiras, — se lhe aprouvesse, depois de assenhorear-se do Prata, mostrar aos inermes vizinhos o peso de seu braço? Expandido entre o Atlantico e o Pacifico, dominando dois terços do continente sul, — apoderar-se do Uruguay, do Paraguay, do Perú e da Bolivia seria obra de pouco tempo. Talvez nem mesmo tivesse necessidade de recorrer á força armada, — a não ser porventura n'esse ultimo paiz, — porque a tão terrivel e poderoso adversario ninguém ousaria oppôr o platonismo da resistencia pelo protesto diplomatico. Uma vez senhor de tamanho territorio, possuindo nada menos de duas esquadras e as riquezas de muitos erarios, poderia o Chile, já vizinho

limitrophe do Brazil, impôr-lhe quantas phantasias conviessem ao genio auctoritario dos seus estadistas. Teriamos de curvar a frente e transigir. De facto, abraçados pelas fronteiras chilenas ao sul e nas raias de Matto-Grosso e do Amazonas, o papel que nos seria dado desempenhar na politica sul-americana teria valor identico ao que possui no presente o Estado Oriental do Uruguay perante a Republica Argentina : — um satellite.

Contar com a opposição da Europa é sonho que não temos o direito de acariciar. A Europa, enfeudada no seu ferrenho egoismo, apoia sempre os mais fortes, porque são os mais fortes que podem proporcionar-lhe maiores proventos. Se o exemplo do seu procedimento durante a guerra sino-japoneza não é bastante expressivo, encaremos-lhe a attitude perante a brutal arremettida da Turquia contra a Grecia, recentemente...

A actual distribuição geographica da America do Sul afigura-se-me ser a mais consentanea com os interesses da melhor politica internacional

Mantemos boas relações com todos os povos de idioma espanhol. A Confederação Argentina, com a qual já liquidamos fraternalmente as derradeiras questiunculas de limites, vae galharda em caminho da prosperidade financeira e industrial, sem velleidade de conquistas territoriaes. Ha n'aquelle paiz um real impulso de sincera amizade para nós. Minha longa residencia no seio da sociedade argentina offereceu-me ensejo de estudal-a a fundo e descobrir quão injustas são as desconfianças de quantos vêm n'ella sentimentos de hostilidades contra o nome brasileiro. Dia a dia augmentam as relações commerciaes d'ali com os nossos principaes mercados, que alfim vão conhecendo a superioridade de muitos productos platinos. Aquelle paiz vae ser, em breve praso, o celleiro e o açougue do Brazil. Eis um vaticinio que offereço gratis á subserviencia europeanisada...

Neutro agora entre as aspirações invasoras do Chile e as resistencias conservadoras da Argentina, o voto

do Brazil é desejado com interesse e acolhido com sympathia. Mediador plastico, menos pelo valor material do seu poder armado, do que pela importancia moral das tradições historicas, a República brazileira póde contribuir immenso com os seus esforços pacificadores para o progresso continental. N'este progresso, que é a base da valorisação da propriedade particular, como é a base da fortaleza das nações, poderá cada povo encontrar elementos bastantes para a resistencia á proxima invasão norte-americana. Já uma vez o disse eu, em editorial d'*A Provincia do Pará*: —do norte vem a ameaça verdadeira, a ameaça real da absorpção *yankee*, tão prodigiosa em suas obstinadas tentativas de nababo phantasista. Contra um sophisma da doutrina de Monröe é, sobretudo, que devemos acautelar-nos! Calmem-se as dissenções entre paizes neo-latinos da America do Sul:—o gigante nortista reavigora a ambição na plethora de suas forças industriaes e não

tardará em tentar o grande golpe conquistador.

Do Congresso Pan-Americano ás felizes aventuras do Hawai vai larga differença. Por traz das guerrilhas cubanas difficil não é lobrigar o dedo do Governo da Casa Branca e a bolsa dos argentarios new-yorkinos. O sonho de Napoleão, que desejava egualar Alexandre e Cesar, terá a sua reproducção na formidavel invasão norte-americana. A companhia do canal de Nicaragua ha de ser o embryão das especulações porvindouras.

E então veremos que vesania foi a nossa,—se nos não colligarmos desde já no seio da paz, com apurada dedicação pelo restabelecimento das finanças, pela reorganisação da marinha de guerra, pelo povoamento do solo e pela expansão agricola e industrial da America do Sul.

Buenos-Aires, 1896.

Belém do Pará, 1897.



Um homem energico



Um homem energico

Referi em outro capitulo o modo, tão decidido como patriotico, pelo qual o dr. Victorino Monteiro evitou uma projectada desconsideração aos officiaes do cruzador *Tiradentes*, estacionado no porto de Montevideo.

Não desagradará de certo ao leitor o conhecer outros factos, egualmente notaveis. São traços do character leal d'esse joven e habil diplomata, a quem a patria deve não pequenos serviços de cooperação com a salvadora energia de Floriano Peixoto. A obra de Victorino Monteiro, por

não ter podido transpirar dos archivos do ministerio do exterior e da pasta particular do illustre marechal, ficou, por assim dizer, ignorada em todas as minudencias. A maldade indigena conhece-a apenas em suas grandes linhas geraes, — estas mesmas deturpadas pelas calumniosas versões que a paixão partidaria de momento engendrara com exito, n'um meio propicio a aleivosas invectivas.

Tenho a certeza de que, se um dia, á láia do que se faz por toda a parte, fôrem publicados *certos* documentos relativos á diplomacia brasileira no Prata, — rebrilhará com intenso fulgôr o patriotismo do esforçado estadista sul-rio-grandense. Mas vejamos por hoje alguns quadros ineditos, que, repito, dão flagrantes traços do seu character patriotico.

*

Havia pouco tempo que Victorino Monteiro assumira a nossa Legação junto ao Governo Oriental e somente dias antes estalara no Rio de Janeiro a revolta de uma parte da esquadra

brazileira. Obedecendo a ordens do marechal, fizera o novél diplomata avultadas despezas, sobre as quaes sacou contra o thesoiro, por intermedio de um banco de Montevideo.

Era esta operação, ao que parece, a primeira realizada após a assombrosa conflagração armada e, negociando-a, Victorino Monteiro, que é muito perspicaz, não deixou de entrever uma sombrinha de receio no fundo do espirito do gerente do estabelecimento, — mesmo atravez do seu amabilissimo sorriso. Convinha, pois, que o Governo brasileiro procedesse de modo a não fundamentar as hesitações mentaes do referido banqueiro. Já então, havia Floriano Peixoto, porventura descrente da discreção de certos homens, assumido a intelligente dictadura de facto com que dirigiu a contra-revolta. O nosso ministro, pois, para maior segurança, ao tempo que sacava sobre o thesoiro, fazia os correspondentes avisos ao vice-presidente da Republica. Desgostou, ao que parece, ao dr. Felisbello Freire, ministro da fazenda,

este procedimento do dito diplomata e negou o seu accete ao importante saque.

Imagine-se a surpresa e a colera de Victorino Monteiro, — que necessitava do maximo prestigio politico e financeiro para o bom resultado de sua delicadissima acção diplomatica, — ao receber do banco aviso de ter sido recusado o seu primeiro saque ! Não se descreve o seu furor, todo o justissimo orgulho que se lhe revoltou ao fundo da ardorosa consciencia de patriota. Pois quê ! Era assim que o Governo federal correspondia á sua dedicação, ao seu devotamento ? E pegou na penna, para demittir-se incontinenti. Mas vieram logo despachos telegraphicos de vigilantes amigos do Rio de Janeiro, informando-o sobre quem devia ser exclusivamente imputada a mencionada recusa.

Monteiro telegraphou então ao marechal, porém n'outros termos : explicou-lhe a lisura do seu saque, cujo aviso fôra aliás competentemente documentado e pediu-lhe, em termos

cortezes mas energicos, o correspondente pagamento immediato. Ao dia seguinte, o proprio banco avisava á Legação que o compromisso estava satisfeito. Para agradecer a Floriano Peixoto a racionalissima deferencia, Monteiro expediu-lhe delicado telegramma. E terminou com estas palavras, bem naturaes no seu genio e n'aquelle difficil momento: « Dizei ao vosso ministro da fazenda que, a primeira vez que o encontrar na rua do Ouvidor, dar-lhe-ei o necessario correctivo. »

Parece que, mais tarde, foi ainda imprescindivel a intervenção de Floriano para não realisar-se um choque entre os nossos dois illustres compatriotas.

*

Este outro caso é também caracteristico.

O fornecimento de cavalhadas para o exercito legal no Rio-Grande do Sul, pela fronteira oriental, fôra, em parte, contractado com um official superior do exercito uruguayo. Para

explicar este facto, basta dizer que os pretendentes a fornecimentos eram tão incançaveis, que até chegavam a arrancar ao proprio dr. Julio Herrera y Obes, presidente da Republica, irresistiveis cartões de recommendação para Victorino Monteiro. Aquelle fornecedor, porém, tivera um proceder que desagradara á Legação: enviara ás forças animaes velhos e cançados, que morriam aos poucos dias de chegada, ou pôtros inserviveis. Ao par d'isto, preços desarrazoados e outras faltas de equivalente gravidade.

Um bello dia, apresenta-se o contractante em casa do ministro.

Introduzido no proprio gabinete de Monteiro, foi por este recebido com uma frieza cortez. Mas o homemzinho, depois de abrandar a calida expansão do phraseado inicial, arriscou uma solicitação para novo fornecimento. Então partiu Victorino Monteiro n'este destempero:

— Pois o senhor ainda não está contente com o prejuizo dado ao meu paiz? E' demais! O sr. não passa

**d'um patife e d'um ladrão ! Suma-se
d'aqui ! Role, se não quer descer as
escadas com dois pétélécos na cara !**

**E o official superior do exercito
Oriental foi-se expedito, para nunca
mais apparecer-nos.**

Buenos-Aires, 1896.



Abbott diplomata



Abbott diplomata

Ao traçar o capitulo « Em defeza propria », particularmente destinado a produzir a minha justificativa aos olhos do paiz, alludi pela rama a alguns actos de Abbott, no character de plenipotenciario. Faz-se, porém, mistér que este livro, fiel repositorio de apontamentos destinados aos annaes da diplomacia brazileira, consigne outras notas da mesma fórma importantes, para edificação nacional.

E' o que vou tentar nas linhas seguintes, dispostas em pequenos

quadros de flagrante exactidão. Tudo quanto refiro traduz a verdade com leal escrupulo. Cito diversos nomes de respeitaveis cavalheiros; e, se divirjo um ápice da realidade, facil será confundirem-me com um desmentido comprovado.

Preste o leitor a sua melhor attenção : o assumpto, já por si attrahente, vae illustrado das mais extraordinarias peripecias.

*

Chegando o nosso heróe ao Rio da Prata, encontrou-se com essa inestimavel personificação da bondade e da modestia, que é o sr. dr. Raul de Amaral, então 2º Secretario, Encarregado de Negocios. Completamente alheio á pragmatica do novo officio, pois até ali só lhe fôra dado experimentar o empirismo clinico *in anima vili* e observar a certeza do bistorí nas carotidas dos *maragatos*, sujeitou-se, ao principio, ás sensatas observações feitas, com o maximo acatamento, por aquelle competentissimo auxiliar. Qualquer homem

ajuizado agradeceria á celeste muni-
ficencia o ter-lhe deparado, n'esse
illustre mancebo, uma preciosidade :
optimos Secretarios de Legação não
andam assim a rôdo em nosso quadro
de diplomatas. Elle, porém, o irri-
tavel *coronel* celebrisado nas cochilhas
riograndenses, a breve trêcho rebel-
lou-se contra a apparente inferiori-
dade da sua attitude. E, quando
desembarquei na capital portenha,
transferido de Montevideo, já o en-
contrei de todo insubordinado contra
« as patacoadas das formalidades di-
plomaticas ». Era de vel-o então, a
achincalhar, entre dois calices de
cognac e uma baforada de forte ci-
garro sertanejo, as maneiras deli-
cadas que devem distinguir todo
homem educado e que elle, por sin-
gular comprehensão da vida social,
julgava serem o privilegio dos diplo-
matas banaes ! Nunca seria d'esse
numero, exclamava superiormente.
Sua missão era mais do que elevada,
transcendente, acima de exteriori-
dades futeis. Qual fôsse ella, jamais

o revelou, a nossos olhos attonitos perante tamanha presumpção.

Com muita dificuldade, conseguiu Amaral resolvel-o a fazer o costumado gyro de visitas officiaes, após a sua recepção pelo presidente Saenz Peña. Elle, todavia, breve acenou com a cabeça que não estava para maiores incommodos e não houve mais considerações que demovessem-n'o a mostrar-se cordial com os estadistas argentinuos. Também n'uma aldeia portugueza, em Caci-lhas, asininas alimárias deixam-se ás vezes levar pela arreata, complacientemente; mas logo desandam na lendaria teimosia e não ha meio senão consentir que prosigam declive arriba, ás esfregadelas pelas anfractuosidades dos taludes e ribanceiras. Foi o que succedeu com o reformador, o Messias da nossa representação diplomatica no Prata. Quantos vieram retribuir-lhe a visita, debalde esperaram recebê-lo de novo em sua casa : Abbott « não fôra nomeado para perder tempo com paspalhões. » Assim ficaram suffocadas ao nascedoiro as

communicações entre esse personagem e as classes dirigentes do paiz onde estava acreditado.

Serão precisos maiores commentarios ?

*

Sapatos amarellos, meias brancas, terno de cheviotte azul marinho, gravata castanha de laço feito, — eis o seu traje ordinario. Mas os sapatos denunciavam longos, honestos serviços ; o fraque apresentava manchas de gordura ; nas rugas sobre o ventre, o collete continha em deposito a cinza de dez cigarros ; e a gravata, lustrosa pelo uso, estava poída no ponto de convergencia com o botão da gola, pelo contacto com a transpiração do mento, em tres verões successivos.

Quando o chefe da chancellaria argentina chamava-o para qualquer conferencia, tinhamos, eu e Amaral, a maior fadiga do mundo em demovel-o a vestir-se mais decentemente. Elle cedia a contra-gosto, com arrastada morosidade ; e, quasi sempre, limitava a transformação da roupa

mudar os sapatos, que substituiu por folgadas botinas pretas.

Esses sapatos faziam séria concorrência á gravata : acalcanhados, sombreados de manchas nas protuberancias dos joanetes, esgarçavam o cabedal em esgares que pareciam piscar de soslaio, como bradando : « Aposentae-nos ! » De tal sorte que, uma feita, o estimavel sr. José Riera, vice-consul em Paso de los Libres, mettendo o ministro á bulha, propoz-lhe promover uma subscrição para calçal-o melhor. Não agradou ao diplomata o sarcasmo ; porém surtiu o desejado effeito, porque, ao dia seguinte, um par de sapatos novos rendia o anterior sobre as avantajadas toezas de s. exc.

*

O sr. Alberto Cysneiro, fornecedor de grande quantidade de polvora ao ministerio da guerra, tivera comunicação official de que ao sr. dr. Abbott, por intermedio da Legação em Montevideo, primeiro e, depois, directamente, fôra ordenado o

pagamento da sua conta por aquelle artigo. Embalde pediu ao sr. ministro a satisfação d'essa ordem: s. exc. usava de claros subterfugios para adiar o cumprimento do encargo. Ora allegava ter sido a compra effectuada em data anterior á sua chegada ao Rio da Prata; ora dizia ignorar se as qualidades e quantidades haviam sido previamente conferidas. De umas vezes, desculpava-se com a espera de solução a uma consulta feita para o Rio de Janeiro; de outras, promettia para breve o pagamento. Respondia-lhe o crédor com indiscutíveis argumentos, provando que, se não estivessem devidamente conferidas no Brazil as quantidades e qualidades da polvora em questão, incapaz seria o sr. ministro da guerra de ordenar a liquidação de contas. Nada valiam taes argumentações, porque s. exc. encontrava sempre motivos para adiar o desenlace do assumpto.

Uma bella manhã, no estabelecimento de Mascort & Bonturi, á rua Florida, 113, e deante de um dos

socios d'esta firma commercial, o sr. Alfredo Duce, a quem adeante faço mais ampla referencia, perguntou a Cysneiro se desejava receber breve o seu dinheiro. « Bôa duvida », exclamou este. « Pois auctorise-me a arranjar o negocio com o addido militar, coronel Guatimosim ; tudo será feito mediante modica commissão. »

Recusou Cysneiro a transacção ; e, em conferencia com o ministro, deixando-lhe entrever esta tentativa de *chantage*, affirmou estar disposto a telegraphar ao Governo brasileiro, participando-lhe a attitude do seu representante diplomatico. Incumbiu-nos então o sr. ministro, a mim e a Raul de Amaral, de obtermos, pelo London & Brazilian Bank, Limited, a quantia correspondente á conta de polvora. N'esse estabelecimento bancario, a Legação encontrou as maiores difficuldades : o gerente apresentou grosseiras e ousadas exigencias, que importavam em fortes humilhações ao Brazil, na pessôa de seu ministro, de tal sorte que nós ambos declaramos ao sr. dr. Abbott não tolerar

o nosso patriotismo proseguissemos nas transacções com tal banco. Pintou-se o desanimo no semblante de s. exc. Foi então que puz ás ordens da Legação os meus bons officios junto ao Banco de Italia, para o qual trouxera eu do Banco Italiano del Uruguay honrosa apresentação. Este documento foi visto pelos drs. Abbott e Amaral e sr. Cysneiro e, por causa d'elle, encontrou a Legação os creditos necessarios para o referido pagamento e para todas as demais despezas subsequentes.

*

Semanas depois, o sr. ministro incumbiu-me de, em seu nome, pedir ao sr. Cysneiro, por emprestimo, a somma de 35 mil pesos, papel. E, como eu não pudesse reprimir um movimento de surpresa ao ouvir somma tão forte, explicou-me s. exc. precisar d'esse dinheiro para auxiliar a revolução projectada por um senador correntino contra o governo do sr. dr. Valentim Virasoro. Occorreu-me ponderar-lhe quão arriscado era o passo da intromissão de um

diplomata estrangeiro na politica interna do paiz onde estava acreditado; mas s. exc. atalhou-me logo ás primeiras palavras, affirmando que o seu patriotismo de brasileiro e, sobretudo, de riograndense, estava superior a taes ninharias, maximè n'aquelle momento, em que o Governador de Corrientes favorecia os revolucionarios da nossa fronteira sul. Restava-me, então, dar cumprimento á commissão perante o sr. Cysneiro, a quem aliás aconselhei não attendesse ao pedido, cujo deferimento poderia determinar sérias complicações entre o Brazil e a Argentina e graves desgostos a meu chefe.

Por esta maneira, não foi de Cysneiro que saíram os desejados 35 mil pesos; mas s. exc. retirou-os do Banco de Italia, em dois ou tres cheques — não me recordo, — e, conforme informou-nos, remetteu esse dinheiro a um dos senadores pela provincia de Corrientes (*).

.....
(*) Não estou bem certo, mas creio que chamava-se Vidal. No momento em que escrevo, não me é possível de prompto verificá-lo.

No saque de outubro de 1895, sobre o ministerio da guerra, veiu esta somma discriminada como despesas na fronteira. Os recibos, lançados em quartos de papel, fôram firmados por Molina e Etchegaray, com suppostas assignaturas. Esses documentos devem de estar aqui, nos archivos da contadoria da guerra: eu reconhecêl-os-ia entre mil.

Só este facto é sufficiente para que a opinião nacional ajuize da correcção, da lealdade, do siso do homem que representou o nosso paiz no Prata. Difficilmente admittir-se-á que o sr. dr. Abbott não estivesse com as faculdades mentaes alteradas, quando o partidario sanguinario o arrastou á vesana tentativa de aposar-se de importante somma, para conflagrar uma parte do territorio junto ao Governo do qual estava acreditado, em missão inteiramente opposta, — missão de paz e de concordia, afim de determinar a expansão das relações politicas e commerciaes de ambos os paizes.

Pois se o leitor acha extranho tal proceder, vá contendo o pasmo. Tenho outras revelações mais graves. Oiga.

*

Buscar a conflagração intestina em Corrientes, era já tremenda ousadia, para um diplomata estrangeiro; mas o nosso árdego compatriota, obcecado pelo partidarismo riograndense, breve sentiu-se insatisfeito por só intervir na politica argentina: suas criminosas visualidades atravessaram o estuario, estendendo-se até á Republica Oriental do Uruguay.

Regressando do Rio, após a primeira viagem, em goso de licença, demorou-se apenas um dia em Buenos-Aires e, sem reassumir a Legação a meu cargo, partiu logo para Montevideo. N'essa capital, s. exc. desautorou e desprestigiou o Encarregado de Negocios, dr. A. Cockrane de Alencar, cujo concurso dispensou para communicar-se directamente com os principaes estadistas e membros do Governo. Por meios indirectos, fez constar á imprensa montevideana

achar-se investido de secreta missão especial,—o que levou alguns jornaes á affirmativa de que o sr. dr. Abbott accumularia as duas plenipotencias brazileiras no Prata. Diplomata respeitador da autonomia de seu cargo,—faço-lhe esta justiça,—o sr. dr. Alencar sentiu-se humilhado e, pois, telegraphou ao Governo federal, pedindo licença para retirar-se. O actual secretario do sr. Presidente da Republica, dr. Thomaz C. de Alencar, dirá se esta é ou não a verdade fiel dos factos, visto como, ao que presumo, foi elle o incumbido de fazer saber ao seu parente que o sr. dr. Carlos de Carvalho estava satisfeito com os seus serviços. Esta resposta implica, logicamente, a condemnação da espalhafatosa, ridicula exhibição do sr. dr. Abbott em Montevideo.

Approximar-se dos governantes uruguayos, — eis a mascara que dissimulou o verdadeiro fim de tal visita; mas, consoante a declaração do proprio sr. ministro, ella visava na realidade á conquista de agentes para

a realização de seus intuitos subversivos. Duas vezes, porém, falharam-lhe os planos, porque o Governo do sr. Idiarte Borda não ousou acolhel-o oficialmente, — o que seria retirar ao Encarregado de Negocios o reconhecimento d'este caracter—e porque, pela resonancia da sua chegada, agitou-se a curiosidade publica, tornando temeraria qualquer tentativa de encontro entre o sr. dr. Abbott e os prohomens da politica opposicionista na Republica Oriental.

Envergonhado pelo mallogro do arriscado tentamen, que depois, nas palestras na Legação, imputava á responsabilidade do sr. dr. Carlos de Carvalho, voltou a Buenos-Aires; mas nem assim acalmaram-se-lhe as bellicosas inclinações. Logo após a chegada do sr. dr. José Thomaz da Porciuncula, no character de ministro em Montevideo, expediu para conferenciar com elle, sob o pretexto de um accôrdo sanitario, então em projecto, o illustre 2º Secretario, dr. Raul de Amaral. Todavia, o fito real d'esta viagem do distincto moço era sondar

o espirito do novo diplomata, a ver se viavel seria um accôrdo entre os dois chefes para a animação á revolta uruguayo-argentina, que o sr. dr. Abbott entendia imprescindivel aos interesses do Rio-Grande.

Com Amaral discreteou largamente o habil e astuto sr. dr. Porciuncula. Eu achava-me então no Rio de Janeiro, aonde viera gestionar a minha retirada de Buenos-Aires, como podem attestal-o, entre outros, os srs. drs. Lucio de Mendonça, Carlos de Carvalho, Pinheiro Machado, Domingos Olympio, Jovino Ayres, Belarmino Carneiro, etc. Quando volvi ao sul, encontrei o meu chefe de tal maneira empenhado em ridicularisar a acção do seu collega de Montevideo, que de prompto deduzi desfavoravel effeito para a recente viagem de Raul de Amaral.

Assim derrotado, qualquer espirito sensato desacoroçoaria facilmente. Não obstante, o sr. dr. Abbott, que é pertinaz, proseguiu em mais arduas aventuras. Deliberou fazer a diabolica obra por empreitada singular

e, por intermedio do sr. Abdon Arósteguy, um emigrado uruguayo, mandou propôr valiosos auxilios ao coronel Latorre, ex-dictador da Republica Oriental, residente em Buenos-Aires. Este velho politico, porventura sufficientemente edificado sobre a inconstancia humana, sem recusar-se de todo, tratou de adiar o empenho de sua palavra. Houve então, da parte do sr. dr. Abbott, um pouco de repouso n'este frenesi de revolucionar os povos limitrophes do seu Estado. Por desgraça, pouco durou a util tranquillidade: bem depressa recommçaram os pruridos de catechese para aquillo a que o seu visionario espirito comprehendia como devendo ser a guerra santa da vindicta contra o apoio, prestado por argentinos e orientaes, aos federalistas brazileiros. D'esta vez, fui eu o escolhido para depositario das confidencias de meu chefe. Vejamos como isto occorreu.

*

Continuavam as transacções sobre accôrdos sanitarios do Brazil com o

Prata e, pois, facil foi ao dr. Abbott encontrar motivo para justificar a minha ida a Montevideo. S. exc. ordenou-me que fôsse portador de uma carta official ao sr. dr. Porciuncula. Terminou pedindo-me que, por intermedio de meu amigo sr. Julio Viana, director da estação central do Telegrapho Oriental, tratasse de encontrar-me, sem sermos vistos por estranhos, com o dr. Luiz Baena, figura saliente na opposição ao Governo de Idiarte Borda. A elle deveria eu communicar que o meu chefe o aguardava, para importante conferencia, em Buenos-Aires.

Realizei, conforme pude, a dupla incumbencia. Ao sr. dr. Porciuncula ouvi então inequivocas expressões de seu descontentamento com a especie de tentativa de tutela representada pela interferencia do dr. Abbott nas gestões da Legação em Montevideo. Pouco faltou para que o illustre chefe politico fluminense mandasse dizer ao collega que melhor fôra importar-se apenas com as suas obrigações. Com o dr. Luiz Baena, foi mais suave

a minha palestra, aliás de poucos minutos. Apercebendo-se do secreto intuito de meu chefe, o politico uruguayo deixou-me ver ao fundo dos olhos uma grande satisfação; foi com açadoado carinho que elle, apertando-me a mão, para despedir-se, incumbiu-me da seguinte resposta: — « Breve lá estarei. »

O resultado da minha conferencia com o sr. dr. Porciuncula desagradou ao sr. dr. Abbott. Mas este mau humor desapareceu aos poucos dias, quando o dr. Luiz Baena chegou a Buenos-Aires.

Oh! inegalaveis cautelas, hilariantes precauções! Abbott suppunha-se o personagem mais evidente da vasta capital e, em sua exaltada imaginação, phantasiava ao redor de si enorme rêde de espiões ao soldo do dr. Ernesto Frias, ministro da Republica Oriental. Por pedido de meu chefe, tive de ir, á tarde, esperar o dr. Baena em uma das luxuosas galerias photographicas da rua Florida e ali, como n'um rapido encontro de duas pessôas que trocam banal

cumprimento, marcar-lhe baixinho o logar e a occasião da entrevista com o sr. dr. Abbott, á noite.

A' hora aprazada, o sr. dr. Luiz Baena jantou n'um restaurante, deu cem voltas pela cidade e, afinal, penetrou na Opera, por uma das portas principaes da rua Corrientes, como se fôsse assistir ao espectaculo ; mas, ladeando pelos vestibulos e corredores da direita, saiu pela porta da rua Suipacha e, em carro de praça, dirigiu-se...

Qualquer pessôa de animo perfeito pensará que, á vista dos receios do sr. dr. Abbott, com relação ao supposto exercito de vigilantes ao serviço da Legação Oriental, esta conferencia devêra effectuar-se em ponto afastado, habitualmente não frequentado pelo ministro do Brazil. Pois, como diziamos, o dr. Luiz Baena tomou, na rua Suipacha, uma carruagem, que o conduziu — á Legação brasileira ! E' impagavel, mas absolutamente exacto ! E a gente desconfia do estado mental do misero diplomata, ao raciocinar que, se na realidade

o sr. dr. E. Frias tinha razões para arreceiar-se do seu collega e mandar espreital-o, seria a Legação do Brazil ponto naturalmente indicado para as mais attentas observações. Só assim poderiam os espiões saber de todas as saídas e entradas do sr. dr. Abbott e de suas visitas. N'este caso, logicamente, de que valeriam todas as voltas e viravoltas do sr. dr. Baena e a falsa entrada na Opera, se elle tinha alfim de penetrar na Legação, de onde, por espirito commodista, não gostava de sair frequentemente o sr. dr. Abbott?

Eis como o escalpello do raciocinio disseca em todos os seus detalhes aquelle espirito desarticulado pela obsidiação partidaria, a qual sobrelevava as mais graves considerações de conveniencia politica internacional.

Para honra do coronel Latorre e dos srs. Baena, Arósteguy e outros, devo dizer que os adversarios do presidente Idiarte Borda, procurados pelo sr. dr. Abbott, breve dividiram-se em dois grupos. O primeiro

presentiu logo o desequilíbrio mental de s. exc. e, sem o repellir de todo, tratou de afastar-se aos poucos, — e a esta parte pertencem quantos, com intuitos honestos, por um momento viram, posto que erradamente, a possibilidade de ser a acção do sr. dr. Abbott dirigida pelo proprio Governo do sr. dr. Prudente de Moraes. Ao segundo grupo, mais numeroso, filiaram-se os exploradores, que na especulação de quanta idéa aventureira encontram sempre fartas fontes de ganho pecuniario.

Egual divisão corresponde aos adversarios correntinos do presidente dr. Virasoro.

Quando parti definitivamente de Buenos-Aires, já o sr. dr. Abbott fôra abandonado, quasi que de vez, pelos conspicuos cavalheiros a que tenho alludido; em torno de sua pessoa corvejava apenas a revoada de aves de rapina, os degredados da consideração publica, mercenarios sem consciencia nem brio, que entretinham latentes as suas informações sobre uma supposta reinvasão

do Rio Grande, para extorquirem dinheiro ao perdulario protector.

Por occasião do nosso rompimento, quando contra mim inseriu nefandas publicações, em *El Diáριο*, o pluminativo Climacó dos Reis (*), por ordem do sr. dr. Abbott, eu tinha recursos para desmascarar este homem, provocando assim o maior escandalo imaginavel. Bastar-me-ia fazer constar aos dois Gabinetes platinos a ingerencia do ministro brasileiro na politica interna de ambos os paizes. Seria justa a represalia, — mas fôra também uma infamia. Ferindo o meu inimigo, eu imital-o-ia, quando, ao mandar aggre-dir-me no jornal do estellionatario Manoel Láinez (**), — elle arrastou na ignominia, pelas ruas de Buenos-Aires, o nome sacrosanto de nossa patria.

.....

(*) Ha uns 20 annos expulso do Rio de Janeiro sob a inculpação, provada, de lenocinio. Peça o publico minudencias ao sr. senador Lopes Trovão.

(**) Segundo affirmativas dos amigos do dr. Estanislau Zeballos, em *La Prensa* (1895 ou 1896; cito de memoria).

Não o fiz, porque o monopólio das indignidades não me pertence.

*

Páginas atrás, n'este mesmo capítulo, descrevi em rápidas linhas o traço quotidiano do sr. dr. Abbott. Para melhor explicar-me, devo retomar este assumpto.

A modestia da apresentação, muito respeitável n'um burocrata provinciano,—sem justificar a falta de asseio,—não tem explicação no plenipotenciário que percebe dos cofres federaes o melhor de 30 contos de réis, oiro, annualmente, com o contrapeso de pingue ajuda de custo. No sr. dr. Abbott, porém, não se perdôa tal desleixo. S. exc. jámais deu uma recepção, um simples chá das-cinco-horas, a mais modesta reunião que explicasse o emprego das sommas attribuidas pelo orçamento federal aos gastos da representação diplomatica. Que dispendia com sua estimável familia todo o dinheiro dos vencimentos, é também hypothese inadmissível, pois nada tinha o seu trato de luxuoso.

A causa estava n'outros factos. Jogador, ao que informam seus proprios conterraneos, o ministro brasileiro deliciava-se nas emoções do *turf*. Atreito a libações frequentes, excedia-se na proporção dos copos exvasiados. Veiu d'ahi a sua situação embaraçosa,—pela qual fui processado !

Os dispendios avultaram-lhe com a compra de varios cavallos de corridas, no Tattersal de Funes & Lagos e nas casas de leilões de Adolpho Burrich e Collet & Llambi. Sairam-lhe caro taes delicias. Alfredo Duce, adulator dos diplomatas brasileiros, emprestava o seu nome para as transacções hippicas de s. exc. Era myster que não soffresse privações tão dedicado auxiliar. São testemunhas das referidas compras e dos enthusiasmos sportivos do meu heróe, nas casas de *poules* dos hippódromos, os srs. dr. Raul de Amaral, 1º tenente Libanio Lamenha Lins e Alberto Cysneiro. Ao sr. Lamenha Lins chegára elle a propôr sociedade, para a apresentação de seus parceiros nos

prados cariocas. Mas arrependeu-se após a partida d'esse cavalheiro e enviou os animaes para o Rio-Grande do Sul.

Tudo isso, convenho, seria muito bom, se com o proprio dinheiro satisfizesse o sr. dr. Abbott os caprichos da sua phantasia; mas tenho embargos a offerecer á facil benevolencia d'aquelles que assim pensarem.

Desmandos tão frequentes haviam de desequilibrar-lhe o orçamento pessoal. Para restabelecel-o convenientemente, fui eu escolhido como victima. Eis o caso, a que aliás já alludi no capitulo « Em defeza propria ». Surprehendido com a sua remoção para Londres, Raul de Amaral teve necessidade de dinheiro e, para não pedil-o por telegramma á sua familia, o que requereria certa demora, solicitou do sr. dr. Abbott 200 libras esterlinas, por emprestimo. S. exc. sacou esta quantia do Banco de Italia. Chegando ao Rio, Amaral deu-se pressa em restituir aquella somma: enviou-lh'a n'uma lettra por

um banco inglez,—e d'isto deu-me sciencia, em amistosa carta. Que fez Abbott? Mandou cobrar o dinheiro —e guardou-o. E, uma feita, como lhe recordasse eu a necessidade de fazer a correspondente restituição ao Banco de Italia, retorquiu :

— Não ; guardei essas libras, porque devia indemnizar-me do muito que do meu bolso tenho gasto em serviços de vigilancia na fronteira. Quando sacarmos a favor do Banco Italiano, fornecerei documentos equivalentes e tudo ficará sanado.

Tranquillisei-me, porque egual proceder já eu o vira ter, por occasião do ajuste de contas de outubro de 1895, quanto aos 35 mil pesos que disse ter enviado aos revoltosos de Corrientes.

Mas o certo é que, pouco depois, s. exc., licenciado, partia para o seu Estado natal; e, de regresso, rompendo commigo, *consentiu* que nas contas pelas quaes fui responsabilizado figurasse, entre diversos outros cheques seus, firmados *com a sua assinatura*, essa verba de 200 soberanos

que emprestara ao dr. Amaral! Na 2ª parte d'esta obra, repito, reproduzirei a conta-corrente do Banco Italiano, pela qual será publica a audacia do ex-ministro.

*

Antes de proseguir na veridica e dolorosa narração das miserias occultas sob o lixo que, em despique da minha honra ultrajada, estou revolvendo,—uma rapida digressão, entre parenthesis.

Pódem objectar-me que, até certo ponto, deixei de cumprir com o meu dever, á vista das criminosas empresas do sr. dr. Abbott, não as denunciando. Irrespondivel seria, com effeito, o argumento, se eu não dispuzesse de valiosas razões para rebatê-lo.

Primeiro, convém ponderar em minha melindrosa posição perante s. exc. O choque entre nós havido, logo ás primeiras semanas da minha remoção para Buenos-Aires, tornara-me delicada a situação, já difficil se attendermos a que, 1º Secretario,

era eu o substituto nato do ministro, nos seus eventuaes impedimentos temporarios ou definitivos. Por consequencia, qualquer passo por mim dado, no sentido de denunciar aquellas machinações, encontraria de certo explicação, aos olhos dos malevolentes, no desejo de vingança ou, pelo menos, no de apossar-me do cargo, para os effeitos da interinidade.

Outro motivo, porém, e mais forte, militava por fazer-me silencioso: em suas ligeiras conversas a respeito dos actos em questão, insinuava o sr. dr. Abbott contar com o consenso do illustre sr. dr. Carlos de Carvalho, ministro do exterior, a quem dirigia frequentes e longas cartas, achando-se também de accordo com os srs. drs. Julio de Castilhos e José G. Pinheiro Machado.

Perante estes argumentos, estou, em minha consciencia, inteiramente justificado. Escapavam-me á clarividencia, é bem de ver, as altas razões que aconselhavam o Governo federal a tolerar aquelle procedimento. Ir além, não me seria licito,

sem prejudicar-me na carreira em que tenho o orgulho de haver servido á patria com zelo, correcção e amor.

Todavia, quando, em julho de 1895, aqui estive licenciado, com o fim de pedir a minha remoção para outra capital, não deixei de insinuar ao sr. dr. Carlos de Carvalho a necessidade de reprimir a aventureira ingerencia do sr. dr. Abbott na politica platina, pois eu desconfiava sempre achar-se elle na ignorancia d'aquellas temeridades. Também n'essa mesma occasião fui portador de officios meus, no character de Encarregado de Negocios, falando-lhe a verdade sobre um recente movimento armado de Corrientes, o qual encontrara apoio em auctoridades brazileiras, de Itaqui a Uruguayana. Florianista, meu testemunho era, sem duvida, insuspeito: condemnei sem rebuço aquellas especulações partidarias, perante o estrangeiro, pois assim afastava eu a desmoralisação á memoria do grande brazileiro, a cuja sombra tantas indignidades têm sido perpetradas.

Vinham aqui a pêlo estas explicações. Ellas depoem a favor da minha sinceridade e da independência com que eu geria a Legação : — duas qualidades intoleraveis aos tyranêtes, para com os homens de bem que substituem-n'os temporariamente.

Está fechado o parenthesis.

*

Antes de lembrar-se de recorrer ao seus asseclas, afim de obter que estes, com falsos nomes, assignassem recibos como de despezas de vigilancia na fronteira, em valor correspondente á somma dada em auxilio á revolução correntina, o sr. dr. Abbott passou amargos dias, em improficuas cogitações. Buscava embalde desenvincilhar-se do cipoal onde se emmanhara : a intelligencia recusava-se a servil-o com utilidade.

Comtudo, em uma d'essas longas, depressivas meditações em busca da idéa salvadora, occorreu-lhe appellar para o auxilio dos correligionarios da fronteira. Chefes castilhistas haviam

de valer-lhe. Por ordem do ministro, que o incumbiu de missão reservada, seguiu para a região brasileira banhada pelo rio Uruguay o sr. dr. Raul de Amaral. Prototypo da discreção, este digno moço jamais referiu-me claramente o fim da sua viagem á fronteira, á qual o sr. dr. Abbott, na minha presença, também só alludira em meias palavras ; mas, pelo pouco que ouvi e pelo muito que deduzi, creio não errar affirmando o seguinte : Raul de Amaral foi encarregado de obter dos referidos chefes castilhistas, entre os quaes o sr. general Lima, segundo penso, recibos de certo numero de cavallos na importancia de 35 mil pesos, papel. Podia claramente explicar-lhes o emprego real dado pelo sr. ministro a esse dinheiro. De duas semanas, mais ou menos, foi a duração da viagem. Amaral, esperado com impaciencia, trouxe ao trêfego diplomata a noticia de formal recusa á satisfacção de seus desejos. Se não estou exactamente com a verdade, póde e deve o sr. dr. Amaral desmentir-me. Identicó

procedimento deve ter o sr. José G. Riera, cidadão brasileiro, commerciante em Paso de los Libres e n'aquella occasião nosso vice-consul, com quem Amaral conferenciou de chegada á fronteira.

Após este mallogro, foi que ao sr. ministro occorreu o salvaterio dos recibos, assignados com suppostos nomes, por Etchegaray e Molina.

Tal recurso, perante o criterio juridico dos Governos cuja severidade vae além dos Secretarios de Legação, —chamar-se-á *estellionato* ?

*

O sr. dr. Abbott era, aliás, muito facil, em questões pecuniarias. Partidario até á medulla, — e faço-lhe a justiça de acreditar-o sincero, — não olhava elle a sacrificios, com tanto que levasse a cabo qualquer tarefa em sua opinião julgada ímprescindivel ao melhor serviço dos correligionarios. Resultavam d'ahi não poucos lôgros, não pequenas decepções. Como taes factos relacionam-se com o fim que tenho em vista,

pintando o diplomata, — sem por um só momento invadir a esphera da sua vida privada, — vou referir algumas observações em bôa hora apontadas em minha Carteira, n'um velho habito de jornalista previdente.

Toda ou quasi toda a officialidade da esquadra revolucionaria achava-se em Buenos-Aires. N'essa capital estavam também os srs. dr. Gaspar da Silveira Martins, dr. José Joaquim Seabra, contra-almirante Custodio de Mello, coronel Piragibe, general Cardoso Junior, dr. Manoel Lavrador, coronel Jacques Ourique, emfim, os principaes vultos do movimento armado contra o Governo do patriotico marechal Floriano. Facil é, portanto, comprehender a importancia das gestões da Legação do Brazil, principalmente por estar correndo o boato de proxima invasão do Rio-Grande do Sul, pelo contra-almirante Saldanha da Gama.

Desejoso de conhecer os planos dos chefes adversarios, o sr. dr. Abbott multiplicava esforços para

encontrar informantes entre o pessoal inferior que apresentava-se á Legação, utilizando-se da ordem de repatriação voluntaria. Guiava-o n'este afan a emulação oriunda dos bons efeitos colhidos em Montevideo, mezes antes, pelo sr. dr. Victorino Monteiro. Mas ao sr. dr. Abbott faltavam o tacto, a insinuante sympathia, a habilidade que tão superiormente favoreceram aquelle esforçado patriota. Não fôra sem direitos que o dr. Victorino merecera de Floriano Peixoto a honra insigne de occupar a culminancia dos logares de confiança, n'essa terrivel hora de provações para a nossa patria. Succedeu, então, que os efeitos da imitação redundaram exclusivamente em largos desperdicios pecuniarios, sem o minimo proveito moral a bem da pacificação. Vejamol-o.

Victima da bôa fé, repito-o com imparcial cordura, o sr. dr. Abbott, quando cheguei a Buenos-Aires em janeiro de 1895, tratava de cercar-se de alguns jovens compatriotas que na esquadra custodista haviam

desempenhado insignificante papel : eram civis, ou pertencentes ás classes annexas da marinha. Mas o phantasiioso espirito de s. exc. logo attribuiu-lhes transcendente importancia e, pois, encarregou-os, mediante frequentes distribuições de libras esterlinas, da tarefa de observarem os chefes da conflagração rio-grandense. E' curial que estes não tinham expansões com aquelles moços: o general não explica aos soldados os seus planos de acção, em vespera de batalha. Todavia, ou por habilidade dos citados mancebos, ou por triste incompetencia do criterio do nosso diplomata, a verdade é que s. exc. vivia illudido por aquelles, a receber quotidianamente informações sobre mendazes projectos, e o gallo dos ovos d'ouro era inexgottavel na remuneração cobiçada. Com os meus proprios olhos vi, por diversas vezes, a distribuição de dinheiro : — iam as libras ás mancheias, sem hyperbole !

A fama de perdulario, assim conquistada, repercutiu nas duas margens do Prata: em breve, foi s.

exc. requestado por varios tratantes, attrahidos pelo crystallino som dos soberanos inglezes. D'entre muitos casos, vou citar um só: é irresistivelmente hilariante.

Compareceu na Legação, n'um dia do 1º trimestre de 1895, um italiano de Montevideo, procurando o sr. ministro. Eu conhecia-o de vista: era o gerente de certa hospedaria montevideana, preferida por numerosos emigrados brazileiros em virtude da commodidade dos seus preços. O recémchegado conferenciou em particular com o meu chefe, o qual terminou por dar-lhe, de mão a mão, avultada quantia. Logo retirou-se o visitante, após o que informou-nos o crédulo cavalheiro estar em via de surprehender notaveis segredos aos revolucionarios riograndenses. Perante a curiosidade que manifestavamos, eu e Amaral, s. exc. dignou-se de honrar-nos com outros pormenores. Aquelle sujeito alto, corpulento e calvo, ali presente pouco antes, achava-se, pelas suas relações de officio, bastante ligado

aos chefes revolucionarios brasileiros. Declarara que estas relações, comquanto muito honrosas, pouco podiam auxiliá-lo a ganhar a vida e, pois, resolvêra pô-las em contribuição para o melhor serviço do ministro brasileiro. Justamente, ao dia seguinte, um domingo, realizava-se no Tigre importante conferencia entre o sr. dr. Gaspar da Silveira Martins e outros correligionarios... E, como s. exc. manifestara não comprehender-lhe todo o alcance do pensamento, havia o mesmo individuo explicado quão valioso seria para s. exc. o conhecer todas as minudencias de tal entrevista, a que elle assistiria propositalmente. Abraçou o sr. dr. Abbott a grande lembrança e, de prompto fascinado pelo desejo de apoderar-se de um segredo dos adversarios, não trepidou em pagar bem, e adeantado, a traição do desconhecido.

Quando s. exc. terminou a rapida narração; eu e Amaral sorriamos quasi imperceptivelmente, não tanto que ao sr. dr. Abbott pudesse escapar o nosso pensamento incredulo.

Atalhou-nos com vivacidade, exclamando :

—Este sujeito é incapaz de lograr o ministro do Brazil ! Seria demasiado topete !

Até hoje, espera s. exc. o resultado da conferencia no Tigre...

*

Já vimos quem era Abbott, sob o ponto de vista do criterio pessoal. Examinemos agora o tino politico, em relação ás suas attribuições diplomaticas.

Renunciando o sr. dr. Saenz Peña á presidencia da Republica Argentina, assumiu o Governo o sr. dr. José Evaristo Uribúru, do que foi dada a competente notificação ao corpo diplomatico estrangeiro de Buenos-Aires. Quando recebemos a correspondente nota, usei indicar ao sr. dr. Abbott a conveniencia de ir em pessoa saudar o novo chefe do Estado; mas s. exc., sempre avêso ás formalidades de cortezia, protellou por muitas semanas a satisfacção do seu dever.

A breve trêcho, o presidente communicou a todos os diplomatas o dia de suas recepções semanaes, no palacio onde residia. Tive então deprehender acirrada campanha contra o menospreço de meu chefe pelo cumprimento da etiqueta. No dia da primeira recepção nocturna, s. exc. ora dizia-se disposto a visitar o presidente, ora exclamava que, decididamente, « não nascêra para aquillo »; a pequeno intervallo, pedia-me que, de passagem para a referida visita, o fôsse buscar; logo, porém, propunha-me o adiamento para a semana seguinte. Eu resistia e insistia, com respeitosas ponderações sobre os precalços de todos os officios. E á noite, quando a nossa carruagem parou emfim á porta do palacio Uribúru, — eu achava-me fatigado da lucta, mas triumphante por ver a meu lado o sr. dr. Abbott.

D'esta visita, ha a notar a imprudente hostilidade com que s. exc. falou ao sr. dr. Guilherme Villanueva, ministro da guerra e marinha, ao ser-lhe apresentado nos salões

presidenciaes, repletos de diplomatas, estadistas e altos funcionarios.

Far-se-á necessario declarar que o sr. dr. Abbott *nunca mais* voltou a visitar o presidente da Republica, nem mesmo no dia seguinte aos de nossas festas nacionaes, quando o chefe da nação argentina mandava um ajudante de ordens felicitar o Brazil na pessoa do seu ministro ?

Injusto seria eu se affirmasse que tal concentração equivalia a movimento espontaneo de antipathia pelo presidente da Republica, porque a mesma falta de cortezia commetteu o sr. dr. Abbott com todos os membros do Governo e outros estadistas. Cito, entre varias provas, o seu apoucado tino, deixando de cultivar as relações por um momento estabelecidas com o eminente general Julio Argentino Roca, então presidente do Senado e já indigitado como futuro candidato á presidencia da Republica. Este notavel homem d'Estado foi á Legação, em visita ao sr. ministro, mostrando-se muito

amavel e desejoso de continuar a approximar-se de s. exc. Acompanhou-o n'essa occasião e pode dar testemunho de meus assertos, o sr. Alkaine, visconde de Castello Alvo, nosso compatriota, que ha muitos annos reside em Buenos-Aires, onde conquistou amplos bens pecuniarios e assignalada posição na primeira sociedade portenha.

Pois também *nunca mais* visitou ao general Roca o sr. dr. Abbott, — para quem o melhor meio de servir á Patria era provavelmente o descuido das relações directas e constantes com as personalidades dirigentes do paiz onde achava-se acreditado.

Se ao sr. dr. Amancio Alcorta, então e ainda hoje, ministro das relações exteriores, fôsse dado sair da absoluta reserva do seu cargo, para expandir-se em indiscretas confidencias, — certo que de seus labios ouviriamos a surprehendente noticia de que s. exc. jamais recebeu a visita pessoal do sr. dr. Abbott.

Egual informação poderiam oferecer também todos os demais ministros argentinos.

Mas este homem, assim descuidado dos seus deveres profissionaes, quanto á parte externa, áquillo a que chamava « as patacoadas da etiqueta », seria, em compensação, um fuñccionario correcto no interior da Legação ?

Teria tamanha competencia e tanto patriotismo, que por este lado pudes-se ser absolvido dos graves peccados atraz referidos ?

E' que o leitor póde vir pesquisar commigo, nas paginas subseqüentes.

*

Ao sr. dr. Abbott, no que diz respeito ás funcções burocraticas propriamente ditas, faltavam de todo a inclinação, o gosto, o empenho em tornar-se digno da honra de sua investidura diplomatica. Não fossemos, eu e Amaral, zelosos no bom e regular andamento de todos os serviços ; tivesse o novél diplomata o infortunio de cair entre auxiliares pouco

cuidadosos, como conheço alguns,— e suas gestões attingiriam o cumulo, na ordem dos destempêros, das singularidades. Ainda assim, quantas vezes não tivemos de assistir a impertinentes demoras no cumprimento das ordens emanadas da secretaria d'Estado! Tudo quanto me competia fazer, nos limites do respeito imposto á minha posição secundaria, fil-o sem hesitação, mas, todavia, procurando não melindrar as faceis susceptibilidades do chefe ignorante. Suas tendencias, entretanto, determinavam-lhe no espirito a mais accentuada negação para qualquer serviço methodico. O fundo do seu character agia por fugazes impulsões periodicas, seguidas de longas intercadencias de indolente paralyisia.

N'estas condições, a correspondencia com a nossa chancellaria teve de tornar-se quasi nulla, divorciada das amplas visualidades que são o cunho pessoal dos diplomatas activos e competentes : reduziu-se á banal circumscripção do expediente quinzenal, sobre questões de valor somenos. A.

maior tarefa de s. exc. consistia em enormes cartas particulares e reservadas, dirigidas ao sr. dr. Carlos de Carvalho, por intermedio do sr. senador Pinheiro Machado.

Convém, não obstante, fazer justiça ao sr. dr. Abbott: s. exc. a poucos occultava que, antes de achar-se ali a representar o Brazil, o que lhe convinha fazer era tratar dos interesses do Rio Grande do Sul. E não os descuidava, á fé! Recluso dias e dias nos seus aposentos particulares, dava largas a uma avultada correspondencia para todos os pontos d'aquelle Estado, prégando a guerra contra os federalistas. Feita a pacificação, diminuiu este prurido epistolar, é bem de ver; mas encontrou derivativo nos diversos opusculos que escreveu e mandou traduzir e publicar, custando tudo muito dinheiro, que por sua ordem paguei, quando s. exc. foi ao Rio-Grande. Paguei-os duas vezes, esses opusculos: primeiro, pecuniariamente, depois, com o processo pelo qual fui pronunciado *dois annos* após o meu regresso ao Brazil.

Que opusculos eram esses? perguntará o leitor. Naturalmente, em propaganda brasileira, supportará qualquer patriota.

—Mensagens do illustre sr. dr. Julio de Castilhos; Guias de immigrantes no Rio-Grande; Culturas differentes no mesmo Estado; uma Historia da revolução federalista, sob o ponto de vista do castilhismo; uma obra de educação, traduzida pelo sr. dr. Gomes Pereira, destinada ás escholas riograndenses,—eis, entre outras, as principaes publicações que o sr. dr. Abbott deu a lume, já com a assignatura de Gustavo de Castro, seu pseudonymo, já sob a responsabilidade de João Damé, um brasileiro illetrado, ainda hoje residente em Buenos-Aires.

Destinadas quasi todas á circulação na Republica Argentina e, por isso, eram traduzidas em castelhano pelo sr. Mauricio Koch, actualmente em São Paulo, e pelos follicularios Climaco dos Reis e fuão Sández,—essas obras visavam a tornar conhecido o Estado do extremo sul entre

os immigrants já radicados na mesma Republica, a ver se partiam para ali. E assim estava o ministro do Brazil a tentar prejuizos ao paiz em que achava-se acreditado... Mas esta empresa anti-diplomatica e inhabil, não redundava em favor de sua patria, porque circumscrevia-se de todo o ponto a um dos vinte Estados brasileiros !

Tire o publico as correspondentes illações.

*

Demasiado longo vae este capitulo e Deus sabe quantas paginas poderia eu encher ainda, se ampliasse outros apontamentos que jazem no meu providencial canhenho; mas termino aqui, misericordiosamente.

Peza-me immenso ter estado a envergonhar a alma brasileira, com a escrupulosa exposição do descriptio d'esse homem, que o partidario forçou o marechal Floriano a contemplar em seu testamento politico, para dar-lhe a plenipotencia em Buenos-Aires. Assim o exigiram os respeitaveis interesses da minha

defeza, da justa represalia com que desfórro-me de tenazes perseguições. Que fui, quanto possível, sensato e magnanimo, prova-o o meu inquebrantavel silencio até hoje. Ha tres annos, com effeito, que eu poderia haver arrancado de minha Carteira de notas o presente livro; ha tres annos que eu poderia ter perguntado ao Governo federal porque não obriga a prestar contas o sr. dr. Abbott, o qual abandonou a Legação e retirou-se para o seu Estado como o mercieiro fallido ausenta-se da venda, sem liquidar debitos com os crédores; ha tres annos que a nação inteira pôderia ter visto, entre mim e aquelle ministro, qual dos dois foi mais esforçado, mais patriota, mais correcto no Prata. Repugnava-me, comtudo, o papel de delator, n'um volume evidentemente destinado a escandalosa repercussão, no paiz e no exterior. Só agora desabafo, — e como justa vindicta pelo immercido infortunio experimentado: ninguém negar-me-á a santidade d'este direito.

Todavia, tamanho escrupulo possuiu a minha penna, que de proposito vim entresachando a narraçao com os nomes proprios das testemunhas, — para que saltem á flôr da publicidade os desmentidos, se eu não falei com inteira verdade.

Rio de Janeiro, 1899.



Um punhado de notas



Um púnhado de notas

A Republica Argentina, com a Patagonia, tem uma superficie de 2.894.257 kilometros quadrados, com uma inscripção de 4.094.911 habitantes, dos quaes 1.004.527 estrangeiros, segundo o recenseamento de 10 de maio de 1895. E' de 1.64 a densidade da população por kilometro quadrado.

*
* *

As importações na Republica Argentina, em 1896, alcançaram á somma de 112.163.591 pesos oiro

(£ 22.432.718) e as exportações a 116.753.095 pesos oiro (£ 23.350.619). Estas duas sommás dão um total de 237.158.922 pesos oiro, excedendo ao de 1895 em 18.516.939 pesos oiro.

*
* *

As rendas arrecadadas pelo mesmo paiz em 1896 fôram de 32.227.000 pesos oiro e 34.237.000 pesos de curso legal.

*
* *

A 10 de maio de 1895, a população da cidade de Buenos-Aires (e suburbios), era de 663.854 habitantes. A 28 de fevereiro de 1897 era de 717.780 habitantes.

*
* *

A Republica Argentina possuia em 1897, — 32.848 kilometros de linhas telegraphicas.

*
* *

Ao finalizar o anno de 1896 havia no mesmo paiz 3.778 eseholas, com 330.931 alumnos.

A Republica Argentina tem uma extensão de 2.600 kilometros de costa.

*
* *

O primeiro contracto para a immigração n'esse paiz foi feito em 1820; porém o serviço só tomou incremento em 1853. As primeiras estatisticas exactas da immigração datam apenas de 1857. No periodo comprehendido entre este ultimo anno e o de 1896 entraram nada menos de 2.300.000 immigrants. Calcula-se hoje em mais de 100.000 as entradas annuaes.

*
* *

Data de 20 annos somente a introdução do arado na Republica Argentina. Sem embargo, este paiz é, já hoje, um dos primeiros na produção de cereaes.

*
* *

O censo de 1895, no referido paiz, demonstrou a existencia das seguintes quantidades de gado e criação :

VACCUM	
Animaes de cria, creoulos.....	14.197.159
" " " mestiços.....	4.678.348
" " " puros.....	72.216
Vaccas leiteiras de todas as raças.....	1.800.799
Bois de serviço de todas as raças.....	953.004
	<hr/>
Total....	21.701.526
CAVALLAR	
Animaes de trabalho, creoulos.....	4.016.297
" " " mestiços.....	414.985
" " " puros.....	15.577
	<hr/>
Total.....	4.446.859
ASNAL E MUAR	
Burros.....	197.872
Mulas.....	285.497
	<hr/>
Total....	483.369
LANAR	
Creoulo.....	17.938.061
Mestiço.....	56.106.187
Puro.....	335.314
	<hr/>
Total....	74.379.562
SUINO	
Creoulo.....	483.348
Mestiço.....	155.719
Puro.....	13.699
	<hr/>
Total.....	652.766
CAPRINO	
Creoulo.....	2.659.799
Mestiço.....	84.249
Puro.....	4.812
	<hr/>
Total....	2.748.860

AVESTRUZES DOMESTICADOS	
De todas as raças.....	82.487
AVES DOMESTICAS	
Gallinhas.....	7.886.354
Patos, perús, gansos, etc.....	1.224.968
Total....	8.111.322
BICHOS DE SÊDA	
Cultivados em toda a Repu- blica.....	187.590
ABELHAS	
Colmeias existentes.....	39.920

Resulta que a Republica Argen-
tina possúe uma riqueza de.....
104.412.942 animaes de diversas es-
pecies, cujo valor está computado
em 1.136.780.411 pesos papel.

Accrescentando a esta somma o
valor das aves domesticas, bichos de
sêda e colmeias, que é de 7.936.450
pesos, resulta como total geral do
valor dos gados, aves e insectos uteis,
a somma de 1.144.716.861 pesos.

*
* *

O dado authenticico mais antigo
sobre a cultura do trigo e a exis-
tencia de moinhos no Rio da Prata,
refere-se ao anno de 1585.

A éra da producção de cereaes
em grande escala começou em 1856;

mas só em 1877 deixou a Argentina de ser tributaria do estrangeiro para converter-se em exportadora.

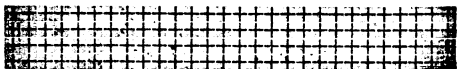
Effectivamente, em 1878 a exportação de farinha foi de 2.919 toneladas de 1.000 kilos e a de trigo de 2.547. Começou então a produção com crescente rapidez. São estas as ultimas cifras da exportação :

Annos	Farinha		Trigo	
1893	37.921	tons.	1.008.137	tons.
1894	40.758	„	1.608.249	„
1896	51.732	„	523.001	„
1897	41.443	„	101.845	„

Em 1895 havia em toda a Republica 659 moinhos, mais 21 do que no anno de 1888.



Os armamentos



Os armamentos

Assignalado contraste oferecem com o Brazil, sob o ponto de vista da força armada, o Chile e a Republica Argentina. Productos intelligentes de uma raça operosa e acautelada, a organização militar d'estes dois países tem atravessado sem perigo os mais melindrosos obices economicos, achando-se na actualidade em vespersas de attingir um grau de admiravel perfeição. Em menos de 30 annos, o patriotismo de cada uma d'estas nações conseguiu tirar do nada tres grandes factores do seu

prestigio : um exercito preparado, uma guarda nacional muito util e uma invejavel marinha. Antes de completar-se um lustro após a tomada de Assumpção, Chile e Argentina, compondo as bases de fortes exercitos, prepararam as reformas com que tinham, d'ali a poucos annos, de vibrar na plethora do vigor militar. Breve lançaram as vistas para os dois oceanos e logo entraram de povoal-os com enormes, importantes machinas de guerra. Mas como surdisse nos Andes um pomo de discordia, não descuraram as forças de terra, — e as respectivas guardas nacionaes saíram do séio do povo, com organizações muito serias, muito logicas e notaveis. Hoje em dia, equivalentes forças possuem uma em face da outra e, dentro da paz armada, dirimem as suas pendencias de limites com a fortaleza transmittida pela convicção do proprio valor.

Difficuldades financeiras; embaragos de politica interna; descredito no exterior, decorrente da instabilidade dos governos,—tudo foi impotente

para desviar os estadistas hispano-americanos da capital preocupação da defeza militar de seus nobres territorios. Tal tenacidade honra e exalta os iniciadores d'esses trabalhos relevantes, que produziram a criação, lenta quiçá, mas progressiva e contínua, do poderio militar da Argentina e do Chile.

Que eram, militarmente, estas nações, ao terminar a guerra do Paraguay? Fracos paizes sem exercito homogeneo, sem armada regular.

A seu lado, o Brazil tinha razão em ufanar-se com o galardão da supremacia, outorgada pelos factos victoriosos que o pavilhão de Santa Cruz assignalara rio acima, até ás margens de Aquidaban. D'aquella data nasceu no espirito argentino, com o sentimento da propria inferioridade, a emulação nobilitante pelo esforço em prol da iniciativa competidora. Identica impressão teve o Chile, espectador ponderado da campanha contra López e, pouco depois, agente feliz na lucta com os vizinhos mais fracos. Desde então,

começaram ambos a empresa do reavivamento da sua força publica ; e, á proporção que a sua tenacidade vencia obstaculos e marcava cada anno com uma reforma equivalente a um progresso, — viamos nós, brazileiros, os nossos governos dormindo sobre os loiros da guerra, esquecidos mais e mais dos magnos interesses militares da patria. Veiu do imperio a semente da dissolvencia : amadureceu no alfôbre da incuria monarchica, germinou ao calor da indisciplina e, transplantada para a confusão de 1889, esgalhou-se e refloriu no golpe d'Estado, no contra-golpe e na revolta de 1893. De producção, só contamos o amesquinhamento do exercito, em reduções constantes, e o esphacelamento da marinha : dois fructos inconhos do mesmo tronco lascado pela desidia dos governantes.

Achamo'-nos hoje retrogradados á posição subalterna, no concerto sul-americano. No contraste do desequilibrio, é nossa a inferioridade.

Não penso estar contando inauditas novidades á minha patria : não raro têm resoado no Congresso brasileiro as vozes dos previdentes, descrevendo a situação dos vizinhos, para cautela dos responsaveis pela segurança nacional. Por seu turno, o coronel Guatimosim, addido militar, vae cumprindo o seu dever, na elaboração de informações completas, sob o ponto de vista technico. Seu relatorio, em via de factura, projectará forte luz ao espirito do Governo brasileiro, mostrando-lhe quanto se tem feito na Republica Argentina, depois que o patriotismo dos estadistas resolveu o armamento incondicional, o aperfeiçoamento do exercito e a criação da sua marinha de guerra. Incumbe-me, portanto, occupar-me somente das reflexões que esta situação não deixa de suggerir aos espiritos sagazes.

E' claro que, na actualidade, seria loucura entrever a razão d'esta constante porfia bellicosa do Chile e da Argentina em causas outras que não sejam as pendencias andinas.

Ambos recorrem á força militar, em terra e nos mares, como garantia da sua paz e penhor do respeito internacional que merecem. O advento da Republica no Brazil, determinando o accôrdo de que brotou o laudo do presidente Cleveland, quanto ao territorio de Missões, banii qualquer temor de divergencia nossa com o prospero vizinho do Prata. Isto no que diz respeito á actualidade. Mas, admittindo-se a hypothese, aliás bem provavel, da solução pacifica da questão chileno-argentina, em praso pouco remoto, que deveremos pensar da ameaça de dois colossos armados na proximidade da nossa pobreza militar? E' bem de ver que tal pergunta não envolve offensa, que teria significação quasi temeraria perante a cordialidade de nossas relações internacionaes; mas, se é bem exacto o principio de que « a historia se repete », como não nos preoccuparemos com a triste situação da nossa marinha, outróra dotada de bons vasos de guerra, adstricta hoje a poucos navios arruinados e mal armados?

Paz do continente, magnanimidade internacional, são termos que o optimismo pôde engendrar e relacionar, em hora de bom-humor, porém a lição historica é que, em todos os tempos, a força foi o grande principio juridico dos povos superiores, aguerridos em prolongadas espectativas armadas.

Não são estes, por desgraça, os raciocinios dominantes no Brazil. Affagou-os comtudo o forte espirito de Floriano Peixoto, quando encomendou na Europa alguns navios de guerra, mostrando-se disposto a restaurar a nossa marinha. Por infelicidade, não pôde realizar-lhe os patrioticos intuitos o seu honrado successor; e, ao que presumo, longo tempo decorrerá ainda, antes de vermos attendido aquelle pensamento do precavido estadista. Mau filho seria, entretanto, quem, á vista do acurado empenho de chilenos e argentinos, pela aquisição de novos coiraçados, não falasse á patria a linguagem da prudencia, aconselhando-a a seguir o mesmo exemplo. Claro

está que a minha voz não offende o nobre paiz onde sirvo. Ninguém menos suspeito do que eu, que me tenho empenhado em destruir infundadas prevenções contra a nação argentina. Absolutamente não admitto que, na actualidade, possam advir alterações notaveis nos vinculos entre nós existentes. Occorre, porém, que ao Brazil também cabe, sem discussão, o mesmo direito de pugnar com patriotico ardor pela conquista de recursos militares que o colloquem na plaina de seus vizinhos, como poder armado. Todos nós, com os mesmos motivos, podemos aspirar ao respeito das demais nações e esse respeito, mau grado a pretensa civilisação do seculo, tem os seus ali-cerces nas machinas de guerra.

Tudo quanto não seja discretar por este modo, é devaneio de rhetorico, ou indecisão pusillanime. Prefiro a franqueza, conservando intacto o meu patriotismo.

*

E depois,—que prevenções póde o Brazil provocar, se agir de maneira

a retomar o posto occupado pelo seu antigo exercito e pela sua extincta marinha? N'essas duas adeantadas forças armadas, chegou a propria Republica Argentina a encontrar outróra um valente auxiliar, na campanha contra a vexatoria cobiça do dictador paraguayo, com relação ao predomínio platino. Não será factó extraordinario que novos successos porvindoiros, ainda hoje adstrictos ao cyclo das hypotheses longinquas, exija outra vez a cohesão do sentimento de defeza propria, aqui e acolá, contra um inimigo commum. Mais valerão, pois, as duas forças colligadas, do que a singularidade da acção por parte d'este paiz do Prata. Nem o nosso pundonor nacional permittiria que ficassemos em posição inferior, nem a nobre Confederação teria recursos bastantes para a lucta em favor de ambos.

Hoje em dia, a propria dissençaõ entre o Chile e a Argentina affigura-se-me de pequeno valor. São fogos-fatuos fugazes, que esmaecem breve. A adeantada civilisação de ambos,

a cultura de seus estadistas e o tacto dos respectivos diplomatas, hão de afastar essas ameaças de que tanto se arreceiam os publicistas. Para honra do character commum, as complicações devem de encontrar solução no respeito mutuo e na bôa vontade de ambos os litigantes. Ah! Quão diversa é a séde do perigo real! Conserve cada nação o fogo sagrado do patriotismo, para ateal-o comnosco, seus irmãos pelas aspirações progressistas, em honra e defeza da raça latina, que a rapacidade dos syndicatos vem ameaçando assustadoramente.

Não escutaes já o remoto rolar dos trovões, prenuncios da tormenta? Attendei: vêm do norte... Rolando, rolando, ha bons annos que os espiritos previdentes estão a ouvil-os. Trazem no fragoroso bôjo as vozes estonteadoras dos *reis* omnipotentes, os argentarios que agitam vontades, como manejam milhões. Cada dia mais se approximam esses tredos signaes da tempestade social: — é a tentativa da absorpção que vae assaltar-nos!

Chile, Argentina, Brazil, ramos diversos do mesmo tronco latino, cujo cerne vem de seculos percorrido pela seiva illustre de gloriosa progenie triumphal ! Que sonho mau é este da desconfiança reciproca ? Que incuria a vossa, guardando as communicações internas, se conservaes abertas as portas que dão para o lado do conquistador insaciavel ? Como cuidaes de mesquinhas competencias de territorios, quando são as vossas nacionalidades que vêdes ameaçadas ?

Eia ! Presto formae a cadeia de união em torno á sagrada memoria de vossos antepassados ; e, apparelhando-vos para a alliança contra a usurpação do industrialismo colonizador, salvae, com a flôr do sangue latino, a propria essencia da civilisação !

Buenos-Aires, 1896.



O verdadeiro ministro



O verdadeiro ministro

Desde o tempo do sr. dr. Assis Brazil, segundo creio, o espanhol Thomaz Aldai era porteiro da nossa Legação em Buenos-Aires. Conser-
vou-o o sr. dr. Graccho de Sá Valle, durante a sua longa interinidade como Encarregado de Negocios. Tam-
bém conservaram-n'o os srs. drs. Fernando Osorio e Fernando Ab-
bott:— assim incorporou-se Thomaz Aldai aos moveis do edificio, onde ia ganhando pacatamente a vida, menos com os ordenados, do que com as porcentagens percebidas sobre

o preço real das compras a seu cargo.

Abbott, sympathisando com elle, abriu-lhe as portas a consideraveis franquezas : succedia com frequencia surprehendermol-os a ambos em intimas conversações, sobre ponderaveis assumptos, no gabinete do ministro. Toda a matreirice asturiana do fámulo agachava-se lhe nos sorridentes olhinhos muito redondos, onde a perspicacia de Abbott julgara ler intensa penetração... D'ahi o distinguil-o até com a leitura dos capitulos inéditos de suas obras sobre o Rio-Grande. Ouvia-o o porteiro, com intelligente recolhimento; não raro arriscava atilada ponderação sobre qualquer nota menos exacta; e a docil benevolencia do diplomata acolhia-a então com escrupulosa sollicitude.

Não podia deixar de inflamar-se a lisonjeada vaidade do servical. A pouco e pouco, avultou-lhe a semceremonia com o patrão complacente; já tres mezes depois da chegada do sr. dr. Abbott, o porteiro Thomaz

fôra guindado á posição de informante de s. exc. com relação aos homens e factos da Republica Argentina.

Como era natural, de cada vez que eu penetrava no referido gabinete, quando ali estava o porteiro permutando opiniões com o meu chefe, interrompia este o dialogo, afim de prestar-me attenção; d'est'arte, jamais tive a satisfacção de ouvir longas dissertações a ambos. Apenas podia surprehender-lhes curtas, rapidas phrases, de transcendente relevancia, entretanto. Compreendi logo a razão da preferente sympathia do ministro pelo creado. O que ao principio affigurara-se-me atavica inflorescencia de bom-humor, pela origem britannica do sr. dr. Abbott, ou phantasioso capricho de medico cheio de curiosidade, em busca das impressões sociologicas no cerebro de um analphabeto sagaz, manifestou-se a meu espirito como a ren-dição inilludivel de uma convicção sem discrepancia, perante a superioridade intuitiva do extraordinario

Thomaz. Desde logo, quando eu encontrava-o no gabinete do amo, a debater com este problemas de immigração, ou a estudar os melhores planos de ataque aos revolucionarios rio-grandenses,—não era mais a impressão da surpresa dos primeiros tempos que devia trahir-se-me na physionomia : eu havia de revelar no semblante o mais reverente acatamento pelo illustre, modestissimo Thomaz, que condescendentemente consentia em deixar em descanso, por minutos apenas, vassoira e pá do lixo, para illustrar com preclaras interpretações as intrincadas hesitações diplomaticas do sr. ministro. Imbecil que eu fôra, ha tanto tempo ao lado d'esse diamante valioso e não soubera descobrir-lhe o merito, sob a humildade do traje costumeiro, no biombo da portaria !...

Isto mesmo, esta influencia de tristonha compunção, confirmou-m'a de uma feita o proprio sr. dr. Abbott. S. exc. cortara a conversa com Thomaz Aldai menos rapidamente do que de ordinario, de modo

que ainda pude ouvir a este ultimo profundos, definitivos juizos e opiniões sobre certo estadista argentino, dos mais eminentes. Nos olhos de meu chefe extasiado fulgurou a scintella da admiração mais pura. E quando Thomaz, quiçá arrependido de não ter expressado todo o seu pensamento de castelhano emphatico, ausentou-se para o salão vizinho, espanando os moveis, erguen-se o sr. dr. Abbott e, com enthusiasmo, exclamou, a apontar para a porta :

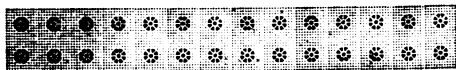
— O verdadeiro ministro do Brazil, — eil-o !

Não duvido que, n'aquelle momento, muita razão tivesse.

Rio de Janeiro, 1899.



A dúas amarras



A duas amarras

A duas amarras estava agarrado ao ganho, em Montevideo, na epocha da revolta da armada brazileira, o subdito portuguez Manoel Rodrigues Vieira, commendador de não sei que Ordem honorifica. Antigo commerciante no Rio, uma fallencia mais ou menos arteira levou-o a emigrar com rumo do Prata. Quando eu o conheci de nome, conseguira elle, por seu notavel geito para os negocios, insinuar-se nas sympathias e até na confiança do marechal Floriano e do sr. dr. Julio de Castilhos. De ambos era agente officioso, com

requintada arte, desde o começo da revolução federalista. Bem depressa, porém, pareceram-lhe pequenos os proventos usufruidos de taes relações. Foi por isso que buscou também a estima dos corypheus da revolta. Seguro e providente, encarou tranquillo todas as probabilidades dos acontecimentos da guerra — e agarrou-se a duas amarras...

Não é Vieira um espirito illustrado, mas possui clara intelligencia e afinado olfacto para todas as empresas rendosas. Sagaz, reservado em occasiões opportunas, sabe falar commedidamente e a tempo, quando assim se torna necessario. E' a matreirice o fundo de seu genio; dissimula-a no proprio habito externo do commendador classico: estatura mediana, proeminente abdomen, fronte encanecida, fartos bigodes grisalhos. Vende optimos vinhos do Porto e os seus serviços estão sempre ás ordens de quem paga bem.

Estereotypemos melhor, em meia duzia de quadrinhos pittorescos, o character d'esse cavalheiro.

Abusando da importancia do cargo de correspondente de um dos mais sérios diarios cariocas, Vieira serviu-se de sua influencia para arvorar-se em fiscal dos actos dos srs. drs. Mello e Alvim, ministro do Brazil e Gomes Ferreira, 1º Secretario, mais tarde Encarregado de Negocios. Não poucos fôram os desgostos proporcionados a estes diplomatas por semelhante interferencia: Floriano Peixoto, aliás astuto, pôde ser illudido com exaggeradas informações e ambos aquelles representantes successivamente pagaram com acintosas disponibilidades a independente energia com que tentaram furtar-se á insolita curatela. Estou longe, note-se, de innocentar de todo os dois funcionarios, aos quaes a opinião publica attribuiria, com que razão ignoro, certa complacencia para com os revolucionarios federalistas. Ouvi dizer, por exemplo, que o sr. dr. Alvim, installando a chancellaria em acanhado local, mediano cuidado prestava a seus deveres officiaes. Também constou-me que o sr. dr. Gomes

Ferreira admittia á intimidade do gabinete o joven Lamas, cidadão oriental, seu velho amigo, a quem chegava a confiar até a melindrosa tarefa da traducção de telegrammas cifrados. Eis, com effeito, faltas graves, por cuja attenuação não posso pugnar. Mas a verdade é que, repellindo a intoleravel tentativa de auctoritaria ingerencia, uma como fiscalisação, da parte de um particular, em actos e gestões privativos da Legação, fizeram elles o seu inteiro dever, já como serventuarios publicos, já como homens de pundonor.

Ao sr. dr. Gomes Ferreira substituiu, como 2º Secretario, um seu quasi-homonymo, o sr. dr. Gomes Pereira. Moço, acabava este de sair de uma faculdade juridica e por completo ignorava não só as praxes diplomaticas, porém ainda o proprio meio para onde fôra servir e onde a casualidade das circumstancias entregara-lhe nas mãos o posto de Encarregado de Negocios. De terrivel hesitação devêra ser o primeiro momento da vida official d'esse inexperto

mancebo. Obedecer aos naturaes instinctos de seu criterio, afastando qualquer pretensão de tutela, seria, pelos modos, votar-se ao desagrado do Governo federal. De mais, como que os factos antecedentes estavam a indicar-lhe o caminho a seguir : pois seus antecessores não tinham sido punidos justamente porque não pediam a Vieira o beneplacito da subserviencia ? Reluctaria, de certo, admitto-o sem esforço, em ceder perante o fiscal officioso do castilhismo. Não obstante, suas aspirações de caloiro diplomatico possuiram mais força e, aos poucos dias da chegada de sr. dr. Gomes Pereira a Montevideo, este moço não somente achava-se debaixo da pressão fiscal do astucioso commendador, mas também acceitara o offerecimento de Vieira para ir hospedar-se-lhe em casa, com a propria familia.

*

Foi, n'esse interim, nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Republica Oriental do

Uruguay o sr. dr. Victorino Monteiro. As primeiras nuvens precursoras da grave crise nacional que foi a revolta de parte da marinha andavam já obscurecendo o ceu politico de nossa patria. Urgia trabalhar pela paz e Victorino Monteiro, para não perder tempo, seguiu destino de seu posto, pelo interior do Estado do Rio-Grande do Sul, onde encontrava-se.

Este patriota bem conhecia os antecedentes de Vieira, toda a dissimulada manha com que costumava proceder perante a Legação em Montevideo. Chegando a uma das localidades da fronteira, soube, por telegramma de amigos, que o dito Vieira preparava-lhe festiva recepção na capital uruguaya. Contrariou-o profundamente esta nova, e, de prompto, n'um dos seus bellos impulsos de franqueza e independencia, telegraphou ao Encarregado de Negocios, declarando que « não queria acceitar manifestações ». Tal despacho telegraphico significava claramente a resolução de Monteiro, de operar sosinho, sem extranhos

concursos officiosos. Qualquer outro individuo julgaria sufficiente a licção e nem sequer appareceria aos olhos do orgulhoso ministro, não é verdade? Pois Manoel Rodrigues Vieira, ao desembarcar o nosso diplomata na estação da estrada de ferro, lá estava ao lado dos amigos de s. exc. Acompanhou-o á residencia, com zumbaias e lisonjas, acolhidas por assombrosa frieza.

Depois, entrou a frequentar a Legação, obsequioso e grave. Claro está, para os que conhecem o genio do sr. dr. Victorino Monteiro, que lhe não faltaram desagradaveis desacoroçoamentos. Elle, entretanto, possuia coriacea a epiderme da sensibilidade ethica, fingia-se desentendido e, ao dia seguinte, ou na mesma tarde, lá estava de novo. Foi mistér o emprego de linguagem mais clara, determinada pelos successos posteriores, para desilludir-se Vieira, e afastar-se de vez, convencido realmente da existencia de homens de acção e força de vontade.

Em suas importantes cartas ao marechal Floriano, o sr. dr. Victorino Monteiro informou-o com exactidão sobre as manobras do seu perigoso serviçal do Prata. No entanto, a realidade historica obriga-me a verificar e confessar que, por elevado e sagaz que seja o espirito de certos homens; por patrioticos e nobres que sejam seus impulsos, não podem, ai ! em determinadas circumstancias, furtar-se ás contingencias das terrenas descaídas. Ou por incredulidade propria, ou pelos effeitos neutralisadores da acção de certos elementos da politica d'aquella occasião, — o facto é que, mesmo dando a Victorino Monteiro toda a força do seu apoio e confiança, Floriano Peixoto nunca deixou de utilizar-se dos serviços de Vieira.

Provas, poderia eu citar-as ás duzias. Limito-me ás seguintes.

A permanencia do 2º Secretario dr. Gomes Pereira, com sua respeitavel familia, em casa de Vieira, desgostara bastante ao sr. ministro. S. exc. fez-lhe ver que tal procedimento

incommodava-o, tanto pelos comprehensíveis motivos officiaes, como pelas suas relações de parentesco affim. Não foi attendido. Então, juntando esta causa a razões de melhor serviço, pediu a retirada d'esse Secretario. Attendeu-o, incontinenti, o Governo federal, removendo o sr. dr. Gomes Pereira para a capital do Paraguay.

Esta prova de attenciosa harmonia, aliás, foi talvez a inicial, na serie de honrosissimas demonstrações de perfeita confiança votada ao sr. dr. Victorino Monteiro pelo patriota de Itamaraty.

Mas ao mesmo tempo, e simultaneamente, Vieira conseguia receber do Governo federal importantes commendas de artigos bellicos. Uma ordem de pagamento, no valor de algumas centenas de contos, era a favor do sr. dr. Gomes Pereira e estava contida em telegramma do Banco da Republica, ao Banco Italiano del Uruguay. Finalisava essa ordem recommendando « que fôsse

feita a operação de modo a ignoral-a o sr. dr. Victorino Monteiro ».

E assim, por varias vezes, certa firma supposta, que Manoel Rodrigues Vieira incarnava exclusivamente, recebeu importantes quantias do thesoiro federal.

Adeante referirei outro facto, que mais directamente explica o titulado das presentes linhas.

*

Eis um novo episodio entre Vieira e o sr. ministro do Brazil, n'aquella época.

O Lloyd Brasileiro estava a lutar com difficuldades pecuniarias, das quaes resultaram varias irregularidades nas partidas de seus vapores da linha de Montevideo a Matto-Grosso. Um d'estes atrazos coincidiu com as medidas de ordem tomadas pelo ministro, logo após a declaração da revolta naval no Brazil, de modo a haver quem attribuisse á Legação a demora, de que advinha real prejuizo para os passageiros em transito. Entre estes, achava-se o sr. dr. Caetano

de Faria Albuquerque, deputado federal. Após alguns dias de espera, o sr. dr. Caetano de Faria dirigiu-se á Legação, pedindo para falar ao sr. ministro. Recebido pelo diplomata, então rodeado de varias pessoas, no meio das quaes Vieira impava de petulancia, disse-lhe ter sabido que a detenção do paquete era attribuida á sua permanencia a bordo, e por ser elle um dos representantes da nação adversos ao marechal. Resolvêra, pois, visitar o sr. dr. Victorino Monteiro, para rogar, não ao diplomata, mas ao seu antigo e prezado collega da Camara, consentisse na partida do vapor, a bem dos interesses dos muitos companheiros de viagem, tão largamente prejudicados pela demora. Concluiu com uma rapida allusão á sua attitude politica, dizendo-se incapaz de ir conflagrar o seu Estado.

Retorquindo-lhe cortezmente, o sr. dr. Victorino Monteiro aproveitou o ensejo para desauctorisar o boato corrente. Com effeito, disse, o paquete não podia partir, mas por falta de

dinheiro para imprescindiveis despesas e absolutamente não por qualquer ordem sua. Elle, ao contrario, já telegraphara ao Governo, demonstrando-lhe a necessidade de remediar com urgencia essa desequilibrada situação do Lloyd no Prata. E, por natural impulso do seu genio ardoroso, terminou com fina ironia, insinuando que o Governo federal não se arreceiava da competencia do sr. dr. Caetano de Faria em Matto Grosso.

Depois de retirar-se o deputado, talvez desilludido do valor de sua personalidade politica, acercou-se do ministro o commendador Vieira e, com ar superior, perguntou-lhe perante diversas pessoas :

— Pois v. exc. recebe este *mara-gato* ?

A resposta de Monteiro foi esta, quasi palavra por palavra :

— Com effeito, recebo este *mara-gato*, como receberia qualquer outro, e havia de tratal-os sempre com urbanidade e deferencia. Sejam quaes fôrem as suas opiniões politicas, o

sr. dr. Caetano de Faria é meu collega na representação nacional, é um compatriota, em summa, e isto aqui chama-se a Legação do Brazil. A quem eu não deveria receber é aos estrangeiros intrigantes e ousados!...

*

A duas amarras, — foi dito na epigraphe do presente capitulo. Prove-mol-o.

Uma vez dado o rompimento com o sr. dr. Victorino Monteiro, o astuto personagem effectuou surprehendedentes variações á feição de seus telegrammas para o jornal carioca. Não atrevia-se a fazer inteira vira-volta, mas transmittia ambigvas informações, que suscitaram desconfianças á administração da folha. Esta escreveu-me, solicitando a indicação de outro correspondente, menos parcial. Apresentei-lhe o sr. dom Julio N. Viana, cidadão oriental, muito criterioso e inteiramente desligado de preocupações politicas. Imagine-se o despeito de Vieira, ao saber da substituição!

Por esse tempo, a esquadra revoltosa operava nos mares do sul e Santa Catharina achava-se em poder dos adversarios de Floriano. Em bôa parte da opinião publica no Prata, acreditava-se que a revolta venceria afinal e este boato devêra de dar frequentes colicas ao ambicioso Vieira. Urgia garantir-se por ambos os lados.

Vejamos como arranjou-se elle para tal fim.

Aconteceu que, do Rio de Janeiro, ordenaram-lhe remetteste a consideravel quantidade de polvora comprada pelo meio clandestino que atraz ficou revelado. Elle fretou um rebocador, e fez o embarque do perigoso artigo n'uma alvarenga. Poucas pessôas sabiam da manobra, porque esta expedição foi effectuada secretamente; mas é claro que a Legação conhecia-a, não obstante as recomendações para que tudo se realisasse sem a audiencia do sr. dr. Victorino Monteiro, conforme já denunciarei. Lá seguiu a polvora, rumo da bahia de Guanabara ... Dias

depois, correu a noticia da sua apprehensão pelos revolucionarios de Santa Catharina !

Falou-se, então, no seguinte. Mal zarparam rebocador e alvarenga, partiu-lhes atraz um vaporzinho expresso, — o *Republica*, se não estou enganado, — para annunciar ao chamado Governicho a passagem do valioso carregamento. Accrescentou-se que tal denuncia provinha de quem podia fazel-a e por ella pagaram bôa esportula os revolucionarios...

Mas o melhor do episodio ainda está por contar. A voz publica affirmou, por aquelle tempo, que n'esta bem engenhosa combinação, houve dois lôgros certos e um só ganho garantido: lôgro para o Governo federal, que julgou realmente apprehendido todo o importante carregamento e lôgro para os revolucionarios, que tiveram a surpresa de encontrar na alvarenga apenas uma irrisoria quantidade de polvora, — quando já haviam generosamente remunerado a denuncia.

De quem foi o ganho exclusivo ?

**Adivinhe-o a argucia do leitor
malicioso.**

Buenos-Aires, 1896.



A lição dos algarismos



A lição dos algarismos

Tempo houve, na Republica Argentina, em que as paixões partidarias, aviltando os surtos da politica elevada, produziram profundas crises economico-sociaes, de lastimaveis effectos. Foi a epocha dos pronunciamentos militares, sem instabilidade para as garantias das classes nacionaes, — momentos de lucto e agonia, quando a febre do mando arastava aos desvarios mais insensatos punhados de estadistas. Veiu depois a quadra das especulações bursáteis, — a vertigem dos syndicatos, cujo

nervo a raça latina possúe atrophiado, os arrancos do *ensilhamento*, o apogêo da loucura financeira.

De ambos esses excessos resultaram tremendos effeitos moraes e materiaes, o depreciamento das forças vivas da nação, o seu descredito no exterior, todos os desastres d'uma situação inconsistente na politica e desequilibrada nos orçamentos.

Violento foi o golpe, severissima a licção. Mais de um povo, perante o descabro, descreria do futuro e deixaria de reagir. Mas o argentino soube encontrar na consciencia a verificação dos males de que soffria; sondou-os calmo, estudou-lhes o character, buscou e conseguiu debelal-os. Em poucos annos, o frenetico passado foi um sonho mau, cuja reproducção convi ha evitar. Por uma admiravel aspiração de gloriosa grandeza, povo e governantes fraternisaram na mesma aspiração pelo progresso da patria. Foi a cohesão do patriotismo e do trabalho o escôpo supremo de toda a gente. Os gover-

nos iniciaram medidas energicas, gestões prudentes no exterior, para o restabelecimento das finanças. Ao mesmo tempo, nem um só instante esqueciam-se das providencias garantidoras da estabilidade interna do poder publico. E d'esta intima solidariedade das classes conservadoras, brotaram, em menos de 10 annos, os mais beneficos effeitos, — a restauração das forças armadas, a reorganisação administrativa, o impulso da agricultura e das industrias, o credito, a paz, — esta prosperidade crescente, que deve ser-nos espelho e emulação, a nós, brasileiros, verminados de males tão identicos.

Escutemos a voz dos algarismos: dão-nos elles a lição tremenda da verdade, indicando onde se encontram os recursos nacionaes, determinantes dos equilibrios orçamentarios.

Em 1868, a população da Republica Argentina era de 1.791.544 habitantes.

A importação ascendeu a...	42.412.540 pesos
A exportação foi apenas	
de.....	29.709.711 "
Dez annos mais tarde, em	
1878, com uma popula-	
ção de 2.396.401 habi-	
tantes, a cifra da impor-	
tação consignava.....	43.759.125 "
E a da exportação.....	37.523.771 "

E' ainda consideravel a differença.
Vejamos outros annos subseqüentes:

Annos	Popul.		Import.		Export.
1880	2.542.342	h.	45.535.880	ps.	58.380.787 ps.
1882	2.697.170	"	61.246.045	"	60.388.939 "
1884	2.861.428	"	94.056.144	"	68.029.836 "
1886	3.035.689	"	95.408.745	"	69.834.841 "
1888	3.220.563	"	128.412.110	"	100.111.903 "
1889	3.317.180	"	164.569.884	"	90.145.355 "
1890	3.416.696	"	142.240.812	"	100.818.993 "
1892	3.624.773	"	91.481.163	"	113.370.337 "
1894	3.845.521	"	92.788.625	"	101.687.986 "
1896	4.079.712	"	112.163.591	"	116.802.016 "
1897	4.202.103	"	98.288.948	"	101.169.299 "

O observador notará que, emquanto cresce a população, dá-se o natural augmento da importação; mas, contrabalançando este effeito, a exportação avulta de anno para anno, com saldos consideraveis. Quando operou-se o contrario d'este resultado, foi justamente no periodo das dissensões partidarias e do transviamento da Bolsa, oriundo da

megalomania do tempo de Juárez Célman. Decorrêra também das calamidades a que estão sujeitas as indústrias ruraes, — segundo a justa observação do abalisado sr. F. Latzina.

*

Quer o leitor vir commigo examinar alguns dados da estatística do commercio especial exterior da Argentina com o Brazil? Veremos os algarismos da importação e exportação no ultimo decennio de 1888 a 1897 — e depois que tire cada qual os ensinamentos que o seu raciocinio suggerir.

Annos	Import. Pesos	Export. Pesos
1888.....	2.377.734.....	2.460.451
1889.....	2.601.017.....	3.690.000
1890.....	3.354.566.....	4.136.000
1891.....	1.497.434.....	5.153.000
1892.....	2.107.188.....	5.125.000
1893.....	2.117.377.....	5.298.000
1894.....	1.980.468.....	6.794.000
1895.....	4.095.665.....	8.096.105
1896.....	5.152.621.....	9.841.460
1897.....	4.761.505.....	8.685.187

Não podemos queixar-nos: mau grado a falta de propaganda e as

difficuldades com que a nossa produção nacional tem luctado nos ultimos tempos, a importação de productos brazileiros na Argentina tem sido sempre crescente. Muito maior vae sendo a exportação do mesmo paiz com destino ao Brazil: as causas de tão auspiciosa situação residem não somente nas vantagens que lá encontra o nosso commercio, mas também na expansão da agricultura e das industrias, com o uso de apparatus modernissimos e nas animações que a actividade individual recebe ali dos poderes publicos.

Productos que exportamos para a opulenta Confederação acham acolá a concorrência de seus similares oriundos de outros nucleos; ao passo que nós vamos n'esse paiz abastecer-nos de artigos que de nenhum outro ponto do globo poderiam vir-nos em melhores condições de preço e qualidade.

São estes detalhes que merecem examinados, sem preconceitos nem infundadas prevenções. Da attitude do poder legislativo brazileiro, quanto

ás medidas referentes ás transacções pelas fronteiras do sul, depende sempre a acção do Congresso Argentino, a respeito das tarifas para os productos brazileiros. Que me recorde, jamais partiu de lá a iniciativa dos tropeços ao intercambio.

Está eleito presidente da Republica Argentina e assumirá o governo a 12 de outubro do corrente anno, o illustre general dom Julio Argentino Roca, de cujo character não podemos esperar senão animações á cordialidade internacional e, principalmente, á expansão das relações politicas e commerciaes com o Brazil. Seu nome glorioso.—que repercute no Prata como o do estadista eminentemente que pacificou o Pampa e tomou parte na pesada e triumphante empresa da regeneração de sua patria, —é garantia d'estes solennes auspicios.

A acção de Julio Roca, o mais sagaz dos politicos militantes da Argentina, occupa, na phrase de um contemporaneo notavel, o sr. dom Mariano Pelliza, um periodo de 20

annos, durante o qual coube lhe a honra, ou a sorte, de ser o mais afortunado dos estadistas argentinos, associando o seu nome e vinculando-se aos grandes progressos que esse paiz realisou no derradeiro quartel do seculo XIX.

Seja elle, pois, o digno continuador da pacifica e laboriosa administração do presidente Uribúru ; e que no seu governo, como no d'este, encontre o Brazil o mesmo fiel interprete dos amistosos sentimentos que, já uma vez, ligando os nomes e a acção de Mitre, Flores e Caxias, congraçaram gloriosamente as tres nacionalidades irmãs.

Rio, 1898.



Prevenindo



Prevenindo

Julgo necessaria uma prevençãõ.

Ha tres annos, prometti ao paiz «uma obra de saneamento moral»: —ahi a entrego á curiosidade publica.

Este volume, escripto com inteira sinceridade, desvenda vergonhosas manobras, cuja narrativa a ousadia dos potentados pensava embalde poder abafar commigo, sob as pesadas portas de um carcere.

Este volume é a justã desforra de uma perseguiçãõ sem tréguas, —a reacçãõ contra a suffocaçãõ das leis

e o desabafo intransigente de quem soffreu a dupla agonia de humilhante prisão e de inolvidaveis saudades pela familia distante.

Este volume é a obra do justicamento inilludivel, que a Providencia dos desventurados pela minha mão descarrega sobre a cabeça dos reprobos.

A fundo conheço o vingativo caracter do principal personagem desenhado n'essas paginas. Tenho-o capaz d'uma desforra material, com o auxilio de mercenarios sequazes, — o que é menos compromettedor...

Pelas cochilhas do Rio-Grande não será talvez difficil achar punhal ou garrucha que se compraza em viajar até ao norte do paiz...

Não importa! Venha o sicario! Não será a minha morte que ha de impedir a publicação do 2º volume d'esta obra: os originaes, já organisados, encontram-se em logar seguro, de onde sahirão em tempo opportuno, para cima dos caixotins typographicos.

Mesmo depois de trucidado, à minha memoria levantar-se-ia mais solennemente d'aquellas novas paginas, para apontar o meu algoz á placida disciplina do Codigo Penal e á repulsa do Brazil inteiro.

E meus filhos, conhecendo o nome do verdadeiro assassino de seu pae, sempre saberiam, na mocidade, tomar caminho do sul, para a terrivel, legitima represalia !

Rio de Janeiro, 1899.



Indice



Índice

	PAGINAS
DEDICATORIA	9
EPIGRAPHS	11
Escorço de um estudo.....	13
Em frente a Assumpção.....	21
Um typo.....	27
Em defeza propria.....	38
Resposta inesperada.....	91
Diplomacia vêsga.....	99
Perfis montevidéanos.....	111
Um ideal.....	123
Notas fugazes	131
Um erro economico.....	145
Um sobrinho de López.....	153
O nosso papel-moeda falsificado na Argentina.....	163
A demissão do dr. Lins de Almeida.	173
A divida do Paraguay.....	187
Phantasias.....	205
A guerra.....	213
Um homem energico.....	235
Abbott diplomata.....	245
Um punhado de notas.....	295
Os ármamentos.....	303
O verdadeiro ministro.....	317
A duas amarras.....	325
A lição dos algarismos.....	343
Prevenindo.....	353

Erratas

Os principaes erros são os seguintes :

pag.	Lin.	Onde se lê :	Leia-se :
50	28	José Evaristo Uribéru	Saenz Peña
57	20	deixa-	deixas-
90	14	Ferreira,	Ferreira, Ma- cedo Soares e Barão de Pe- reira Franco.
„	17	accordo	accordão
82	27	lição	licção
85	17	prepararmos	apparelharmos
06	17	pelica	pellica
16	14	exterior	interior
34	14	asu	sua
37	23	apresentavam	perflavam
88	11	apresentadas	perfladas
96	28	cumpri	cumprir
92	7	provações	privações
91	28	roupa	roupa a
70	14	Burrich	Bulrich
91	14	transcedente	transcendente
96	6	o depreciamento	a depreciação

a/64
1/1 X k - 1/1000

ESTE VOLUME
foi impresso e brochado pela
TYPOGRAPHIA ALDINA
96. Rua da Assembléa, 96
RIO DE JANEIRO

20 de julho de 1899

87.000
1000
1000
1000
1000

U.S. 1- -

Reservado -

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 081 415 2

